Actualidade indigena

Telemaco Borba

Digitized by Google



THE
NETTIE LEE BENSON
LATIN AMERICAN COLLECTION
of
The General Libraries
University of Texas
at Austin

F
2596
P21

UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS

3026610147
0 5917 3026610147

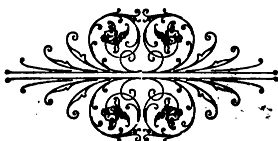
Digitized by Google

Digitized by Google

Telemaco Borba

Actualidade Indigena

PARANA'—BRAZIL



CORITIBA
Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense
1908

Digitized by Google

Digitized by Google

O Sr. Coronel Telemaco Borba, paciente observador criterioso, resolveo reunir em volume, sob o titulo *Actualidade Indigena no Paraná*, seos estudos respeito ao aborigene.

O trabalho se recommenda, já pelo assumpto que merece o carinho de nossos patricios, mormente quando o assassinio impune e a criminosa incuria concorrem para anniquilar elemento preciosissimo a nossa nacionalidade; já porque fructo de observação directa por dilatados annos.

Escriptas em differentes epochas, as partes do livro não guardam, quiçá, rigorosa unidade, — o que de resto não prejudica o valor documental dos capitulos.

Infelizmente, não poude o auctor fazer a revisão typographica, nem conhecia o revisor os dialectos, louvando-se apenas na orthographia dos *originaes*, cuja uniformidade andava prejudicada, porque diversos os copistas.

A resalva de uma *errata*, se bem que afeiando a obra, se fez necessaria, comquanto insufficiente. Em

Digitized by Google

outra edição, taes senões serão mais facilmente evi tados.

Ao amigo que me distinguio com sua confiança, cabe-me pedir reiteradas excusas. Não me supprio a boa vontade a incompetencia, mao grado o excessivo escrupulo.

Retiro Saudoso (Coritiba), 14 de Agosto de 1908.

DARIO VELLOZO.



Digitized by Google

Ao sabio Amº Erasmo Braga, offerece o velho. Telemaco Morosini Borba
Tibagy, Paraná, 25-5-09.
Esquecer? porque? os velhos vivem da lembrança!

Ao leitor

O pouco que, a respeito dos indigenas deste Estado, neste folheto escrevemos, é devido á observação que, pelo convivio com elles, desde 1863, temos feito, sem consultar opiniões de escriptores, que não conhecemos, que delles tenham *por ventura* tractado.

Apezar de nossa ignorancia, percebemos que este folheto é imperfeitissimo, tanto pelo estylo, como pela falta de correcção ; mas, cada um dá do que tem e como póde.—Se não nos lembrassemos que os indigenas tendem a, em breve, desapparecer ; que poucos são os que se preoccupam com estes assumptos, quo a maior parte de nossos patricios até os julgam ociosos e desnecessarios, não teriamos nos dado ao trabalho de escrever as observações que colligimos. Ellas ahi vão ; desejamos que sejam uteis aos estudiosos. Garantimos, sob nossa palavra de homem velho, que escrevemos só a verdade, sem nada inventar.

Tibagy, Novembro de 1901.

Telemaco M. Borba.

Digitized by Google

Digitized by Google

Breve noticia sobre os Indios Cainguangues, que, conhecidos pela denominação de Coroados, habitam no territorio comprehendido entre os rios Tibagy e Uruguay. (*).

HISTORICO

Dizem, estes Indios, que seos antepassados habitavam o territorio das actuaes comarcas de Castro e Guarapuava, de onde dirigiam seos assaltos aos habitantes das órlas do sertão e aos tropeiros e viajantes que percorriam a estrada que do Estado do Rio Grande do Sul se dirigia a este. Quizeram oppor-se ao povoamento de Guarapuava, que atacaram no principio; mas foram vencidos, dizem elles, em um grande combate onde perderam muita gente ; depois desse desbarato continuaram seo velho systema de sorprehender traiçoeiramente, tanto os desprevenidos habitantes dos campos de Palmas e Guarapuava, como aos descuidados tropeiros ; mas, neste seo modo de proceder, de vez em quando, soffriam grandes revezes, e as represalias por parte dos habitantes daquellas regiões, coadjuvados pelos caciques *Condá* e *Viry*, eram-lhes sempre funestas.

(*) Esta noticia foi escripta em 1882 ; encontra-se na Revista da Sociedade de Geographia de Lisboa (no Rio de Janeiro) e na *Chorographia* de S. Paraná.

Digitized by Google

Em 1856 ou 57 foram atacados, em seos toldos do valle do Piquiry, pela gente do cacique Viry, que lhes matou muitos guerreiros,aprizionou alguns e queimou-lhes os ranchos. Desanimados, por este e outros revezes, grande numero delles vieram procurar nossa amizade, aprezentando-se, em 1858, na colonia militar do Jatahy, onde era então Director o Major reformado Thomaz José Muniz, que bem os recebeo e tractou, annuindo a seos pedidos de paz.

O Governo tractou de aldeal-os em São Jeronymo, e depois tambem em São Pedro de Alcantara; em São Jeronymo ainda existe grande numero delles, mansos e industriosos, graças aos esforços que para os civilizar tem empregado o virtuoso e dedicado missionario Frei Luiz de Cemitille.

Os de São Pedro de Alcantara, desgostosos do procedimento de especulação que com elles tem Frei Timotheo de Castel-nuovo,de lá teem se retirado e hoje, pacificamente, habitam os sertões dos valles do Tibagy e Ivahy. Os que ainda não se domesticaram,mas, que tambem não nos teem assaltado, vivem vagando pelos sertões do Piquiry baixo, Ivahy e Iguassú. Em 1876, explorando o Piquiry, tivemos pratica e tracto com elles, em seos arranchamentos; nessa occasião conseguimos que vinte e cinco delles viessem ao Jatahy, onde então residiamos, brindando-os com facas, fouces e machados; tornaram satisfeitos a seos toldos.

São estes Indios bem conformados, de estatura regular, peito largo, cheios de corpo, mãos e pés pequenos, dedos finos, cabeça regular, testa e olhos pequenos, estes um pouco obliquos, maçans do rosto salientes, nariz pequeno e um pouco chato, bocca grande, labios grossos, dentes grandes e bem dispostos, orelhas pequenas, pescoço curto; arrancam os cabellos do corpo,inclusive os das sobrancelhas e pestanas; os da cabeça, tanto homens como mulheres, os trazem

Digitized by Google

tonçurados como os frades, com uma larga corôa no centro ; são de côr baça e feições grosseiras e feias.

VESTUARIO

As mulheres andam cobertas, da cintura para baixo até os joelhos, com uma tanga de um tecido feito por ellas com fibras extrahidas da ortiga grande ; os homens andam. nús, mas teem, quasi todos, uns grandes mantos, *curú-cuxa*, feitos tambem com fibras de ortiga, com os quaes dançam em suas festas e cobrem-se nas noites frias.

SYSTEMA SOCIAL

Vivem reunidos aos magotes de 50, 100 e mais individuos, sob a direcção de seos caciques, porém em todo o tempo a autoridade destes é quasi nulla ; é só por meios persuasivos, brandos, e dadivas que podem conservar algum ascendente sobre seos companheiros, isto é, conserval-os em seos toldos ; no momento em que abandonam estes meios de dominio, ficam isolados de seos *subditos*, e até seos proprios filhos e parentes os abandonam á procura de outro chefe mais liberal e menos despotico. Geralmente os caciques, e ainda os que mais trabalham, são os que menos objectos teem, pois é de regra entre esta gente, que nunca se deve negar o que é pedido ; e uma das maiores injurias que se lhes pode dirigir é chamal-os de poucos liberaes,—*deicamá*.—E' gente de caracter altaneiro e independente que não presta obediencia a ninguem ; e só por meio de dadivas e boas maneiras se póde delles conseguir alguma obediencia.

CRENÇA SOBRENATURAL

Acreditam em um ente bom, a que chamam ***Tupen***, que os dirigirá na outra vida, ou terra de abun-

Digitized by Google

dante caça, onde viverão sem trabalho caçando antas gordas, sem necessidade de correr pelos mattos para apanhal-as, pois ellas mesmas se lhes virão offerecer ás suas flechas; isto dá-se em relação ás almas dos valentes; as dos covardes, ficam morando na terra, alimentam-se com minhocas e arrebatam as almas das creanças para viverem com ellas na terra; estas almas, —*vaccopri*, são muito temidas pelas mães dos recem-nascidos. Ha alguns entre elles, os mais velhacos, que se inculcam como tendo correspondencia, por mei o de sonhos, com *Tupen*, e predizem os tempos bons ou maos, e as occasiões para as boas caçadas; estes, geralmente, são os velhos caciques que se servem deste meio para não serem abandonados por seos companheiros.

SENTIDOS

Teem a vista, o olfacto e o ouvido de uma sensibilidade e delicadeza extraordinarias; enchergam à grande distancia, e lhes é cousa facilima o seguir pelo matto o rasto da caça, do inimigo ou dos de sua gente. O seo olfacto faz-lhes conhecer com certeza e distinguir a approximação das cobras e outros animaes nocivos. Ouvem e distinguem, à distancia, o pizar macio e traiçoeiro do tigre.

HABITAÇÕES

Não teem habitação permanente; geralmente se mudam todos os annos, á proporção que vão rareando os meios naturaes de sua subsistencia.

Quando encontram local abundante em caça e mel, constroem grandes ranchos, de 25 a 30 metros de extensão, cobertos e cercados com folhas de palmeira, sem nenhuma divisão interna, com uma pequena abertura em cada extremidade, servindo de porta, por

Digitized by Google

onde só pode passar, abaixada, uma pessoa; no centro destes ranchos accendem os fogos para cada familia; dormem sobre cascas de arvores, extendidas no solo, com os pés para o lado do fogo, indistinctamente homens, mulheres e creanças.

Nunca varrem seos ranchos; quando estes ficam muito sujos e cheios de pulga, os queimam e constroem outros.

UTENSILIOS

Muito poucos utensilios teem, e estes compõem-se geralmente de: Uma panella de barro (*còcron*), um machado de pedra (*póbéng*), um pequeno pilão (*craie*), cuja mó geralmente é de pedra, uma peneira, um cesto (*queinhe*), algumas cuias, porungos ou cabaças (*rundia*), e pequenas lascas de pederneiras, (*loi*), que lhes servem de instrumentos cortantes. Os que vivem nos aldeamentos e suas immediações já teem alguns outros objectos e utensilios dos que usamos.

ARMAS

Suas armas são: arcos (*uy*), flechas (*dou*) e lanças (*urúgurú*), todas muito bem feitas e de madeira fortissima. As pontas das flechas são de osso de macaco e bugio e algumas de ferro.

Em seos assaltos, que são sempre dados á traição, servem-se de cacetes de madeira dura, os quaes deixam sobre os cadaveres de suas victimas; os que vivem na aldêa de São Pedro de Alcantara, já uzam armas de fogo que lhes vende o missionario Director.

São bons atiradores, tanto com flechas como com espingardas; raramente erram o alvo que vizam.

CAÇADAS

Para fazerem suas caçadas, reunem-se aos grupos de dez a vinte individuos, grande quantidade de

Digitized by Google

cães, quasi sempre magros ; seguem o rasto da caça até della se approximarem ; quando esta os percebe, soltam os cães e com grandes alaridos acompanham-os até alcançal-a e matal-a. Se é caça grossa, anta *(oyoro)*, tiram-lhe as entranhas, dão o sangue aos cães e deixam-a dentro d'agua ; n'outro dia vão conduzil-a a seos ranchos, onde assam pelo modo seguinte : fazem no chão uma cova, proporcional ao tamanho da caça, põem-lhe fogo dentro e muita lenha, sobre esta quantidade de pedras ; quando as pedras estão vermelhas e a lenha reduzida a brazas, forram a cova com folhas de palmeira, deitam nella a carne com o couro, previamente queimados os pellos, e a cobrem com as mesmas e outras folhas e muita terra por cima de tudo.

Ao outro dia descobrem a carne que está perfeitamente preparada, é muito saborosa, e assim a comem sem adubo. A caça miuda comem assada sobre as brazas, ou em pequenos giraos, e algumas vezes tambem cozida, depois de primeiramente moqueada ; caçam os passaros em choças, com um laço na ponta de pequenas varas, laçando-os pelo pescoço.

ALIMENTAÇÃO

Alimentam-se de peixes, que apanham em seos *parys*, mel, fructas, caça, para apanhar a qual são destrissimos e grandes corredores no matto ; de algum milho, abobora e feijão que por acaso plantam. Tendo o que comer, comem a toda a hora que lhes vem o appetitte. Comem todos juntos á mesma panella, de cócoras, servindo-se das mãos ou de pedaços de taquara ou madeira para levar o alimento á bocca.

Quando teem o que comer, são grandes comilões ; porém, o pouco tambem basta a muitos, e cada um satisfaz-se, ás vezes, com um só bocado. Como no territorio onde vivem a caça é muito abundante, não co-

Digitized by Google

mem certos animaes e escolhem aquelles cuja carne é mais a seo paladar. As caças que mais apreciam são: a anta, o macaco (*caiêre*), bugio (*gongue*), porcos do matto, (*crengue*), tatetos (*ókxá*), quaty (*xeê*); comem muitas hervas do matto e entre ellas a ortiga grande, caragoatá e uma especie de alga ou musgo de ramos mui finos e delicados que nasce nas pedras das cachoeiras dos grandes rios. Não comem a carne dos veados, (*carubé*), pacas (*cocamé*), cotias (*quexóngue*), e outros animaes. Quando acabam de comer limpam as mãos no cabello e logo depois vão lavar todo o corpo ao rio, o que fazem todas as vezes que comem de dia.

CASAMENTOS

Estes Indios são polygamos, cazam-se com quantas mulheres podem e os querem receber; geralmente, porem, não passam de quatro a seis, e estas quasi sempre da mesma familia. Não cazam com as filhas dos irmãos, que consideram como suas, preferindo, entretanto, as filhas das irmans para suas esposas; julgo ser este o motivo de tão poucas brigas e resingas no *lar domestico* delles. Os homens não tomam mulher antes dos 18 annos ou 20; nessa edade, quando encontram mulher ou menina de seo gosto, pedem-a ao pae, fazendo-lhe algum presente; se este annue ao pedido, o noivo fica aggregado á familia da noiva, que, se é moça, fica-lhe pertencendo, sem necessidade de ceremonia alguma; se esta é ainda menina, fica o noivo, pela mesma forma aggregado ao sogro, a quem faz todo o serviço, como seja: caçadas, roças, lenha, etc., até que a noiva attinja de dez a doze annos. Desse tempo em diante, ou continúa na companhia do sogro, ou procura outra familia, levando a mulher; mas, isto raras vezes acontece.

E' muito raro os maridos abandonarem as mulhe-

Digitized by Google

res ; mas estas, quando moças, com facilidade os abandonam para unir-se a outro ; quando se dá este caso, escondem-se no matto seis ou oito dias; se nos primeiros dias o marido os encontra, e o amante não é valente, aquelle lhe applica uma boa sova de pao e a infiel volta ao lar que tinha abandonado, sem mais nada lhe resultar do que um accrescimo de affeição por parte do marido.

PARTOS

Quando se sentem proximas de dar á luz, se é de dia, vão ao matto com uma companheira ; logo depois do parto entram na agoa dos arroios, lavam-se com o recem-nascido e vão para seos ranchos, onde continuam a tratar de seos misteres,como se nada lhes houvesse acontecido. Os maridos tratam as mulheres com muita brandura, consultam-as em seos negocios, andam quasi sempre juntos e com os filhos, para os quaes são amorosos ao ponto de nunca os castigar ou mesmo reprehender com aspereza ; pelo que, estes, pouco respeito lhes tem, chegando ao ponto de,quando grandes, os maltratarem, até com pancadas, como temos presenciado. As mães andam sempre com os filhos novos ás costas, embrulhados em *curús* e com uma faixa larga de imbira passada pela cabeça para os supportar ; amamentam-os por dous a quatro annos, geralmente até terem outro.

MEDICINA E ENTERROS

Quando algum adoece, tratam-o por meio de fricções, com summos de hervas e plantas delles conhecidas; se teem alguma dôr local, passam sobre a parte uma larga imbira que apertam envolvendo a parte dolorida ; o tratamento é feito sempre junto a um grande

Digitized by Google

fogo,perto do qual conservam o doente. Se este peiora, reunem-se junto delle todos os parentes; principiam as mulheres a chorar e os homens a dizer-lhe—*que não se vá ainda; que o hão de tratar muito bem e dar-lhe muito presente. Se percebem que não escapa da molestia, promettem enterral-o com curús novos, bonito arco e flecha, grande collar de contas e ter cuidado das suas mulheres e filhos.*

Se morre, immediatamente o enterram, deitado, com seo arco, flechas, curú e machado, em uma cova superficial, forrada e coberta com madeiras e terra por cima destas; fazem seos vinhos e convidam os visinhos para levantar a sepultura, carregando terra em cestos,deitando-a sobre esta,até tomar a forma de uma pyramide conica, de dous a quatro metros de altura e seis a oito de diametro na base; concluido este serviço, dirigem-se todos ao rancho de onde sahio o morto e principiam todos, sentados ao redor de um comprido fogo, a beber o *quiqui* e cantar as acções do morto; depois de já um pouco *quentes*, levantam-se cantando e dançando, aos saltos compassados, ao som do maracá (*xii*), vão dando volta ao grande fogo, e assim continuam, ora sentados, ora em pé, sempre cantando e sempre bebendo, até acabar o vinho; então, vão lavar-se ao rio e dormir. As mulheres, filhas, mãe e irmans do morto, choram-o ainda por muitos dias. Para as creanças não constroem estas pyramides; enterram-as em covas rasas e não fazem festa.

INSTRUMENTOS MUZICAES

Seos instrumentos de muzica, se é que tal nome se pode dar a taes objectos que produzem sons confusos e discordes, são: businas de chifres de boi ou de taquaras (*oaquire*), flauta de taquara (*coquê*), maracás (*xii*), apitos de taquara, e mais um instrumento de ta-

Digitized by Google

quara fina, encabada em uma cabaça furada nas extremidades (*õtõrèrê*).

HOSPITALIDADE

Quando algum selvagem se approxima de algum toldo dos de sua nação, occulta-se junto ao local em que os habitantes costumam tomar agoa, até que conheça algum de seos parentes; então, fala de seo esconderijo e diz quem é; o que ouve, vae contal-o aos outros que se preparam para receber o hospede. O parente mais proximo deita-se, cobre a cara com o *curú*, a mulher prepara alguma cousa de comer e espera; o visitante entra sem cumprimentar e sem nada dizer, vae deitar-se junto ao que está com a cara coberta; a mulher deste põe-lhes deante a comida e diz ao marido que coma com o seo parente que veio de longe; este senta-se, convida ao outro e comem juntos; depois o visitante conta a que anda; o que tem succedido em sua morada; o que vio e lhe aconteceo no caminho; se narra a morte de algum parente, é motivo para grande choro por parte das mulheres que o rodeam, dando grandes gritos, em copioso pranto, procurando consolal-o. Geralmente nestas visitas fazem suas festas de *goiofá*. São muito francos do que teem em seos ranchos; quando alguem chega a elles, a primeira cousa que fazem é perguntar se tem fome; nos dias de abundancia nem isso fazem; sem nada dizer, vão pondo deante da pessoa a comida dizendo—coma—(*acó*); nunca negam a comida que se lhes pede; do pouco que teem comem juntos.

MODOS DE PREPARAR SUAS BEBIDAS FERMENTADAS

Preparam duas qualidades de bebidas fermentadas, cujo fundo principal é o milho (*nhára*); a que é feita só de milho e agoa chamam—*goifá*—quando a

Digitized by Google

esta addicionam mel de abelha chamam-n'a *quiquy*. Para preparar o *goifá*, soccam o milho, depozitam-o em grande quantidade de agoa morna, em grandes coches de madeira, collocados perto do fogo e todos os dias mechem-n'o; quando cessa a fermentação, está prompto e principiam a bebel-o cantando e dançando de noite e de dia, até cahirem de bebedos e o *goifá* acabar-se.

Nestas occasiões convidam os visinhos que sempre pressurosamente acorrem.

O *goifá* é de gosto azedo, amargo e desagradavel ao paladar. O *quiquy*, como atraz dissemos, é o *goifá* com addicionamento de mel de abelhas silvestres, é menos desagradavel, porém mais embriagante. Quando bebem seos vinhos, não comem, e a cada momento estão vomitando, continuando porém a beber até cahirem de ébrios; se na festa algum fica briguento e incommoda, as mulheres o tiram para fora; amarram-o de pés e mãos até sarar da bebedeira. Fazem do milho uma outra bebida, especie de mingao ralo, a que chamam—*goiocupry*—(agoa branca); o modo de preparal-a é: primeiro dando uma ligeira torrefacção ao milho, o que fazem pondo este em cestos misturados com brazas e agitando-o ao ar; trituram-o depois, e o depozitam em grandes vasos de barro, *cocron-bang*, junto a um fogo grande; põem-lhe agoa até encher os vasos e assim os deixam por uma noite; ao outro dia sentam-se algumas mulheres velhas ao redor dos vasos, vão tirando o milho com as mãos, mastigando-o com muito vagar e tornando a deposital-o nos mesmos; depois de vinte e quatro horas deste processo, bebem-o e dizem que é muito agradavel e substancial.

ROÇAS

Para fazerem suas roças, escolhem mattas pouco frondosas, quebram com cacetes os mattos miudos, de-

Digitized by Google

pois de secco este, põem-lhes fogo e está prompta a roça. As mulheres são que fazem as plantações; servem-se, para este fim, de cavadeiras de pao, para fazer as covas, onde depositam a semente, depois de passal-a pela bocca, para humidecel-a. Não costumam fazer depositos de seos mantimentos; quando precizam vão tiral-o das roças. Do milho verde e tambem do secco, fazem uns grandes bolos *(emin)*, assádos na cinza, envolvidos em folhas de *caètê*; conservam-se por muitos dias; é geralmente a alimentação que carregam em suas excursões e caçadas. Quando viajam não teem pressa; a mesma cousa é para elles viajar ou caçar; onde encontram vestigios de caça, mesmo viajando, perseguem-na e ahi param até comel-a. Em seos trabalhos são tambem muito indolentes; quando teem fartura, comem e dormem e, em todos os tempos, quando trabalham, é por poucas horas, de manhan; o resto do dia empregam em dormir e a tarde em passear.

ENFEITES E ORNATOS

Por enfeites e ornatos teem-o nas occasiões de suas festas uma especie de camisas sem mangas *(craninin)*, muito apertadas, que lhes descem até as cochas; umas bellas corôas de pennas de varias cores *(arangretára)*, muito elegantes; seos grandes mantos, que arrastam garbosamente; grandes collares de contas brancas ou dentes de animaes; outros, depois de já suados, espalham pela cabeça grande quantidade de pennas miudas que, com o movimento vão se adherindo á cara e resto do corpo; a maior parte pinta o corpo simplesmente com carvão e assim se julgam vistosos e bonitos. (1)

(1) Uzam como enfeite e tambem para preserval-os dos espinhos e mordeduras de cobra, uns cordões finos, feitos da casca do *cipó imbê*, que lhes envolvem as pernas do tornozelo ao meio destas, e dahi para cima até a curva.

Digitized by Google

JOGOS E DIVERTIMENTOS

Costumam fazer um exercicio e divertimento que chamam *caingire*, que parece, e realmente é, um verdadeiro combate, comquanto não resulte das offensas nessas occasiões recebidas nenhuma inimisade. Para fazer este divertimento, preparam um largo terreiro, cortam grande quantidade de cacetes curtos, que vão depozitando nas duas extremidades deste; convidam os de outros arranchamentos para se divertirem; acceito o convite, preparam tambem seos cacetes, e, carregados com elles, vêm se approximando cautelosamente do logar do *divertimento*; alli chegados, sahem-lhes os outros a combater; arremessam-se mutuamente os cacetes com grandes vozerias, simulando um verdadeiro combate, até que um dos grupos abandona o terreiro, soffrendo, por essa causa, grande vaiae apupos. As mulheres, cobertas com uma especie de escudo feito de cascas de arvore, vão ajuntando os cacetes que são arremessados,e depositando-os junto aos combatentes; quando algum destes cae mal ferido, ellas o retiram do terreiro e tratam. Nestas luctas sempre ha grandes ferimentos, contusões, olhos furados e dedos quebrados; mas, dahi não procede nenhuma inimizade. Os que sahem mais mal tratados, em peiores circumstancias, são considerados os mais valentes *(turumanin)*, e como taes gabados. Aconselhando, n'uma occasião, a que abandonassem este mao divertimento, disse-me uma india velha:—«Você não quer que minha gente se divirta mais com este brinquedo, mas nós hoje não temos mais guerra com vocês para nos exercitar; sem este brinquedo nossos homens hão de se tornar fracos e medrosos como mulheres, o que não convem, porque no matto ainda ha gente brava, que pode nos atacar e a vocês; se não estivermos exercitados como nos defenderemos? E,

Digitized by Google

de mais, este brinquedo que você vê, no meo tempo, era proprio só das creanças; os homens tinham outros mais serios, nos quaes sempre se dava alguma morte; mas, por essa causa nunca brigámos e sempre faziamos o enterro como amigos.»

Tambem uzam este divertimento de noite e chamam-lhe *pingirê* porque os cacetes são accesos em uma das extremidades; dá o mesmo resultado que o *cángire,* apenas com o accrescimo das queimaduras. Exercitam-se desde pequenos na lucta corporal; o que derriba um, tem que supportar a prova de todos os outros que o queiram experimentar, até que, exhausto de forças, succumba a seo turno. Todos os outros seos brinquedos e divertimentos, são sempre mais ou menos grosseiros e brutaes.

CARACTER MORAL

São alegres, communicativos, curiosos, muito amigos de indagar das cousas que não conhecem; aprendem com facilidade o que se lhes ensina, mas, são muito inconstantes e pouco dedicados aos trabalhos intellectuaes. Guardam pouco o que promettem, não se envergonhando da falta de lealdade e cumprimento de sua palavra; sentem até prazer dos logros que nos pregam.

Para ser por elles respeitado e obedecido, é necessario que se lhes dê alguma prova de superioridade physica, com o que se tornam tão doceis e obedientes, quanto antes eram altaneiros e insolentes. Costumam, os parentes, pedir desforra ou pagamento de algum mao trato physico que os seos soffreram; neste caso, ou se lhes paga na mesma moeda que levou o parente, ou se lhes dá qualquer objecto de pouco valor, com o que, em ambos os casos, se retiram satisfeitos, promptos a tirar desforra na primeira occasião favoravel que se lhes depare.

Digitized by Google

LINGOA

Falam um idioma muito guttural, nada parecido ao Guarany; não pronunciam o L, o R forte e o Z. Das palavras que conheço, do idioma delles, só duas : *Pirá*, peixe, e *Piraju*, são da lingoa Guarany e teem a mesma significação em uma e outra ; e *Kêfé*, faca, que é parecida com *Kicé*, faca, do Guarany. Nada entendem de navegação. Não sabem construir canoas. São pouco nadadores.



Digitized by Google

II

LENDAS OU MYTHOS DOS INDIOS CAINGANGUES

1

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergindo toda a terra habitada por nossos antepassados. Só o cume da serra *Crinjijimbé* emergia das agoas.

Os *Caingangues*, *Cayurucrés* e *Camés* nadavam em direcção a ella levando na bocca achas de lenha incendidas. Os *Cayurucrés* e *Camés* cançados, afogaram-se; suas almas foram morar no centro da serra. Os *Caingangues* e alguns poucos *Curutons*, alcançaram a custo o cume de *Crinjijimbé*, onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das arvores; e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer; já esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a á agoa que se retirava lentamente.

Gritaram elles ás saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando tambem o canto e convidando os patos a auxilial-as; em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um açude, por onde sahiram os *Caingangues* que esta-

Digitized by Google

vam em terra; os que estavam seguros aos galhos das arvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram, com seo trabalho, do lado donde o sol nasce; por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immediações de *Crinjijimbé.* Os *Cayurucrés* e *Camés*, cujas almas tinham ido morar no centro da serra, principiaram a abrir caminho pelo interior della; depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas: pela aberta por *Cayurucré*, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras; dahi vem terem elles conservado os pés pequenos; outro tanto não aconteceo a *Camé*, que abrio sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, e os seos, os pés que incharam na marcha, conservando por isso grandes pés até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sêde, tiveram de pedil-a a *Cayurucré* que consentio que a bebessem quanto necessitassem.

Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer os cestos e cabaças que tinham deixado em baixo; estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues:* por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior á sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *ming*, e disseram a elles :—vão comer gente e caça—; e os tigres foram-se, rugindo. Como não tinham mais carvão para pintar, só com a cinza fizeram as antas, *oyoro*, e disseram :—vão comer caça—; estas, porem, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem; perguntaram de novo o que deviam fazer; *Cayurucré*, que já fazia outro animal, disse-lhes gritando e com mao modo :—vão comer

Ming.

anta

Digitized by Google

folha e ramos de arvore—; desta vez ellas, ouvindo, se foram : eis a razão porque as antas só comem folhas, ramos de arvore e fructas.

Cayurucré estava fazendo outro animal ; faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz-lhe ás pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe :—Você, como não tem dente, viva comendo formiga—; eis o motivo porque o Tamandoá, *Ioty*, é um animal inacabado e imperfeito.

Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucré* fazia estes animaes, *Camé* fazia outros para os combater; fez os leões americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluido este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*; viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de arvore e, depois de todos passarem, *Cayurucré* disse a um dos de *Camé*, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e morressem. Assim o fez o de *Camé* ; mas, dos tigres, uns cahiram á agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas ; o de *Camé* quiz atiral-os de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes,tomou-se de medo e os deixou sahir : eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças.

Cazaram primeiro os *Cayurucrés* com as filhas dos *Camés*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-os com as filhas dos *Caingangues*.

Dahi vem que, *Cayurucrés*, *Camés* e *Caingangues* são parentes a amigos.

Digitized by Google

2

NHARA

Meos antepassados alimentavam-se de fructos e mel; quando estes faltavam, soffriam fome. Um velho de cabellos brancos, de nome *Nhara*, ficou com dó delles; um dia disse a seos filhos e genros que, com cacetes, fizessem uma roçada nos taquaraes e a queimassem. Feito isto, disse aos filhos que o conduzissem ao meio da roçada; alli conduzido, sentou-se e disse aos filhos e genros: — Tragam cipós grossos.— E tendo estes lh'os trazido, disse o velho:—Agora vocês amarrem os cipós a meo pescoço, arrastem-me pela roça em todas as direcções; quando eu estiver morto, enterrem-me no centro della e vão para os mattos por espaço de tres luas. Quando vocês voltarem, passado esse tempo, acharão a roça coberta de fructos que, plantados todos os annos, livrarão vocês da fome.— Elles principiaram a chorar, dizendo que tal não fariam; mas, o velho lhes disse: — O que ordeno é para bem de vocês; se não fizerem o que mando, viverão soffrendo e muitos morrerão de fome. «E, de mais, eu já estou velho e cançado de viver.» Então, com muito choro e grita, fizeram o que o velho mandou e foram para o matto comer fructas. Passadas as tres luas, voltaram e encontraram a roça coberta de uma planta com espigas, que é o milho, feijão grande e morangos. Quando a roça esteve madura, chamaram todos os parentes e repartiram com elles as sementes. E' por esta razão que temos o costume de plantar nossas roças e irmos comer fructas e caçar por tres ou quatro luas. O milho é nosso, aqui da nossa terra; não foram os brancos que o trouxeram da terra delles. Demos ao milho o nome de *Nhara* em lembrança do velho que tinha este nome, e que, com o seo sacrificio, o produzio.

Digitized by Google

3

CANTO E DANÇA

Não sabiam cantar nem dançar. Em suas reuniões bebiam o *quiquy*, sentados junto ao fogo; sua bocca, porem, estava fechada; por esse motivo suas festas eram monotonas, e, salvo a alegria produzida pela embriaguez, tristes. Dezejavam aprender a cantar e dançar, mas não havia quem os ensinasse; as outras gentes ainda não existiam. Um dia em que homens de *Cayurucré* andavam caçando, encontraram em uma clareira do matto um grande tronco de arvore cahido; sobre elle estavam encostadas umas pequenas varas com folhas; a terra junto ao tronco muito limpa; examinando-a pareceo-lhes ver umas como pequenas pégadas de creanças; admiraram-se disso; á noite, em seos ranchos, contaram o que tinham visto e convidaram os outros a irem examinar o que seria. Ao outro dia foram todos, approximaram-se cautelosamente do tronco e escutaram; dahi a pouco viram um pequeno purungo, na ponta de uma varinha, que se movia produzindo um som assim: *xi, xi, xi*; as varas que estavam encostadas ao tronco, começaram a mover-se compassadamente, ao mesmo tempo que uma voz debil, porem clara, cantava assim: — *emi no tin vê... ê, ê, ê. Andô chô caê voá á. Ha, ha, ha. Emi no tin vê ê. E, ê, ê. Emi no tin vê.....*

Comprehenderam que aquillo era canto e dança, decoraram as palavras, sem com tudo as entender; approximaram-se do tronco e só viram as varas e os pequenos purungos. Examinaram o chão e não encontraram nenhum esconderijo; ficaram sem saber quem seriam os dançadores. Passados dias voltaram á clareira uzando das precauções anteriores; viram o pequeno purungo e as varas mover-se e a voz cantar:

Digitized by Google

—dou camá corô ê, quê agnan kananban. Côyogda emi nô ting. É qui matin... É qui matin.—Decoraram o canto, approximaram-se do tronco e só viram o pequeno purungo, as varas e pégadas pequenas no chão. Examinando o purungo, encontraram dentro delle pequenas sementes duras, de côr preta. Prepararam outros eguaes; fizeram uma festa, dançaram, e, abrindo a bocca, cantaram os cantos que tinham ouvido, fazendo com as varas nas mãos os movimentos que tinham visto.

Com o tempo foram compondo outros cantos e inventando outras danças; mas, em suas festas principiam sempre por estes. Passadas algumas luas destes factos, *Cayurucré* que sempre procurava descobrir quem seriam seos mestres de canto e dança, andando caçando, deparou com um Tamandoá-mirim, (*Cacrekin*). Levantando o seo cacete para matal-o, o Tamandoá ficou de pé e principiou a cantar e dançar as modas que elles tinham aprendido. Então conheceo *Cayurucré* que este tinha sido o seo mestre de canto e dança. Depois de dançar, o Tamandoá disse a *Cayurucré* : Dá-me teo cacete que eo quero examinal-o para te dizer a que sexo pertencerá o filho que tua mulher logo te dará. Deo-lh'o *Cayurucré*, e elle depois de dançar disse :—Eu fico com o cacete, teo filho é homem.

Isto ha de servir de signal a tua gente; quando encontrarem commigo e me derem seos cacetes, se eu ficar com elles seos filhos serão homens, mas, se os deitar fora, depois de ter, com elle na mão, dançado, serão mulheres.

Os Tamandoás sabem muitas outras cousas mais; pensamos que elles são as primeiras gentes que aqui existiam antes de nós, e que por velhos não sabem mais falar. Não os matamos. Quando os encontramos, sempre lhes damos nossos cacetes; se elles os segu-

Digitized by Google

ram, ficamos alegres, porque nossas mulheres nos darão filhos homens.

4

COMO CONSEGUIRAM O FOGO

Só *min-ârân* tinha fogo; não o queria dar aos Caingangues; estes comiam a carne da caça crua ou secca ao sol. Dezejavam ter fogo, mas não o sabiam produzir. *Fyietô*, que era um Cayurucré esperto, disse: —*min-arân pin iemé iêtmô*, eu vou trazer o fogo de *min-arân*. *Min-ârân* não era Caingangue, não sabiam de que gente era, vivia só com a mulher e a filha; transformou-se, *Fyietô*, em filho de gralha branca, (*xakxó*), e foi boiando á tona d'agoa até onde estavam se banhando a mulher e a filha de *Min-arân*.

Esta, quando o vio, pedio á mãe que o pegasse, levaram-o á casa e, como estivesse molhado, para enxugar-se, puzeram-o sobre as achas de lenha que estavam ao fogo. *Min-arân* era muito desconfiado, vendo-o espicaçar com o bico um tição disse: – «isto não é filho de passarinho; parece que quer nos roubar o fogo, vamos matal-o.» Mas, a filha o impedio chorando. *Fyietô* continuou a espicaçar o tição e quando conseguio separar um graveto com fogo, fugio com elle no bico. *Min-arân* correo atraz de *Fyietô* e quando ia alcançal-o este entrou em uma fenda de pedra *Min-arân*, introduzio na fenda o cacete, procurando matal-o, mas, *Fyietô* desviava-se para os lados; depois deo um murro no proprio nariz, apanhou o sangue que delle sahia, esfregou-o no cacete. *Min-arân*, vendo o cacete ensanguentado, pensou que tivesse morto *Fyietô* e disse á mulher:—Já o matei, olhe aqui o sangue delle, e mostrava o cacete; ninguem terá fogo senão eu. Passados poucos minutos, *Fyietô* sahio da fenda,

Digitized by Google

subio a uma palmeira, tirou desta um ramo secco, accendeo-o no graveto e foi arrastando-o por um campo grande que se incendiou. *Min-ârân* vendo o fogo no campo correo a apagal-o; não o conseguindo ficou triste por ter outras gentes que pudessem ter fogo, e morreo. O campo queimou por muitos dias; todas as gentes guardavam fogo e principiaram a açar a carne nelle. Quando nos acontece apagar-se o fogo em nossos ranchos, o produzimos friccionando uma *vareta* de madeira dura sobre uma pequena cova feita na extremidade inferior dum ramo secco de palmeira.



Digitized by Google

III

COMBRO'

Narrativa Caingangue

Em uma tarde do mez de Maio de 1886, achavamo-nos reunidos á margem de um ribeiro, junto de um grande fogo, debaixo de bellas e copadas arvores que principiavam já a derrubar as folhas. Perto do fogo se viam : cestos de pinhões, apanhados de fresco ; algumas jacutingas mortas (*Penelope*) ainda sem depenar ; indios caingangues construiam, com folhas de palmeira, um abrigo para a noite. Eu e o cacique *Arâkchó*, recostados e fumando nossos cigarros, discorriamos sobre as guerras passadas entre a minha gente e a gente delle, fazendo-lhe notar as vantagens que, tanto a elles como a nós, resultam deste estado de paz. E' verdade, me disse elle, nós soffriamos falta de muitas cousas e viviamos sempre sobresaltados ; mas vocês tambem não tinham a liberdade de entrar em nossos sertões e viver descançados ; para você fazer idea do que eram meos antepassados, vou lhe contar a historia de *Combró*, que era pae do pae da mãe de meo pae. Naquelles tempos minha gente não tinha ferramenta ; seos machados (*Beng*), eram de pedra, (*pó*). Serviam-lhes de facas pequenas lascas de quartzo (*toi*) ; *Combró* era um chefe guerreiro e valente *turumani ;* elle já sabia que os brancos (*Tong*) tinham machados e facas (*Hefé*), que cortavam melhor que os

Digitized by Google

delles; querendo adquiril-os a seo modo, convidou seos companheiros (*Kaporon*), para ir em demanda destes objectos.

Na primeira casa que encontraram na orla do sertão, trucidaram seos habitantes, levando tudo que lhes pareceo util. Emquanto andava *Combró* nesta empreza, outros selvagens assaltaram seo arranchamento, matando alguns guerreiros, aprizionando muitas mulheres, entre as quaes uma das de *Combró*. Este, indo em perseguição delles, alcançou-os, desbaratou-os, retomando sua mulher e outras. Os brancos, descobrindo o morticinio, feito por *Combró*, na casa por elle assaltada, reuniram os indios alliados, e foram em perseguição delle; depois de muitos dias de caminho, descobriram o toldo em que estavam habitando, cercaram-no para assaltal-o de madrugada; á noite uma india que ia ao rio tomar agoa, vio um vulto perto do caminho, mas lhe pareceo que fosse um *toco*; na volta, não o vendo mais, contou isso ás suas companheiras. Pensando estas que fossem inimigos que andassem *bombeando*, choraram o resto da noite. Pela madrugada os brancos assaltaram o toldo matando os poucos homens que alli estavam, entre estes *Xhakringó*, que foi queimado, aprizionando as mulheres e creanças, conseguindo alguns escapar. Quando *Combró*, que regressava de retomar uma de suas mulheres, chegou a seo incendiado toldo e foi pelos fugitivos informado do occorrido, convidou os seos companheiros e foi em seguimento dos brancos; deparou com estes acampados junto a um ribeiro e vigilantes; ouvio e conheceo o choro de seo filho, enchendo-se de furor ao ver um branco castigal-o para calar-se; assaltou-os, mas foi repellido, morrendo-lhe muitos guerreiros.

Ao outro dia assaltou-os de novo na occasião em que almoçavam, sendo morto por uma bala que lhe

Digitized by Google

atravessou a cabeça. Seos companheiros, vendo-o morto, fugiram e os brancos sahiram ao campo sem serem mais perseguidos. *Tandó* e *Cohí* eram filhos de *Combró*. *Tandó* tinha sido creado entre os brancos que o tinham aprizionado, quando mataram o pae. Aos dezoito annos fugio para os seos, suggestionado por sua mãe que lhe dizia que devia vingar a morte de seo pae. Por sua valentia, em pouco tempo tornou-se chefe dos seos, e então tratou de vingar-se daquelles que julgava serem os causadores da morte de seo pae e do seo captiveiro. Reunio seos guerreiros, dirigio-se aos campos de Guarapuava e chegando á orla do sertão, mandou, á noite, alguns guerreiros explorar a posição occupada pelos indios mansos. Os exploradores disseram ao voltar que os indios mansos estavam com os brancos, habitando em casas cobertas e cercadas de taboas e que achavam difficil atacal-os com vantagem. Ouvido isto pelos guerreiros, deliberaram abandonar a empreza nesta occasião; mostrando-se *Cohí* contrario a esta resolução, dizendo que: *cabeças de branco tambem se quebravam com bons cacetes;* mas sua opinião, por singular, não foi adoptada. Determinaram a retirada, deixando seos cacetes amontoados, como signal de que disistiam do intento de combater. Pela manhan os indios mansos encontraram estes cacetes, conduziram-os a seo toldo e ficaram de sobreaviso. Tinham *Tandó* e os seos andado apenas uma hora quando encontraram, nos galhos de uma arvore, um bando de quatis; limparam bem o chão em baixo da arvore e puzeram-se a atirar cacetes nestes animaes, e quando estes atiravam-se ao chão os perseguiam até matal-os. *Cohí*, perseguindo um, apanhou-o pela cauda e o aprezentou a *Tandó*, dizendo-lhe: «*Como você não tem coragem de quebrar cabeça de nossos inimigos, quebre ao menos a deste quati.*» Você aqui já diz isso, respondeo-lhe *Tandó*, quanto

Digitized by Google

mais não dirá quando chegarmos a nossas casas e você vir as nossas mulheres! Voltemos contra nossos inimigos, companheiros, ou *Cohi* nos envergonhará em nossas casas; quem quizer viver como as pedras, que não morrem, vá para casa! Voltaram, e á noite, assaltaram o toldo dos indios mansos; a lucta foi renhida, morreram muitos companheiros de *Tandó* e indios mansos. Estes fugiram. *Duhi*, o chefe delles, ficou dentro de uma casa onde resistia só. *Tandó* incendiou a casa e desafiou-o a combate singular. *Duhi* principiou a cantar seo canto de guerra, que era assim: «*Voha ihó voá ihó icutenia*», e saltou para fora com uma faca em cada mão. Quando se approximou de *Tandó* atirou-lhe uma dellas, este a apanhou e arremeteo contra elle. Travaram a lucta, faca contra faca, braço a braço, e assim foram luctando, até cahirem ambos em uma grande cova; nesta occasião *Duhi* poude passar a faca atravez do corpo de *Tandó*, continuou a empurral-a até ficar cravada na terra; este, que estava de baixo, enfiou-lhe tambem sua faca nas costellas, atravessando-lhe o coração e matando-o instantaneamente. Emquanto durava esta lucta os indios mansos aprizionaram a mulher de *Tandó* e a levaram para Guarapuava.

Tandó, não podendo levantar-se, chamou *Cohi* para ajudal-o, este desenterrou a ponta da faca, limpou-a e tirou-a do corpo de *Tandó*; collocaram-no em uma padiola e o carregaram para o sertão, onde sarou.

Passados dous annos deste acontecimento, o capitão dos brancos mandou a mulher de *Tandó*, com presentes, convidal-o a fazer pazes e viver com elle. Esta andou muitos dias por picadas de ha muito abandonadas; já muito longe, estas pareciam muito frequentadas. Uma manhan ouvio latidos de cães e gritos; arremedou o assoviar do macaco, responderam-

Digitized by Google

lhe perto ; dahi a pouco avistou *Tandó*, que a ella se dirigia ; este, approximando-se reconheceo-a e ella desatou em pranto. «Porque choras, em vez de te alegrares ? Eu estou alegre por te ver, minha mulher, disse-lhe *Tandó*» ; e dando-lhe a mão para levantar-se conduzio-a ao seo toldo, onde ella entregou-lhe os presentes e o convite do capitão dos brancos.

A' noite, reunida a tribu, consultaram se deviam ou não acceitar tal convite; quasi todos foram de opinião que se fizesse pazes. *Cohi*, porem, dizia : «Que os brancos eram bons, mas, os indios mansos maos e traidores, por esta razão, se os outros quizessem, que fossem, que elle ficaria.» Resolvida a partida, chegou *Tandó* e os seos companheiros á povoação de Guarapuava ; o capitão dos brancos o recebeo bem, fazendo com elles e os seos um tratado de paz ; fez-lhe muitos presentes de machados, fouces, facas e fazendas. Deo-lhes uma casa para nella pernoitarem. Já alta noite bateram á porta e entraram dous indios mansos, que perguntaram a *Tandó* se queria milho para comer ; este disse-lhes que sim e elles sahiram. Os companheiros de *Tandó* disseram-lhe que era melhor irem dormir no matto, para evitar alguma traição dos indios mansos ; respondeo-lhes que fossem elles, se quizessem, que elle não tinha medo e que tinha confiança no capitão dos brancos. Seos companheiros retiraram-se, deixando-o só com a mulher. Dahi a pouco entraram quatro indios mansos, trazendo um pouco de milho que deram a *Tandó*, e, perguntando-lhe pelos companheiros, disse-lhes que se tinham retirado. Quando *Tandó* estava assando o milho, os quatro indios cahiram sobre elle a facada e o mataram. A mulher correo a dar parte ao capitão dos brancos. Este, ao amanhecer, reunio todos os indios mansos, e mostrados pela mulher de *Tandó*, os matadores de seo marido, os mandou prender. Mandou a mulher de *Tandó*

Digitized by Google

contar esta occurrencia aos seos e convidal-os a voltar; mas elles não o quizeram fazer e continuaram a viver nos mattos em continua guerra com os brancos e indios mansos. Contou-me esta historia a mãe de meo pae, mulher muito velha, com os cabellos todos brancos, que a ouvio de seo pae que era irmão de *Tandó*.

Acabava de ouvir esta historia, que me narrava o cacique, quando minha attenção foi dispertada por longinquos sons de busina. «São meos companheiros que voltam da caçada, disse-me elle, e dão signal de que ella foi abundante.»



Digitized by Google

IV

CANTOS PARA QUANDO FAZEM ENTERRAMENTOS

1.º

Cagmá, iengvê, oanan eiò ohó iá, engô que tin, in fimbré ixan an ióngóngue, iamá que nò ô caicá, katô nô ó eká maingvê.

Traducção livre: Passe com cuidado a ponte.

Viva bem com os outros; assim como elles vivem bem, você tambem pode viver. Lá você ha de ver muita cousa que já vio aqui em minha terra, assim como o gavião. Teos parentes hão de vir te encontrar na ponte e te levarão com elles para a tua morada.

2.º

Comá comá cô ondiê, ê ni moni tá, goyo-bangus tarê uo can ien caindê rain tarê, ciokang ien.

Traducção livre: Passe bem pela ponte do rio grande; chegando ao campo diga aos outros:—Eu estou aqui.

Coma bem as fructas do *comá* e vire as pedras que têm limo antes de passar.

3.º

Iá ia há vê perá iê mê, aiê ienô, vexei corendiê.

Traducção livre: Vá-se embora, viva bem como os outros que estão lá.

Digitized by Google

V

Principio de pequeno vocabulario da lingoa Caingangue ou Coroado (*)

Portuguez	Caingangue	Portuguez	Caingangue
Agoa	Gôyo	Cahir	Cuten
Amanhan	Guaeca	Caminho	Iaprï
Amargo	Cayá	Canoa	Cankéi
Amarrar	Tókefiran	Cêra	Deya
Anta	Oyôrô	Campo	Rè
Anus	Déguene	Capivara	Crendeng
Arara	Cáéi	Casa	In
Arco	Ui	Cauda	Dére
Arrancar	Cõnõn	Carrapato	Tire
Assar	Iaquexunde	Capoeira	Engohú
Azedo	Fá	Cemiterio	Vaiqueiei
Abobora	Pehú	Cerca	Ró
Balaio	Crê	Cesto	Quenhê
Barriga	Indú	Chega, basta	Enguetecá
Beber	Cron	Chuva	Táá
Beiço	Ianteque-fuere	Cobra	Pan
Bocca	Ianteque	» cascavel	Xachá
Bolo, pão	Emin	« urutú	Deneman
Bom, Bonito	Chitáguy	Comer	Con
Braço	Ipé	Comprido	Feiê
Branco	Copri	Conheço, sei	Quevânherá
Brigar	Inhon	Correr	Venuôra
Bugio	Góng	Cortar	Quênan
Buraco	Dõro	Cozinhar	Déi
Cabeça	Crin	Curto	Ruro

(*) O r é sempre brando, tanto no principio como no meio das palavras.

Portuguez	Caingangue	Portuguez	Caingangue
Chifre	Nicá	Jacaré	A'pa
Dança, festa	Vaicóquefú, Vaigreme	Jacú	Pein
Dedo	Ninguè feiè	Jaguatirica	Grumt-xin
Deite fóra	Fondiá	Jarivá palmeira	Tain
Dente	Nhá	Joelho	Itfacrin
Dia	Coran	Junto	Ambre
Diga	Haqué	Ladrão	Peiuia
Doente	Cangate	Lago, lagoa	Orendig
Doce	Grein	Laranja	Nerinhe
Dormir	Noronan	Lança	Orúgurú
Duro, forte	Tára	Lecenço	Quiui
Escrever, riscar	Rane	Leite	Nongeye
Espere	Tóre	Limpar	Prum
Estrella	Crin	Levante-se	Negára
Espinho	Xói	Leve, pouco pesado	Cayuy
Estrada	Yapribang	Ligeiro, lesto	Cúri
Excremento	Nhafá	Lavar	Cupêia
Espelho	Veieveie	Lingoa	Nonê
Faca	Kefé	Linha	Uafê
Fazer	Handêra	Logo	Queyene
Farinha	Métêfú	Longe	Coranguê
Féde	Cocré	Lontra	Fókféiê
Filho	Coxin, Cren	Lua	Quexá
Fogo	Pin	Lucta	Ruruia
Fraco	Croyó	Macaco	Cayere
Flecha	Dou	Machado	Béng
Frio	Cuchá	Macuco	Uô
Fundo	Diguede	Magro	Cayó
Gato	Mik-xin	Mandioca	Comin
Geada	Cocrirê	Maleita, febre inter.	Nhônhôro
Genro	Iambré	Manco	Tincoré
Gissara, palmeira	Fenêen	Manso	Canheran
Gordo	Tangue	Maracá	Héi
Grande	Bong	Marido	Bém
Hoje	Ori	Matar	Tere
Homem	Paï	Matta	Cacant
Hontem	Aranquê	Mão	Ningué
Irman	Vee	Mãe	Ian
Irmão	Rengré	Mao, que não presta	Coré
Jaboticaba	Máá	Medico	Cafangue

Portuguez	Caingangue	Portuguez	Caingangue
Medir	Cambut	Papagaio	Cantou
Medo	Camé	Parente, amigo	Caicá
Mel	Manque	Pao	Cá
Méde	Imafi	Pé	Pem
Menino	Paixin	Pedra	Pó
Mentira	O'ne	Peixe	Pirá
Membro viril	Engré	Pelle	Fuère
Mergulhe	Putequeia	Pello	Quequi
Meo	Ixon	Penna	Feiê
Minhoca	Nhónnhón	Pente	Oaicurêia
Milho	Nhara	Pequeno	Hin
Miudo, pequeno	Canxire	Perdiz	Coiampêpê
Moço	Queron	Perto	Cacó
Molhado	Brere	Perna	Fá
Montanha	Crin	Pesado	Cufuiangue
Morder	Pram	Pescoço	Induï
Muito	Iti	Pinheiro	Fuangue
Mosquito	Cáran	Pintado	Conguêre
Mulher	Pron	Planicie	Pandoi
» moça	Tetan	Plantar	Crande
Nadar	Abarambraia	Pombo	Petecoin
Nhambú	Dé	Preguiçoso	Nhênhêrê
Não	Uó	Preto	Haig
Não quero	Deia	Procurar	Canéra
Noite	Cutê	Porco do matto	Creng
Nó de pinho	Canchê	Pulga	Campó
Olhe	Canera	Quati	Xê
Olho	Canê	Quebrar	Capeque
Orelha	Negrein	Queimar	Pôro
Osso	Cucá	Quente	Arannhêguete
Ovo	Crein	Rabo	Bú
Ourinar	Iei	Rato	Coxin
Paca	Cocamé	Rapido, corredeira	Uóó
Pae	Ióng	Raso, baixio	Parére
Palha de milho	Nharafuêre	Remedio	Vaecaquetá
Panno	Curú	Roça	Iapan
Passarinho	Haxin	Rio	Goio
Pato	Peimbéng	Ruin	Ianguê
Panella	Cocron	Sogro	Cacran
Partido	Góó	Salto, cachoeira	Crung

Digitized by Google

Portuguez	Caingangue	Portuguez	Caingangue
Sapato	Pentóró	Eu	Ig
Sente-se	Nira	Tu	Ha
Sim	Hê	Elle	Fag
Sol	Aran	Meo	Ixon
Sujo	Cavey	Teo	Aton
Surdo	Cutude	Delle ou delles	Fagton
Surrar	Mram mion	—	—
Tamandoá	Iótï	Um	Pire
Tateto	O'kxá	Dois	Rengré
Terra	Gá	Tres	Faktom
Thesoura	Ioaria	Quatro	Cangrá
Tigre	Mim	Cinco	Patecrá (*)
Torto	Pondó		
Trabalhar	Arannharannha		
Trovão	Táárêrê		
Tucano	Gron		
Urú	Petpuêre		
Valente	Turumanï		
Vamos	Tóna		
Eu vou junto	Iambretin		
Veado	Cambe		
Velho	Cofá		
Venha	Acantin		
Vento	Caneá		
Vermelho	Coxon		
Vagarosamente	Comére		
Xarco	Oré		

(*) O *h* é sempre aspirado.



Digitized by Google

VI

DIALOGO NA LINGOA DOS CAINGANGUES

Fome. *Cokire.* Eu tenho fome. *Icokirttiti.* Não tenho
Eu fome muito.
fome. *Cokire-ton.* Passear. *Anguei.* Vou passear. *Anguei-tin.*
Fome não tenho. a vir. Ver vou.
Como está? *A' ha-man?* Estou bom. *Heinhe.* Comer. *Có.* Quer comer?
Ha-ma-iene? Quero comer. *Coi-que-mo.* Quer comer carne de Anta?
Comer quero.
Oyõro-t-nin-coi? Quemo. Come peixe? *Pirá coi-qne? Coi-qve-mo.*
Anta carne come? Como. Peixe come? Como.
Caçar *Nhecrei.* Eu vou caçar. *Inhecrei tin.* Casa. *In.* Eu vou á
Eu caçar vou.
minha casa. *I in ara tin.* Mulher. *Pron.* Minha mulher está em minha
Eu casa para vou.
casa. *I pron i in ta nin.* Pai. *Ióng.* Meo pae foi passear. *I ióng anguei*
Eu mulher, eu casa está. Eu pae passear.
uêre. Parente. *Caicá.* Meos parentes vieram ver-me. *I caicá i vei*
foi. Eu parentes
cantin. Fazenda. *Curú.* Vou comprar fazenda. *Curú caiãme tin.*
eu ver vieram. Fazenda comprar vou.
Pão. *Emin.* Minha mulher está fazendo pão. *I prõm emin hãne.*
Eu mulher pão fazendo.
Está cozinhando feijão. *Arangró déi mo.* Milho. *Nhára.* Von plan-
Feijão cozinhando.
tar milho. *Nhára cran tin.* Roça. *Epan.* Vou fazer roça. *Iapan hãu*
Milho plantar vou. Eu roça fazer.
tin. Molestia, doença. *Cangá.* Meo filho está doente. *Cangate i cochin-né*
vou. Doente eu filho é.
Remedio. *Vaecáquetá.* Vou procurar remedio. *Vaecáqnetá cane i tin*
Remedio procurar eu vou.

Digitized by Google

Meo pae morrco. *Terê i óng*. Vou enterrar meo pae. *I óng peyut tin.*
Morreo eu pae. Eu pae esconder vou.
Vou colher minha roça *Iapan fân tin.*
Eu roça quebrar vou (*quebrar milho*, é phrase roeeira).
Matei Guarany. *Guarany i tên.* Sou amigo do branco. *Fóng i quêvênherá*
Guarany eu matei. Branco eu conheço.
Sol. *Aran.* Sol nasceo. *Aran âcân cuten.* Sol entrou. *Aran putque.*
Scl mergulhou.
Lua. *Quexá.* Lua cheia. *Quexá banh.* L. nova. *Quexá tan.*
» grande » não tem.
Lua crescente. *Quexá bang-chin.* Lua mingoante *Quexá chin.*
» grande-pequena. » pequena.
Dia. *Coran.* Manhan. *Coxang.* Amanhan vou á serra. *Crin.*
Serra
ara-i-tin uaeca. Estrella, Serra, Cabeça. *Crin* Minha cabeça
para eu vou amanhan.
dóe. *Cangate i crin.* Estrella bonita. *Crin hê.* Caminho. *Epri.*
Cabeça eu dóe.
Caminho longo. *Tayanguê epri.* Rio, agoa. *Goyo.* Terra. *Gá.*
largo caminho.
Vento. *Concá.* Vou passar rio grande. *Goyo-bang capan*
Rio grande outra
ârâ-i-tin. Noite. *Cutée.*
margem para eu vou.
Terra onde eu moro é boa. *I iamá enga hê.* Fogo. *Pin.* Queimar. *Pôrô*
Eu onde moro terra boa.
Queimou minha casa. *I in pôrô.* Vento derribou arvore. *Cá braimbrai*
Eu casa queimou. Arvore derribou
cancá. Festa. *Vaigrene.* Meo pae faz festa casa delle. *Vaingrene*
vento. Festa
tane i ióng ti in. Está bom? *Humá-hê?* (E' o cumprimento que
faz eu pae delle casa.
se dirigem quando se encontram.)

Digitized by Google

VII

ENSAIO DE CONJUGAÇÃO DE VERBOS EM CAINGANGUE

PORTUGUEZ	CAINGANGUE
Ter	Tõo
	Tempo presente
Eu—Tenho	Tõo—inhi
Tu—Tens	Tõo—anï
Elle—Tem	Tõo—tini
Nós—Temos	Tõo—êimanti
Vos—Tendes	Tõo—ayangue nanti
Elles—Teem	Tõo—'hangue nanti
	Preterito imperfeito
Eu—Tinha	Tõo—inhive
Tu—Tinhas	Tõo—anive
Elle—Tinha	Tõo—tinive
Nos—Tinhamos	Tõo—ein nan tinve
Vos—Tinheis	Tõo—ayangue nan tinve
Elles—Tinham	Tõo—h'ague nan tinve
	Futuro
Eu—Terei	Tõo—nimo queyene in
Tu—Terás	Tõo—queye nimo 'ha
Elle—Terá	Tõo—queye nimo ti
Nós—Teremos	Tõo—queyene nan timo ein
Vós—Tereis	Tõo--nantin mo queyene ayangue
Elles—Terão	Too—nan tim mo queyene'hague

(1) O h' aspirado.

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAINGANGUE
Ser	**Hena**
	Tempo presente
Eu—Sou	Oé—in
Tu—Es	Un é—ha
Elle—E'	Ueu—ti
Nós—Somos	Ue—ein
Vós—Sois	Oé—ayangue
Elles—São	Un eú—'hangue
	Preterito imperfeito
Eu—Era	Enecá—in
Tu—Eras	Venve—ha
Elle—Era	Enecá—ti
Nós—Eramos	Enecá—ein
Vós—Ereis	Enecá—ăyangue
Elles—Eram	Guenve—hague
	Futuro
Eu—Serei	Gue nimo in
Tu—Serás	Gue nan timo ha
Elle—Será	Gue nimo ti
Nós—Seremos	Hăna ein
Vós—Sereis	Hăna ayangue
Elles—Serão	Hăna hague
	Futuro composto
Eu—Hei de ser	Enerique mon 'hăna in
Tu—Has de ser	Enerique mon á 'hăna
Elle—Ha de ser	Enerique mon ti 'hăna
Nós—Havemos de ser	Enerique mon ein 'hăna
Vós—Haveis de ser	Enerique mon ayangue 'hăna
Elles—Hão de ser	Enerique mon hague 'hăna

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAINGANGUE
Fazer	Hane

Indicativo—tempo presente

Eu—Faço	Hadmo in
Tu—Fazes	Hadmo á
Elle—Faz	Hadmo ti
Nós—Fazemos	Hadmo ein
Vós—Fazeis	Hadmo ayangue
Elles—Fazem	Hadmo hague

Preterito imperfeito

Eu—Fazia	Hatinve in
Tu—Fazias	Hatinve á
Elle—Fazia	Hatinve ti
Nós—Faziamos	Hatinve ein
Vós—Fazieis	Hatinve ayangue
Elles—Faziam	Hatinve 'hague

Futuro

Eu—Farei	Hadmo in hãna
Tu—Farás	Hadmo á hãna
Elle—Fará	Hadmo ti hãna
Nós—Faremos	Hadmo hãna ein
Vós—Fareis	Hadmo hãna ayangue
Elles—Farão	Hadmo hãna hague

Futuro composto

Eu—Hei de fazer	Queyene hadmo hãna in
Tu—Has de fazer	Queyene hadmo hãna á
Elle—Ha de fazer	Queyene hadmo hãna ti
Nós—Havemos de fazer	Queyene hadmo hãna ein
Vós—Haveis de fazer	Queyene hadmo hãna ayangue
Elles—Hão de fazer	Queyene hadmo hãna hague

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAINGANGUE
Ir	Timo
Indicativo—tempo presente	
Eu—Vou	Timo in
Tu—Vás	Timo á
Elle—Vae	Timo ti
Nós—Vamos	Moimo ein
Vós—Ides	Moimo ayangue
Elles—Vão	Moia 'ha K mon
Preterito imperfeito	
Eu—Ia	Kevenve in
Tu—Ias	Kevenve á
Elle—Ia	Kevenve ti
Nós—Iamos	Moi kevenve ein
Vós—Ieis	Moi kevenve ayangue
Elles—Iam	Moi kevenve hague
Preterito perfeito	
Eu—Fui	Uere in
Tu—Foste	Uere a 'jure
Elle—Foi	Uere ti 'jure
Nós—Fomos	Congœue ein
Vós—Fostes	Uere ayangue
Elles—Foram	Congœue hague
Futuro	
Eu—Irei	Timo hãna in
Tu—Irás	Timo hãna á
Elle—Irá	Timo hãna ti
Nós—Iremos	Moimo hãna ein
Vós—Ireis	Moimo hãna ayangue
Elles—Irão	Maimo hãna hague

(1) O 'h é aspirado.
(2) O 'j como no hespanhol.

Digitized by Google

Futuro composto

Eu—Hei de ir	Enerique mon timo hãna in
Tu—Has de ir	Enerique mon timo hãna á
Elle—Ha de ir	Enerique mon timo hãna ti
Nós—Havemos de ir	Enerique mon timo hãna ein
Vós—Haveis de ir	Enerique mon timo hãna ayangue
Elles—Hão de ir	Enerique mon timo hãna hague

Querer	Keimo

Indicativo—Tempo presente

Eu—Quero	Keimo in
Tu—Queres	Keimo a
Elle—Quer	Keimo ti
Nós—Queremos	Keimo ein
Vós—Quereis	Keimo ayangue
Elles—Querem	Keimo hague

Preterito imperfeito

Eu—Queria	Keimo in hãna
Tu—Querias	Keimo a hãna
Elle—Queria	Keimo ti hãna
Nós—Queriamos	Keimo ein hãna
Vós—Querieis	Keimo ayangue hãna
Elles—Queriam	Keimo hague hãna

Preterito perfeito

Eu—Quiz	Keve in
Tu—Quizeste	Keve á
Elle—Quiz	Keve ti
Nós—Quizemos	Keveu ein
Vós—Quizestes	Keveu ayangue
Elles—Quizeram	Keveu hague

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAINGANGUE
	Futuro
Eu—Quererei	Hê Keimo in
Tu—Quererás	Hê Keimo á
Elle—Quererá	Hê Keimo ti
Nós—Quereremos	Hê Keimo ein
Vós—Querereis	Hê Keimo ayangue
Elles—Quererão	Hê Keimo hague
	Futuro composto
Eu--Hei de querer	Enerique mon keimo in
Tu—Has de querer	Enerique mon keimo á
Elle—Ha de querer	Enerique mon keimo ti
Nós—Havemos de querer	Enerique mon keimo ein
Vós—Haveis de querer	Enerique mon keimo ayangue
Elles—Hão de querer	Enerique mon keimo hague
Falar	Un-hi
	Indicativo—Tempo presente
Eu—Falo	Un-hi in
Tu—Falas	Un-hi nha
Elle—Fala	Un-hi ti
Nós—Falamos	Un-hi ein
Vós—Falaes	Un-hi ayangue
Elles—Falam	Un-hi hague
	Preterito imperfeito
Eu—Falava	Un-hi tinve in
Tu—Falavas	Un-hi tinve á
Elle—Falava	Un-hi tinve ti
Nós—Falavamos	Un-hi tinve ein
Vós—Falaveis	Un-hi tinve ayangue
Elles—Falavam	Un-hi tinve hague

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAINGANGUE

Preterito perfeito

Eu—Falei	Un-hi 'jure in
Tu—Falaste	Un-hi 'jure a
Elle—Falou	Un-hi 'jure ti
Nós—Falamos	Un-hi 'jure ein
Vós—Falastes	Un-hi 'jure ayangue
Elles—Falaram	Un-hi 'jure hague

Futuro

Eu—Falarei	Un himo hãna in
Tu—Falarás	Un himo hãna á
Elle—Falará	Un himo hãna ti
Nós—Falaremos	Un himo hãna ein
Vós—Falareis	Un himo hãna ayangue
Elles—Falarão	Un himo hãna hague

Futuro composto

Eu—Hei de falar	Enerique mon un himo in
Tu—Has de falar	Enerique mon un himo á
Elle—Ha de falar	Enerique mon un himo ti
Nós—Havemos de falar	Enerique mon un himo ein
Vós—Haveis de falar	Enerique mon un himo ayangue
Elles—Hão de falar	Enerique mon un himo hague.

Digitized by Google

NOMES E PALAVRAS

Portuguez	Caingangue	Portuguez	Caingangue
E' meio dia	Aran enendo canxaka	Estou com vergonha ou envergonhado	Imá 'hət
Pôr do sol	Aran pulkêcan	Onde encontrou?	Amá ti catan ten?
Sol nasceo	Aran tan juikêca	Encontrei	Ti catoi ten
Noite	Cutê	Esquecer	Cayatun
Meia noite	Cutê xi 'hat	Não esqueça	Quire cayatun
Lua	Quexá	Não entendo, não sei, não conheço	Kicactin
Lua cheia	Quexá vuvú	Sei, entendo, conheço, manso	Kei Kanheró
Lua nova	Quexá ton ti jura	Prisioneiro	Veinaê
Lua mingoante	Caxá que	Matta	Uain
Lua crescente	Quexá xatan	Xará, tocaio	Yimbré uïgy
Estrella	Crin	Homem	O'ngré
Estrellas (as 3 Marias)	Criniú füi	Aldeia, logar de morada	Emá
A via lactea (nebulosa)	Crin araniróya	Familia	Veincren
Um grupo de pequenas estrellas brilhantes ao Nordeste	Crin pan	Avô	Cacran
Nuvem	Caicangón	Avó	Ban
Trovão	Tarêrê	Pae, tio	Yóng
Raio	Tánê	Mãe, tia	Nan
Relampago	Tacópcopkô	Filho	Coxin
Nevoeiro	Crônhôn	Filha	Coxitfi
Pouco	Pire tinin	Tu és homem bom	Amá 'he niti uan
Não acaba	Tonk ton tinin	Dormir	Noro
Canto	Eingin	Quero dormir	Noro Keimo
Estou triste	Imá cangat	Eu vou dormir	Noro timo in
Estou alegre	Imá hê titi	Espere, quieto	Tore, meysne
Estou brincando	Icangire ou Icayune		

Digitized by Google



2.ª PARTE



Digitized by Google

Digitized by Google

VIII

CAYGUA'S E GUARANIS

Os Cayguás e Guaranis que, em pequeno numero, actualmente habitam as florestas do districto do Jatahy, municipio do Tibagy. viviam, anteriormente, ao anno de 1854, percorrendo a margem occidental do rio Paraná, na zona comprehendida entre o rio Pardo, a montante, e grande parte do territorio Paraguaio, no valle do Paraná, donde, a convite dos sertanistas Lopes e Elliot, então a serviço do Barão de Antonina, immigraram em numero de 400 a 600 individuos, e vieram estabelecer-se no Aldeamento de São Pedro de Alcantara, na margem esquerda do rio Tibagy, em frente á colonia militar do Jatahy.

Em 1876, foram cruelmente desimados pela terrivel epidemia da variola, que os reduzio ao pequeno numero que existe, talvez uns 200 individuos.

Na margem occidental do Paraná, existem ainda, varias cabildas destes indigenas, em estado de domesticidade, guardando, porem, com a tenacidade propria de sua indole, seos antigos usos e costumes. Sobre a origem delles, narraram-nos uma lenda que irá publicada.

ASPECTO PHYSICO

Geralmente o aspecto physico desta gente é agradavel, principalmente nas mulheres ; os homens são de compleição robusta, carnudos, musculosos, estatura

Digitized by Google

acima da media, rosto ovalado, cabeça regular, cabellos pretos corredios e asperos, alguns, arruivados; olhos grandes e de expressão branda; nariz bem feito, um pouco grosso; bocca regular, dentes bons e bem dispostos, pouca ou nenhuma barba, mãos e pés regulares.

As mulheres se usassem os enfeites e atavios das nossas, fariam inveja a estas; tal é a perfeição e delicadeza de suas formas. Os homens uzam como vestimenta uma tanga, (*Rambeó*), de algodão, e um pequeno poncho do mesmo tecido; as mulheres, uma tunica sem mangas, (*potica*), tambem de algodão, com orificios por onde passamos braços, e tudo fabricado por ellas, em teares primitivos, nos quaes fabricam tambem umas vistosas cintas que servem para segurar as tangas.

Os homens uzam o cabello aparado, na frente, por cima das sobrancelhas, e lateral e posteriormente por baixo das orelhas; as mulheres deixam-o crescer todo e uzam penteal-o de varios modos.

CARACTERES MORAES

São extremamente desconfiados; raramente se mostram expansivos; é difficilimo obter-se-lhes a confiança, mas, conseguida esta, são leaes e dedicados. Pacientes em extremo, nunca abandonam o que emprehendem. Gastam annos na construcção de uma canoa, mas a concluem embora já deteriorada. Passam noites consecutivas sem dormir, espreitando a caça que se approxima dos *barreiros*, para feril-a e matal-a. Na pesca, levam dias de linha em mão, aguardando que algum *dourado* as estire, e passam horas e horas de arco em punho, esperando a approximação dos *corimbatás*. São de indole e expressão branda. Nunca atacam as outras tribus de lingoa e raças differentes;

Digitized by Google

mas, atacados, são pertinazes na defeza, e considerados dos melhores atiradores de frecha. Suas *Uirapê*, são timidas pelas tribus que os avizinham.

Como trabalhadores agricolas, são assiduos e resistentes. Como canoeiros são preferiveis á nossa gente, tanto por sua pericia, como pela satisfação que mostram no exercicio deste mister. Afeiçoam-se ás pessoas que os tratam com delicadeza, do mesmo modo que aborrecem os que os tratam com desdem. A maior afronta que se lhes pode fazer, é tratal-os com desprezo ou ameaçal-os de castigo corporal.

HABITAÇÃO

A construcção de suas casas *roy*, é differente da dos Caingangues. Constroem-as com grandes forquilhas altas, de madeiras fortes; cobrem-as, até a altura das linhas latteraes, com folhas de palmeira; das linhas para baixo, formam as paredes de paos roliços, bem unidos, amarrados com cipós. No interior das casas, que geralmente comportam grande numero de habitantes, fincam postes de madeira que servem para amarrarem as redes em que dormem, por cima das quaes dependuram seos arcos, frechas, outras armas e seos enfeites. Cada familia, ou casal, tem seo fogo no qual cosinha. Nas noites frias collocam brasas e alguns tições por baixo da rede para aquecer-se. Por dentro e ao redor de suas habitações, vêm-se sempre variedade de passaros e animaes silvestres por elles domesticados.

UTENSILIOS

Seos utensilios domesticos, são: Panellas de argilla (*japepó*); balaios (*jacá*); peneiras (*urupen*); porungos para carregar agoa (*quiacuá*); cuias (*iá*); fa-

Digitized by Google

cas (*quicê*); machados (*gei*); facão de madeira (*uirapê*); cestos de carregar (*munucun*); redes para dormir (*quiá*); colheres de madeira (*intan*); pilão (*enguá*); fusos para fiar e poucos outros pequenos utensilios.

ARMAS

Uzam como armas offensivas: arcos de madeira (*uirapá*); frechas (*rui*) de madeira durissima, farpadas de um só lado, embutidas em haste de taquara ou madeira; clavas de madeira (*uirapê*), de forma de um pequeno remo. Todas estas armas são grosseiramente fabricadas.

ENFEITES E ORNATOS

Ornam-se os homens, nas occasiões de suas festas, com coroas ou cocares (*geguacá*), de pennas amarellas; collares e braceletes de pequenas sementes pretas (*tucambi*), enfeitados com as pennas vermelhas e com arulas extrahidas dos tucanos. Pintam, tanto homens como mulheres, o rosto com a tinta vermelha do urucú e a preta do genipapo, formando linhas e desenhos interessantes. Os homens uzam diariamente, no labio inferior, o *tembetá*, cilindro longo lusidio e transparente, feito da resina do *Jatahy* ou da do *Guasçatunga*.

CAÇADAS

Apanham a caça grossa em armadilhas e mundeos, que armam ao redor dos *barreiros* e nos trilhos pelos quaes passam, dirigindo-se aos *bebedouros*, as antas (*borevy*); veados (*guaçú*); porcos montezes (*tajaçú*); tatetos (*taetetú*); até os proprios tigres (*jagua-*

Digitized by Google

relê) nem sempre escapam a estes artificios. A caça miuda, pacas (*gcixá*); cotias (*acuti*) e outros são apanhados em pequenos mundeos.

Os macacos (*cahi*); bugios (*curajá*) e quatis, são mortos a frecha assim como a caça de penna. Na pesca servem-se de anzoes (*pindá*),covos (*juquiáú*) e das frechas. Desde pequenos se exercitam no manejo dos arcos, frechas, bodoques e pelotes, caçando passarinhos e pequenos animaes, pelo que se tornam, quando grandes, optimos caçadores.

AGRICULTURA

Cultivam em pequena escala: o milho (*abaty*), feijão (*comandá*), aboboras (*anday*), batatas doces (*getei*), amendoins (*manduvy*), bananas (*pacová*), canna doce (*taquarêê*), algodão (*mandiú*), mandioca (*mandió*) e fumo (*penten*). Fazem as roçadas servindo-se do *uirapê* ; queimam as roças e as mulheres as plantam, cuidam e colhem; *colhem*, é um modo de dizer, porque, á excepção do milho, do feijão e dos amendoins que recolhem para as habitações, as outras plantas vão buscal-as ás roças á proporção que dellas necessitam para as necessidades diarias.

ALIMENTAÇÃO

Alimentam-se dos productos das roças, de caça, pesca, fructos silvestres e mel. De milho fazem bolos (*bujapé*), assados na cinza, envolvidos nas folhas do *traquá* ; comem-o tambem cosido, ou assado, quando verde. Depois de secco o comem cosido e d'elle tostado fazem a farinha que chamam *abaticui*. O feijão usam-o cosido em seos *jupepós*. A carne e o peixe comem-os cosidos ou assados em moquens. São como todos os indigenas, glotões quando têm abundancia, e

Digitized by Google

sobrios na escassez. Francos e hospitaleiros. O caldo da canna e do milho, depois de fermentados, dá-lhes a bebida a que chamam *cauin*, pela qual são apaixonadissimos, e que produz a embriaguez. Uzam estas bebidas apenas nas occasiões de suas festas; mas, n'essas occasiões a fabricam em grandes quantidades.

FESTAS

Escolhem, para occasião de festas, os tempos de fartura, produzidos pelo amadurecer das plantas de suas roças.

Os homens conduzem e moem, em engenhos rudimentares, grandes quantidades de canna de assucar, que depozitam para fermentar em coches de madeira.

Quando a fermentação está ficando completa, convidam os parentes e visinhos das tabas proximas, que pressurosos accorrem á festa. No terreiro da morada do chefe que dá a festa, fincam um poste de madeira de metro e meio de altura, onde collocam o *maracá*, *geguacá*, *tucamby* e collar d'este. Estando todos reunidos, formando circulos ao redor do poste, armados com seos enfeites, dirige-se o chefe ao poste em que estão seos enfeites, põe ao pescoço o collar, o *geguacá* á cabeça, nos pulsos o *tucamby*, toma o maracá com a mão direita, conservando na esquerda uma especie de bastão curto enfeitado de pennas; movimenta o maracá e dirije uma saudação a *pahy nhanderú tubixá*—Sol, nosso avô grande;—pede-lhe que lhes dê paz, boas colheitas, abundantes caçadas e os livre das emboscadas dos inimigos.

Depois vae recuando até o circulo formado pelos companheiros; sacudindo o maracá, avança, seguido de todos, aos passos compassados, ao som do maracá, até junto ao poste, cantando todos—*É, é, é, é, é.*—Depois formam circulo, sempre cantando e dançando.

Digitized by Google

As mulheres, servem-lhes em *cuias*, o caoin em abundancia. Os que se vão embriagando são retirados do circulo e levados ás redes. Quando os homens por embriagados dormem, as mulheres reunem-se e principiam a imital-os nas danças e cantos, que são dirigidos a *jacy*, (a lua), e na bebedeira, até ficarem por sua vez cahidas, á excepção de algumas velhas que se abstem do caoin para cuidal-as.

Estas festas continuam emquanto dura o caoin.

CAZAMENTOS

Os jovens quando se affeiçoam a uma donzella, pedem-n'a ao pae, que impõe ao pretendente o preço pelo qual lhe cedem as filhas; geralmente o pagamento é feito em especie, machados, foices, roupas, armas, raramente em dinheiro. Depois de satisfeito o ajuste, fazem uma festa onde abunda o caoin; os noivos não bebem, mas os convidados se embebedam, e, no meio da enorme algazarra produzida pela embriaguez, aquelles sahem despercebidamente, acompanhados pela mãe da noiva, que a vae instruindo nos misteres de sua nova posição de futura mãe de familia, deixando-os deitados na rede de nupcias, que deve ser fabricada pela noiva. Passam a lua de mel em excursões venatorias, pescas, procura de abelheiras, e... sempre unidos no praser e nos soffrimentos. O genro vive com o sogro com quem trabalha. São monogamos.

PARTOS

Na occasião dos partos, os maridos constroem um pequeno rancho, onde as mulheres, ajudadas de uma velha, dão á luz os filhos, que conduzem aos ranchos da habitação, collocam em uma pequena rede armada junto á do casal; se é macho, o pae ata por cima

Digitized by Google

da rede um pequeno arco com frechas diminutas, um pequeno gegacuá e outros enfeites ; de vez em quando lhe estira os braços, e diz-lhe : que seja forçudo e valente.— O pae do recem-nascido é obrigado a ficar deitado na rede, guardando-se de certos alimentos, por espaço de oito dias ; a mãe apenas abstem-se da lide domestica por tres dias.

São muito amorosos e cuidadosos dos filhos machos até attingirem a edade de dez a doze annos ; d'ahi em diante já não os cuidam e menos alimentam, obrigando-os a tratarem por si proprios de sua subsistencia, bem pouco se importando que se vão a outras tribus, ou mesmo a nações diversas. Das filhas tratam e cuidam até casal-as.

CEREMONIA DE FURAR OS LABIOS

Estes indigenas fazem, no labio inferior, um orificio onde trazem, como ornato e distinctivo da tribu, o *tembetá*, feito de resina de Jatahy ou Guassatunga. A ceremonia de furar o labio é uma das festas mais importantes que fazem, reunindo-se para ella, ás vezes, os habitantes das tabas de toda uma região.

Quando os meninos, *(colomy)*, attingem a edade de dez a doze annos, os paes se reunem, fabricam *caoin* em grande quantidade,—preparam pequenos *tembêtás, geguacás* e *tucambis*,—convidam os parentes e o *furador de labios*, para exercer seo mister. Principiam a festa pondo por um dia os *neophytos* a jejum ; ao segundo dia dão-lhes o *caoin* em quantidade a embebedal-os ; quando estão embriagados, se approxima o *furador*, armado de um osso de ponta agudissima que applica sobre o labio inferior do menino, produzindo um orificio, onde introduz um pequeno *tembetá* ; o pae conduz o filho á rede, põe-lhe sobre a cabeça o *geguacá*, nos pulsos o *tucambi* ; a mãe cobre-

Digitized by Google

o com pennas de côres vivas, e o deixam dormindo. Nos primeiros dias subsequentes á operação, alimentam-se com mingaos. Depois de ficar cicatrisado o orificio, vão substituindo gradativamente os *tembetás* por outros mais grossos e compridos. A festa de furar o labio dura por quatro a cinco dias, sempre acompanhada de grandes borracheiras.

MEDICINA

Conhecem as qualidades curativas de muitas hervas, raizes e plantas, que administram interna ou externamente por meio de fricções e emplastros. Pretendem tambem curar soprando a parte doente, applicando as mãos e retirando-as, como praticam os magnetisadores. Uzam amuletos, ossos de cobra, sapos e outras hervas, a que attribuem effeitos toxicos ; presumem que com estes meios, podem produzir a morte das pessoas a que são desafeiçoados. Quando doentes deitam-se nas redes, põem por baixo destas brazas e hervas que produzem muito fumo ; chega o curandeiro, *(pagé)*, que faz seos *passes*, administrando-lhes ao mesmo tempo algum medicamento, (*mahan*). Os *pagés* vivem em choupanas isoladas nas florestas ; são temidos por todos como podendo causar males e até a morte.

MODO DE SEPULTAR

Enterram os homens em covas fundas, feitas junto de grandes arvores ; carregam o morto na rede em que fallece, introduzem esta com o cadaver na sepultura e prendem-a de maneira a não tocar o fundo, fazem por cima do cadaver um forro de paos roliços, para evitar o contacto deste com a terra ; põem esta por cima até sobresahir do solo. Collocam as armas e

Digitized by Google

utensilios do morto encostados á arvore; em cima da sepultura fincam uma estaca na qual dependuram o *geguacá*, *tucamby*, *maracá* e collares do morto. Depositam na sepultura vasos de argilla, contendo *caoin*, batatas, e mandiocas assadas; estas provisões são renovadas de tempos a tempos, geralmente até nascer matto na sepultura.

INSTRUMENTOS MUSICAES

Uzam o *maracá* que é feito de uma pequena cabaça, encabada em uma varinha curta, com sementes duras no interior; o *taquarussú*, feito de uma haste do *bambú giganteum* que produz um som abafado de tambor e que lhes serve para marcar o compasso em suas danças; o *Jeroki*, especie de apito, feito da raiz de uma qualidade de araçá.

SYSTEMA SOCIAL

Estes indigenas vivem reunidos em tabas ou aldeas em numero de cem e mais individuos que respeitam a autoridade de um chefe local, *Tubixá* que a seo turno é tambem subordinado a um chefe geral da região, *Tubixá Guassú*, que convoca estes *Tubixás* para as grandes deliberações. Tanto o *cargo* de *Tubixá*, como o de *Tubixá Guassú* são hereditarios, mas não reconhecem o direito de primogenitura, sem certos requisitos essenciaes, como sejam: a valentia, perspicacia, calma e moderação. Quando o primogenito do chefe não tem estas qualidades, escolhem outro dos irmãos a quem entregam o symbolo do commando e que por esta circumstancia é obedecido e respeitado por todos.

O chefe não trabalha, mas dirige todos os homens da aldêa em seos labores. Destribue a porção de caça

Digitized by Google

e outros alimentos, conforme a necessidade de cada familia; apasigua as pequenas dissensões; marca o tempo e disigna os homens para as caças e pescarias; serve de sacerdote nos casamentos; acompanha os caçadores nas grandes caçadas, dirigindo-os. Todas as manhans, deitado em sua rede, dirige, cantando, uma saudação ao sol; pedindo que lhes dê paz, bom tempo, boas caçadas e que faça a terra produzir bons e abundantes fructos; incita seos companheiros a imitar os passarinhos que dão o exemplo de acordar e levantar cedo e tratar da vida; determina a faina diaria.

Seo modo de dirigir é brando. Quando é commettida alguma falta, reprehende o culpado e manda-o que não continue, sob pena de ser expulso da aldêa. Se ha algum homicidio, o assassino é julgado pelos homensda aldèa, e, se não foge, é executado a garrote. Aos envenenadores, matam enforcados, passando-lhes ao pescoço cipós que são tirados por todos os presentes, arrastando-os até completa asphyxia. Geralmente as habitações e roças são feitas em commum. Não conhecem o direito de propriedade do solo, a não ser para gentes de lingoas differentes; mesmo neste caso, em relação a grandes zonas de caçadas. Em conclusão, o systema social é brando, quasi patriarchal, com seo pouco de barbaro e communista.

RELIGIÃO

Não notámos, entre estes indigenas, vestigios do que geralmente se chama religião. Existe entre elles tradições e superstições. Temem o raio e o trovão, a que chamam *Tupan*; pensam que o raio é signal de colera do trovão, que acreditam ser um ente poderoso, que se vinga dos homens, por meio do raio, quando está zangado. Acreditam em sêres como o *Anhan*, que

Digitized by Google

cuida das florestas; no *Caapóra*, que guarda a caça, e vinga-se dos caçadores que matam esta, quando prenhe ou criando filhos novos. Acreditam que os mortos ficam vagando perto dos logares onde são sepultados, e que têm as mesmas necessidades materiaes dos vivos; dahi o costume de depositarem alimentos sobre as sepulturas.

LINGOA

Falam o *Guarani* actual, um pouco modificado do antigo; damos um exemplo breve do *Guarani* actual, e para complemento o dialogo seguinte: Fome. *Aepá*. Tenho fome, *che aepá*. Não tenho fome, *ta che aepá*. Bolo, *Beiapé*. Minha mulher vae fazer bolo. *Che rombérecó ojapó beiapé*. Bolo bom, *Beiapé poran etê*. Casa, *roy*. Minha casa. *Che roy*. Pae, *Rú*. Vou a casa de meo pae, *cherú de roy ahata pê*. Caminho, *Tapé*. No caminho encontrei meo cunhado, *rupé ananlin che avajá*. Caçar, *Ajocá*. Eu cacei tigres e antas, *che ajocá jáguarêtê, ajocá emborevi*. Meo filho está doente, *cheray embaê rucy*. Roça, *cohê*. Vou passear em minha roça, *Ahata agccatá, che cohê py*. Queimar, *ocai*. Minha casa queimou, *che roy ocai*.

LENDA GUARANY

Em 1874, viajava eu, pela primeira vez, no grande rio Paraná. A tripolação de minha canoa era composta de indios Guaranis. Entre elles ia o cacique João Roberto. Ao findar de uma noite, já os johós principiavam a dar seos lamentosos pios; os aracuans cantavam; era madrugada. O cacique João Roberto sentou-se na rede em que dormia e com voz pausada e um pouco rouca, cantou em lingoa guarani. Eu não entendia o canto, mas notei que elle começava sempre

Digitized by Google

pelas palavras: *Nhaderamoitubixa*, que quer dizer nosso avô grande. Depois que acabou de cantar, perguntei-lhe o que significavam aquellas palavras de seo canto. Respondeo-me que era uma saudação ao sol e á *Nhandejara*, pois este era o avô grande e aquelle o pae dos guaranis. Pedi-lhe que me explicasse isso e elle me disse: que era uma historia longa, que desde os primeiros tempos os paes contavam aos filhos e estes a seos filhos. Eu não contei isto a nenhum *Cavahy*, accrescentou, mas a você, que é nosso amigo, eu contarei hoje á noite; agora não, porque é preciso viajar, os bugios pretos estão roncando, é signal que temos vento forte, e neste nosso Paraná,com vento forte não se pode viajar. Aproveitemos emquanto é cedo e elle não vem. A' noite, no pouso, disse-me: «Elles eram só dous, marido e mulher; esta estava gravida; o marido fez uma roça, queimou-a, mandou a mulher plantar. Logo que ella voltou o marido disse-lhe: Vá trazer milho verde para comermos. Ainda agora plantei a roça e você já quer que tenha milho verde, respondeo a mulher. Vá, o milho já está bom, disse-lhe o marido. Mas a mulher que estava cansada, não queria ir; então elle lhe disse: vá, porque meo filho, que você traz, tambem tem vontade de comer; esta zangada disse: Você diz que o filho tambem tem vontade de comer, pois saiba que elle não é seo. O marido ouvindo isto entristeceo e foi-se, deixando a mulher. Esta não vendo o marido, affligio-se e principiou a procural-o; achou seo rasto e seguio-o. Encontrou o cajado delle fincado junto a um olho d'agoa, seguio o rasto, mas a terra estava secca e perdeo-o. Não podendo seguil-o chorava.

O filho que ella trazia no ventre lhe disse: siga o caminho á direita. Quando chegou ao cimo de uma serra avistou o marido que principiava a descer outra, perdeo-o de vista; adiante de onde o tinha visto achou

Digitized by Google

uma encruzilhada, ficou irresoluta e chorava ; o filho disse-lhe : siga á esquerda, meo pae vae perto. Logo adiante tinha umas flores,o filho pedio-as, a mãe indo apanhal-as foi mordida por um marimbondo que nellas bebia mel. Em outra encruzilhada, o filho disse-lhe que seguisse á direita, e vendo umas flores pedio-as ; a mãe indo apanhal-as foi mordida por uma vespa grande; com a dôr encolerisou-se e deo com a mão sobre o ventre onde estava o filho, ralhando com elle. Quando deo com outra encruzilhada perguntou ao filho por onde tinha ido o pae, mas este não quiz mais responder. A mãe tomou á esquerda e foi dar á casa dos tigres : era uma grande gruta á beira de um precipicio ; á entrada estava deitada a avó dos tigres ; a mulher perguntou se tinha visto passar seo marido e a avó dos tigres disse-lhe que os unicos sêres vivos quevia, eram só seos netos que agora andavam caçando e que se a vissem tambem a comeriam. A mulher estando com fome pedio-lhe alguma cousa para comer e ella deo-lhe uma perna de veado, *guassú*. Acabava apenas de comer, quando sentio passadas dos tigres que vinham chegando. A velha, *(Jary)*, a escondeo debaixo de uma peneira (*urupema*). Os tigres, (*jaguaretê*), foram entrando com suas caças mortas ; uns traziam passarinhos, inambús, macucos, (*inambú-guassú*), outros veados, *guassú*, tatetos, (*taetetú*), porcos do matto (*tajassú*), por ultimo veio um tigre que não tinha caçado; chegado á porta farejou e disse : Hù, hú, hú ! minha avó tem carne boa escondida, mas eu hei de comel-a. E entrando foi direito á peneira e vio a mulher, tirou-a para fora e matou-a. A velha pedio que lhe deixassem o filho que a mulher tinha no ventre, para ella comer, porque a carne devia ser mole e ella não tinha dentes. Os tigres comeram a mulher e deixaram os filhos, (eram dous, gemeos), em uma gamella ; a velha foi espetar as creanças e não

Digitized by Google

o pôde conseguir porque elles desviavam-se da ponta do espeto. A velha pegou em uma pedra (*itá*) para quebrar-lhes a cabeça ; mas elles sempre desviavam-se ; pol-os depois em um pilão (*enguá*) e elles saltavam quando ella erguia a mó. Cançada, a velha deixou-os no chão ; quando os tigres foram caçar, o maior dos irmãos *Derekey* (1) levantou-se e pedio á velha que lhe fizesse um arco e flechas para caçar. A velha o fez e elle caçava passarinhos para si e para a velha, que com isto vivia alegre ; mas o irmão menor, *Derevuy* (2) não comia e chorava de fome. Então o irmão maior procurou nos escrementos dos tigres e achou os ossos da mãe ; juntou-os, mas faltava o osso da coxa e um braço ; collocou-os na forma natural, foi collocando tambem a carne ; estava já com os seios promptos, quando *Derevuy* saltou sobre elles para mamar e desmanchou-os. *Derekey* tornou a principiar a collocal-os, e o irmãosinho, impaciente por mamar, desmanchou-os. *Derekey* desanimou de reconstruir sua mãe ; o irmão chorava, e elle, encolerisado, deo com o pé no tronco de uma arvore, furando-a vio que della sahiam uns pequenos insectos. Metteo a mão e esta veio molhada, levou-a á bocca e era doce, era mel ; então deo ao irmão, e este, quando tinha fome, ia ao tronco, bebia mel e assim se foi creando.

A abelheira era das que chamamos Mandaçaia, (*caipotá*). Quando as furamos, nunca lhes comemos os filhos, sempre deixamos algum mel para creal-os ; isto em lembrança de ella ter alimentado nosso pae. E elles foram crescendo, caçavam muitos passaros que comiam e davam á velha tigreza ; esta vivia satisfeita e os estimava.

---

(1) *Erekey*, significa irmão mais velho.

(2) *Erevuy*, significa irmão mais moço.

Digitized by Google

Em uma occasião, em que elles andavam caçando, viram um jacú e uma arara (*guaá*); dahi guarani. Preparava *Derekey* sua flecha para matal-a, quando a arara lhe disse: Para que vive você matando os passaros, para dal-os a comer á tigre *jary* que comeo tua mãe, em logar de matal-a e aos netos e procurar teo pae?

Ficou *Derekey* admirado de ver a arara falar, e esta disse-lhe tudo o que tinha acontecido á sua mãe; que seo pae ainda seria por elles encontrado; ensinou-os a fazer mundeos; deo-lhes uma pedra pequena para pôr em cima do mundec, e que fossem matar os tigres. Voltaram á gruta; fizeram um mundeo junto ao precipicio; e os tigres vinham chegando de um a um; viam o mundeo e perguntavam para que era aquillo. *Derekey* dizia-lhes que era para caçar ratos; elles duvidavam; elle dizia: « experimente, entre você»; o tigre entrava, o mundeo batia, matava-o e *Derekey* rolava-o para o precipicio. Já faltava só um tigre femea e *Jary* que estava na gruta. Chegou o tigre, não quiz entrar, arrodeou o mundeo e vio os outros mortos; ficou com medo e disse: não me matem, eu acompanho vocês.

Chamaram a *Jary* e pozeram-se a caminho. Chegaram a um rio fundo, *Derekey* dobrou uma arvore fina e comprida, sobre o rio, passou, chamou a *Jary* e a tigreza para passar; quando elles vinham no meio da arvore, elle a saccudio; *Jary* cahio no rio e morreo, a tigreza saltou para traz e firmou-se no barranco com as unhas. *Derekey* gritou ao irmão que a derrubasse á agoa, mas este, com medo, a deixou sahir e fugir. Por culpa de *Derevuy* é que ainda existem tigres. *Derekey* ficou zangado com o irmão, por ter deixado escapar a tigreza e largou a arvore antes de passar, e este ficou só de um lado do rio e sem ter o que comer; e assim foram margeando o rio, cada um por um lado. O irmão

Digitized by Google

mais novo teve fome e vendo umas fructas pretas, muito bonitas, pegadas aos galhos da arvore, perguntou ao irmão se podia comel-as; este disse-lhe que as comesse que eram jaboticabas (*napurum*). Mais adeante vio outras fructas pretas com a mesma forma, porem menores e nas pontas dos galhos; *Derekey* disse-lhe que as comesse e que guardasse os caroços, pois eram piunas (*nopurumete*). Disse-lhe que fizesse fogo e pozesse as sementes nelle; logo que o fogo ficou bom as sementes principiaram a arrebentar e fizeram o irmãosinho saltar para o lado do rio onde estava *Derekey*.

Andavam os dous pelo matto, alimentavam-se de fructas e de mel; para furar as abelheiras serviam-se de lascas de pedras (*itagy*). Em uma occasião viram um bando de quatis numa arvore; suas frechas eram pequenas, não os matavam; gritaram a ver se alguem os ajudava, responderam perto. Dahi a pouco, appareceo-lhes um homem de estatura mediana, reforçado de membros, com os olhos verdes e o corpo vermelho, trazendo na mão um grande cacete. Elles conheceram que era o *Anhan*. O *Anhan* mandou *Derekey* trepar na arvore para sacudir os *quatis*; quando estes atiravam-se de cima, o *Anhan* os matava a paoladas, deixando escapar as femeas prenhes.

Faltava só um; *Derekey* não queria sacudil-o com medo que o *Anhan* o matasse tambem; mas este lhe disse que o derribasse. Sacudio o galho, o quati que era o chefe do bando e activo, saltou muito longe e o *Anhan* não o poude matar. Ficou zangado e, quando *Derekey* descia, deo-lhe uma paolada e o derribou. Fez um grande cesto (*jacá*) de cipós, poz *Derekey* e os quatis dentro e foi carregando na cabeça. Mas a carga era muito pezada, o matto muito basto; *Anhan* cançou e desceo o cesto, sentou-se e, limpando o suor com a mão, disse: é melhor fazer primeiro um cami-

Digitized by Google

nho e depois carregar o cesto; do contrario canço e não ando, e poz-se a fazer o caminho com o cacete. Quando já ia longe *Derevuy* acercou-se do cesto, tirou os quatis e *Derekey*. Em logar deste, poz no cesto uma pedra e os quatis, levou o irmão e escondeo-o. *Anhan* carregou o cesto e levou-o á sua morada e *Derevuy* chamou o irmão; mas este não respondia, parecia morto. *Derevuy* pol-o de pé, então elle falou e disse que tinha fome; *Derevuy* colheo umas guavirovas e elle as comeo e ficou forte e foram seguindo o caminho do *Anhan*. Este, chegando á morada, a filha veio encontral-o e disse: Meo pae, *(xerú)* quanta caça.. — « No fundo do cesto está a melhor», respondeo o *Anhan*. A filha tirou os quatis, virou o cesto e cahio a pedra; o *Anhan* ficou zangado e disse: Eu já vou procurar minha caça boa, e sahio correndo; *Derekey* e *Derevuy* avistaram de longe o *Anhan*, pozeram uma pedra grande no caminho e esconderam-se. O *Anhan* tropeçou na pedra, esta levantou-se transformando-se em veado e correo dizendo: — *Méé, méé* — O *Anhan* correo atraz, *Derekey* com um cipó fez uma laçada e, quando o veado já cançado, passou perto, laçou-o, chamou o *Anhan* e entregou-o a elle.

O *Anhan* convidou-os a morar com elle. *Derekey* acceitou e moraram juntos. *Derevuy*, casou com a filha do *Anhan*, que era moça bonita. Esta teve um filho. Uma occasião em que o *Anhan* andava examinando se as arvores estavam fortes para resistir ao vento que tinha de vir, *Derekey* e *Derevuy* fugiram levando o filho. Andaram muito tempo; cançados, pararam numa montanha.

Derekey subio a uma arvore alta e gritou: *Nhanderú, Nhanderú* (nosso pae); o pae respondeo ao longe: — *Pejú pá pêc xê co apui aicotá*, (venham todos eu aqui estou.) Elles foram e quando chegaram aonde estava o pae, viram que elle era um homem branco,

Digitized by Google

com a barba e o cabello louros; a cara pintada de urucú. Tinha cinto, pulseiras e diadema de pennas vermelhas, (*quácuáa, geguacá, tucambi*), os olhos eram como a luz do fogo; ficaram com medo e conheceram que o pae delles era *Tupan*, que governava tudo. O pae perguntou-lhes pela mãe, elles contaram o que tinha acontecido a ella e os trabalhos porque tinham passado. Vamos para minha morada descançar; como vocês querem andar? perguntou o pae.— Eu quero o dia, disse *Derekey*.—Eu quero andar no escuro, disse *Derevuy*.—Pois *Derekey* seja o sol e *Derevuy* a lua; *Derevuy*, á noite, dormio na rede da tia. Esta, para o conhecer de dia, pintou-lhe a cara com tinta de genipapo, *mandiupá*, e é por esta causa que a lua tem manchas. *Derekey* foi sempre casto e puro. O sol é limpo e sem manchas. Elles são nossos paes e vivem caminhando sempre para chegar á morada de *Nhandejára* que é *Nhanderamoi-tubixá*, nome pelo qual o conhecemos. *Nhandejára* significa nosso senhor (nosso avô grande) e foram os *carahis* que nos ensinaram a chamal-o assim. *Tupá* é o nome do trovão; não o adoramos como dizem. Do filho de *Derevuy* e da filha da tia principiou a nossa gente.

LENDA OU MITHO *ARE'*

Em outros tempos, houve uma chuva grande que alagou as terras em que habitavamos. Um só dos nossos ia nadando; já muito cançado, vio a copa de uma palmeira, que emergia das agoas; acercou-se della, pegou em um ramo que, estando secco, quebrou-se; elle continuou a nadar amparado pelo ramo; ao anoitecer vio outra copa de palmeira, acercou-se della. Segurou em um ramo verde e por elle subio e acommodou-se nos galhos; e ali esteve por muitos dias soffrendo fome e frio; depois os fructos da palmeira prin-

Digitized by Google

cipiaram a amadurecer e elle foi comendo-os e alimentando-se delles.

Em um dia, ouvio ao longe o canto do sapacurú (uma especie de ibis dos nossos rios), que delle se approximava. «Continue firme ahi, eu vou trazer terra para você descer.»

Dahi a pouco, pousou nos galhos da palmeira uma saracura e vendo-o ali disse-lhe: Perto daqui tem terra, porque não vae lá? Não posso, estou muito fraco: se eu largar a palmeira, com certeza morro. Então a saracura disse: «Eu vou buscar terra.» Ella e o sapacurú traziam terra no bico e a espalhavam pela agoa, que seccava. Nos logares em que o sapacurú largava a terra, como seo bico era maior, ficavaa terra elevada, formando montanhas. Antes dessa chuva a terra que habitamos era plana; e a agoa desappareceo, e elle desceo da palmeira, e vivia de fructas e raizes de arvores; mas estava só no meio dos outros animaes que não eram como elle. Um dia o sapacurú disse-lhe: Porque você não vae procurar uma companheira? Na enseada grande da lagoa ha muitas. Faça uma jangada, entre nella que eu mando os patos lhe, conduzirem aonde estão as moças das outras gentes. E na manhan seguinte, os patos levaram, a reboque, a jangada com elle dentro. Na beira da lagoa banhavam-se muitas moças; ellas viram a jangada, correram para a margem, assustadas; uma dellas atirou-se á agoa, e nadou para a jangada; ali chegando, elle a prendeo nos braços e os patos arrastaram a jangada para o pouso delle. As outras moças contaram á gente dellas o occorrido, e elles foram em perseguição dos fugitivos, mas não os poderam alcançar. *Aré* casou-se com a moça, tiveram filhos; mas, quando encontramos as outras gentes, sempre estas brigam comnosco. Eis a razão porque vivemos separados e como perdidos nas mattas. Sós, nús, vivendo das caças que apa-

Digitized by Google

nhamos em nossos laços e mundeos, não cultivamos nada para que não nos descubram os outros, e porque nos satisfazemos com os fructos da terra, o mate e o fumo que dão naturalmente em qualquer parte. Andamos nús, porque não sabemos fazer coberturas e, alem disso, o clima daqui é quente e bom. Assim concluio sua narrativa um indio, talvez de uns 60 annos, alto, cheio de corpo, de ar tristonho que vive como escravo dos *Caingangues*, por elles aprisionado ha quatro annos. Pertence á nação (quasi extincta) dos *Arés*, conhecidos por nós pela denominação de — *Botocudos*, pelo costume que têm de usarem um tembetá ou botoque de nó de pinho ou osso, no labio inferior.

Estes *Arés* falam o *Guarani*; mas a pronuncia é alterada pela falta de movimento do labio inferior, prezo pelo longo e pezado *tembetá* de nó de pinho que uzam. Por essa razão não podem pronunciar os sons das lettras labiaes.



Digitized by Google

VOCABULARIO CAIGUA' CHAVANTE

IX

Ha sido opinião quasi geral dos escriptores que têm tratado das lingoas dos nossos selvagens, que nellas faltam varias lettras do nosso alphabeto, e entre ellas o *r* forte, o *l* e o *z*; eu tambem até poucos annos, segui essa opinião; mas, em 1878, tendo tido occasião de tratar com alguns selvagens da nação *Chavante*, que demoram nos Campos-novos da Provincia de S. Paulo, comarca de Botucatú, fiquei convencido de que aquella falta de lettras não era tão geral como até aqui se acreditava, e que pelo menos na lingoa *Chavante* existem o *l*, o *r* forte e um *z* como o *th* inglez: E' verdade que esta lingoa discorda completamente da lingoa geral de nossos selvagens; os *Chavantes*, até no physico, nada se parecem com as outras nações de indios que conheço.

Para facilitar algum estudo ethnographico, que por ventura alguem queira emprehender, junto a esta *noticia*, mais este pequeno vocabulario da lingoa *Caiguá* (que é a mesma *Guarani*, com pouca differença) e *Chavante*. Nesta, o *r* forte é muito guttural, o *J*, sôa como no hespanhol e o *th* como no inglez.

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAYGUA' (Guarani)	CHAVANTE
	A	
Agoa	I (1)	Diélsede
Anta	Borêvi	Apila
Arara	Guáa	Uida
Arco	Uirapá	Inhestecude
Assar	Ecí	Mendoa
	B	
Barriga	Teé	Eltuê
Braço	Jeba	Esteinde
Branco	Tin	Jaque (2)
Brigar	Pochi	Uirgêlem
Bugio	Carajá	Ontirra
Buraco	Cuara	Birrua
	C	
Cabeça	Akan	Ursube
Campo	Nhon	Juartle
Capivara	Capivá	Othigue (3)
Cera	Iraiti	O'gode
Comer	Jaú	Icabe
Comprido	Pocú	Umostiara
Cobra	Bôi	Apalaiao
Correr	Onhanhi	Tanyenne
Casa	Oi	Igobe
Chuva	Oki	Chanin
	D	
Dia	A'ri	Uotue
Deite fora	Mombó	Bóje

(1) Em nosso alphabeto não temos lettras que possam exprimir os sons da palavra agoa, em *Guárany*; é um som guttural, composto de *I*, *v* e *e*, mas, indifinido ; só com muito exercicio o podemos expressar.

(2) O *J* sôa como no hespanhol.

(3) O *th* sôa como no inglez.

Digitized by Google

PORTUGUEZ	CAYGUA' (Guarani)	CHAVANTE
	E	
Estrella	Citátá	Tuasla
	F	
Frecha	Ui	Torta
Fogo	Tátá	
	J	
Jacú	Jacú	Guiacú
Jaboticaba	Uapurum	Uarriga
	L	
Levante-se	Epoan	Escoguilabe
Lontra	Guairacá	Nectube
Lua	Iaci	Quyade
	M	
Macaco	Cahí	Cái
Machado	Gei	Endáe
Matar	Ajocá	Nhadalee
Matta	Cagui	Diguede
Macuco	Nhambúguassú	Tú
Mão	Icuan	Insua
Mãe	Ahi	Fiduá
Mosquito	Bariguy	Ilobi
Milho	Abati	Chantle
Menino	Miton	Itarduêde
Muito	Etá	Leilebe
Mulher	Conhá	Hipipá
Mulher moça	Conhá raï	Uictoma
Moço	Cariáhi	Teuéde
	N	
Nariz	Tin	Assondlaibe
Noite	Pinton	Oteiaque

Digitized by Google

Portuguez	Cayguá' (Guarani)	Chavante
	O	
Olho	Eçá	Acli. Athlï
Orelha	Nambi	Aconxe
	P	
Pae	Rú	Athrabe
Pé	Ipi	Jube
Páo	Ietuan	Tajane
Peixe	Pirá	Erredebe
Panella	Japepó	Déxe
Perna	Eteoan	Eteque
Pescoço	Ajui	Atua
Pedra	Itá	Rátcha
Papagaio	Parakao	Guatá
Preto	Hon	Hon
Porco do matto	Tajaçú	Antla, Inthla
	Q	
Quati	Quati	Etecubetei
	R	
Rio	I	Dielsede
	S	
Sol	Pahí	Esquentábe
Sente-se	Aguapi	Roiábe
Surrar	Bópi	Inháre
	T	
Tamanduá	Jarutaré	Alábe
Tateto	Taetetú	Tócle, Tothle
Terra	Eui	Birõa
Tigre	Jaguarêtê	Cuatá
Tucano	Tuncan	Flongue
	U	
Urú	Urù	Dejuáca, Tofoaca

Digitized by Google

Portuguez	Caygua' (Guarani)	Chavante
	V	
Veado	Guaçú	Jagóde
Velho	Tujá	Cuejê
Venha	Ejô	Heumôde
Vermelho	Piran	Nojede
1	Petem	Pequinhe
2	Môcoin	Istonra
3	Bôapoi	Ojeleîdapá
4	Irondi	
5	Tineruin	
Eu, Meo	Chê	
Tu, Teo	Dêe	
Elle, Delle	Aê	
Nos, Nosso	Nhandê	
Vos, Vosso	Peê	
Elles, Delles	Aé, Enuiva	

Digitized by Google

Principio de conjugação de verbos em Guarani

X

Portuguez	Guarani
—Ser—	—Aicuá—
Presente	
Eu sou	Che-macô
Tu és	Deê-macô
Elle é	Ahe-macô
Nós somos	Nhande-macô
Vós sois	Pun-pemacô
Elles são	Enuiva-omacô (1)
Preterito imperfeito	
Eu era	Che-vaecuê
Tu eras	Dee-vaecuê
Elle era	Ahe-vaecuê
Nós eramos	Nhande-vaecuê
Vós ereis	Peen-vaecuê
Elles eram	Enuiva-vaecuê
Preterito absoluto	
Eu fui	Che-aãma
Tu foste	Dee-reãma
Elle foi	Ahe-ooma
Nós fomos	Nhande-jaáma
Vos fostes	Peen-peõma
Elles foram	Enuiva-oôma

(1) Enuiva, parece que significa — muitos.

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
	Futuro absoluto
Eu serei	Che-aicuá-aãma,ou aicuanê
Tu serás	Dee-recuá-aãma
Elle será	Ahe-oicuá-aãma
Nós seremos	Nhande-jaicuá-aãma
Vos sereis	Peen-peicuá-aãma
Elles serão	Enuiva-oicuá-aãma
	Futuro composto
Eu hei de ser	Che-aicuá-vaeram
Tu has de ser	Dee-reicuá-vaeram
Elle ha de ser	Ahe-oicuá-vaeram (1)
—Ter—	—Arecó—
	Presente
Eu tenho	Che-arêcoma
Tu tens	Dee-erirecoma
Elle tem	Ahe-oguerêcoma
Nós temos	Nhande-jarêcoma
Vos tendes	Peen-perêcoma
Elles teem	Enuiva-oguerêcoma
	Preterito imperfeito
Eu tinha	Che-arêcoma-vaecuê
Tu tinhas	Dee-arêcoma-vaecuê
Elle tinha	Ahe-ôrêcoma-vaecuê
Nós tinhamos	Nhande-jarecoma-vaecuê
Vos tinheis	Peen-perécoma-vaecuê
Elles tinham	Enuiva-oguerêcoma-vaecuê
	Preterito absoluto
Eu tive	Che-arecó-vaecuê
Tu tiveste	Dee-ererecó-vaecuê
Elle teve	Ahe-oguerecó-vaecuê
Nós tivemos	Nhande-jarecó-vaecuê
Vos tivestes	Pee-perecó-vaecuê
Elles tiveram	Enuiva-oguerecó vaecuê

(1) Nhande-jacuá-vaeram. Pee-pereuá-vaeram. Enuiva-oicuá-vaeram.

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Futuro absoluto	
Eu terei	Che-arecó-ne
Tu terás	Dee-erecó-ne
Elle terá	Ahe-orecó-ne
Nós teremos	Nhande-jarecó-ne
Vos tereis	Pee-perecó-ne
Elles terão	Enuiva-oguerecó-ne
Futuro composto	
Eu hei de ter	Che-arecó-vaeran
Tu has de ter	Dee-ererecó-vaeran
Elle ha de ter	Ahe-guerecó-vaeran
Nós havemos de ter	Nhande-jarecó-vaeran
Vos haveis de ter	Pee-perecó-vaeran
Elles hão de ter	Enuiva-oguerecó-vaeran
—Comer—	—Jaú—
Presente	
Eu como	Che-aúta
Tu comes	Dee-acarúta
Elle come	Ahe-ocarúta
Nós comemos	Nhande-jacarúta
Vos comeis	Pee-pecarúta
Elles comem	Enuiva-ocarúta
Preterito imperfeito	
Eu comia	Che-acarú-varangue, ou macurï
Tu comias	Dee-erecarú-varangue
Elle comia	Ahe-ocarú-varangue
Nós comiamos	Nhande-jacarú-varangue
Vos comieis	Pee-pecarú-varangue
Elles comiam	Enuiva-ocarú-varangue
Preterito absoluto	
En comi	Che-acarú-má
Tu comeste	Dee-erecarúmá
Elle comeo	Ahe-ocarúmá

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós comemos	Nhande-jacaru-macurí
Vos comestes	Pee-pecarú-macurï
Elles comeram	Enuiva-ocarú-macurï
Futuro absoluto	
Eu comerei	Che-acarú-ne
Tu comerás	Dee-erecarú-ne
	Ahe-ocarú-ne
Nós comeremos	Nhande-jacarú-ne
	Pee-pecarú-ne
	Enuiva-ocarú-ne
Futuro composto	
Eu hei de comer	Che-jaú-vaeran
	Dee-erejaú-vaeran
	Ahe-ojaú-vaeran
Nós havemos de comer	Nhande jajaú-vaeran
	Pee-pejaú-vaeran
	Enuiva-ojaú-vaeran
—Dormir—	—Aké—
Presente	
Eu durmo	Che-akéta
	Dee-eké
	Ahe-oké
Nós dormimos	Nhande-jaké
	Pee-pekéta
	Enuiva-okéta
Preterito imperfeito	
Eu dormia	Che-ake-ma
	Dee-ereke-ma
	Ahe-oke-ma
Nós dormiamos	Nhande-jake-ma
	Pee-peke-ma
	Enuiva-oke-ma

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
	Preterito perfeito
Eu dormi	Che-aké-vaecue
	Dee-ereké-vaecue
	Ahe-oké-vaecue
Nós dormimos	Nhande-jaké-vaecue
	Pee-peké-vaecue
	Enuiva-oké-vaecue
	Futuro absoluto
Eu dormirei	Che-aké-ne
	Dee-ereké-ne
	Ahe-oké-ee
Nós dormiremos	Nhande-jaké-ne
	Pee-peké-ne
	Enuiva-oké-ne
	Futuro composto
Eu heide dormir	Che-aké-vaeran
	Dee-ereké-vaeran
	Ahe-oké-vaeran
Nós havemos de dormir	Nhande-jaké-vaeran
	Pee-peké-vaeran
	Enuiva-oké-vaeran

—Contar, Narrar— —Omombeú—

Presente

Eu conto ou narro	Che-omombeúta
	Dee-remombeú
	Ahe-mombeú
Nós contamos ou....	Nhande-nhaombeú
	Pee-peombeú
	Enuiva-omombeú

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Preterito imperfeito	
Eu contava ou narrava	Che-amombeú-varangue Dee-remombeú-varangue Ahe-omombeú-varangne
Nós contavamos ou.....	Nhande-nhamombeú-varangue Pee-pemombeú-varangue Enuiva-omombeú-varangue
Preterito absoluto	
Eu contei ou narrei	Che-omombeú-má Dee-eremombeú-má Ahe-omombeú-má
Nós contámos ou.....	Nhande-jaomombeú-má Pee-peomombeú-má Enuiva-omombeú-má
Futuro absoluto	
Eu contarei ou narrarei	Che-amombeú-ne Dee-ereomombeú-ne Ahe-omombeú-ne
Nós contaremos ou.....	Nhande-nhamombeú-ne Pee-pemombeú-ne Enuiva-omombeú-ne
Futuro composto	
Eu hei de contar	Che-amombeú-vaeran Dee-eremombeú-vaeran Ahe-omombeú-vaeran
Nós havemos de contar	Nhande-nhamombeú-vaeran Pee-pemombeú-vaeran Enuiva-omombeú-vaeran

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
—Matar—	—Ajocá—
	Presente
Eu mato	Che-ajocá
	Dee-erejocá
	Ahe-ojocá
Nós matamos	Nhande-nha-jocá
	Pee-pejocá
	Enuiva-ojocá
	Preterito imperfeito
Eu matava	Che-ajocá-varangue
	Dee-erejocá-varangue
	Ahe-ojocá-varangue
Nós matavamos	Nhande-orejocá-varangue
	Pee-pejocá-varangue
	Enuiva-ojocá-varangue
	Preterito absoluto
Eu matei	Che-ajocá-vaecue
	Dee-erejocá-vaecue
	Ahe-ojocá-vaecue
Nós matámos	Nhande-jajocá-vaecue
	Pee-pejocá-vaecue
	Enuiva-ojocá-vaecue
	Futuro absoluto
Eu matarei	Che-ajocá-ne
	Dee-erejocá-ne
	Ahe-ojocá-ne
Nós mataremos	Nhande-jajocá-ne
	Pee-pejocá-ne
	Enuiva-ojocá-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Futuro composto	
Eu hei de matar	Che-ajocá-vaeran
	Dee-erejocá-vaeran
	Ahe-ojocá-vaeram
Nós havemos de matar	Nhande-jajocá-vaeran
	Pee-pejocá-vaeran
	Enuiva-ojocá-vaeran
—Ir—	—Ajeapeguá—
Eu vou	Che-áta
	Dee-ereóta
	Ahe-oóta
Nós vamos	Nhande-roóta
	Pee-ta-peó
	Enuiva-ojeióta
Eu ia	Che-á-varangue
	Dee-ereó-varangue
	Ahe-ó-varangue
Nós iamos	Nhande-ja-o-varangue
	Pee-peó-varangue
	Enuiva-ógeêi-varangue
Eu irei	Che-áá-ne
	Dee-rereói-ne
	Ahe-ojeói-ne
Nós iremos	Nhande-jahái-ne
	Pee-peói-ne
	Enuiva-ojeói-ne
—Falar—	—Eaevü—
Eu falo	Che-aevü
	Dee-ereaevü
	Ahe-oeaevü

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós falamos	Nhande-nhaeaevü Pee-pe-eaevü Enuiva-oeaevü
Eu falava	Che-evüma-vaecue Dee-devü-uaecue Ahe-oevü-vaecue
Nós falavamos	Nhande-nha-evü-vaecue Pee-pe-aevü-vaecue Enuiva-ojaevü-vaecue
Eu hei de falar	Che-aevü-vaeran Dee-ereavü-vaeran Ahe-oaevü-vaeran
Nós havemos de falar	Nhande-nhaevü-vaeran Pee-peaevü-vaeran Enuiva-ojaevü-vaeran

—Morrer—	—Omanõ—
Eu morro	Che-amanõ Dee-demanõ Ahe omanõ
Nós morremos	Nhande-nhamanõ Pee-pemanõ Enuiva-omanõ
Eu morria	Che-omanõ-varangue Dee-remanõ-varangue Ahe-omanõ-varangue
Nós morriamos	Nhande-nhamanõ-varangue Pee-pemanõ-varangue Enuiva-omanõ-varangue
Eu morrerei	Che-amanõ-ine Dee-remanõ-ine Ahe-omanõ-ine

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós morreremos	Nhande-nhamanõ-ine
	Pee-pemanõ-ine
	Enuiva-omanõ-ine
Eu hei de morrer	Che-amanõ-vaeran
	Dee-remanõ-vaeran
	Ahe-omanõ-vaeran
Nós havemos de morrer	Nhande-chamanõ-vaeran
	Pee-pemanõ-vaeran
	Enuiva-omanõ-vaeran
—Assar—	—Aecy—
Eu asso	Che-aecyta
	Dee-ecy
	Ahe-oicyta
Nós assamos	Nhande-jaecy
	Pee-pe-ecy
	Enuiva-oecyta
Eu assava	Che-aecy-varangue
	Dee-erecy-varangue
	Ahe-oecy-varangue
Nós assavamos	Nhande-jaecy-varangue
	Pee-pe-ecy-varangue
	Enuiva-aecy-varangue
Eu assei	Che-aecy-ma
	Dee-recy-ma
	Ahe-aecy-ma
Nós assámos	Nhande-jaecy-ma
	Pee-peecy-ma
	Enuiva-oecy-ma
Eu assarei	Che-aecy-ne
	Dee-recy-ne
	Ahe-aecy-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós assaremos	Nhande-jaecy-ne Pee-peecy-ne Enuiva-oecy-na
Eu hei de assar	Che-aecy-vaeran Dee-ereicy-vaeran Ahe-aecy-vaeran
Nós havemos de assar	Nhande-nhaecy-vaeran Pee-peecy-vaeran Enuiva-oicy-vaeran

—Lavar—	—Ojeaú—
Eu lavo	Che-ajeaú Dee-rejaú Ahe-ojeaú
Nós lavamos	Nhande-jajaú Pee-pejaú Enuiva-ojaú
Eu lavava	Che-ajaú-varangue Dee-erejaú-varangue Ahe-ojeaú-varangue
Nós lavavamos	Nhande-jajaú-varangue Pee-pejaú-varangue Enuiva-ojeaú-varangue
Eu lavei	Che-aojeaú-ma Dee-ereojeaú-ma Ahe-ojeaú-ma
Nós lavámos	Nhande-nhajeaú-ma Pee-pejeaú-ma Enuiva-ojeaú-ma
Eu lavarei	Che-ajaú-ne Dee-erejaú-ne Ahe-ojaú-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós lavaremos	Nhande-jajaú-ne Pee-pejaú-ne Enuiva-ojeaú-ne
Eu hei de lavar	Che-ajeaú-vaeran Dee-rejeaú-vaeran Ahe-jeaú-vaeran
Nós havemos de lavar	Nhande-jajeaú-vaeran Pee-pejeaú-vaeran Enuiva-ojeaú-vaeran
- -Cobrir—	—Ejaohi—
Eu cubro	Che-ejaohi Dee-erejaohi Ahe-jaohi
Nós cobrimos	Nhande-jajaohi Pee-pejaohi Enuiva-ojaohi
Eu cubria	Che-ajeohi-varangue Dee-erejeohi-varangue Ahe-jeaohi-varangue
Nós cobriamos	Nhande-jajeaohi- varangue Pee-pejeaohi-varangue Enuiva-ojeaohi-varangue
Eu cobri	Che-ajeaohi-ma Dee-erejeaohi-ma Ahe-jajeaohi-ma
Nós cobrimos	Nhande-nhajeaohi-ma Pee-pejeaohi-ma Enuiva-ojeaohi-ma
Eu cobrirei	Che-ajeaohi-ne Dee-erejeohi-ne Enuiva-ojeohi-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós cobriremos	Nhande-jajaohi-ne Dee-erejeohi-ne Enuiva-ojaohi-ne
Eu hei de cobrir	Che-ajeohi-vaèran Dee-erejeaohi-vaeran Ahe-ojaohi-vaeran
Nós havemos de cobrir	Nhande-jajeaohi-vaeran Pee-pejaohi-vaeran Enuiva-ojeaohi-vaeran

—Cosinhar—	—Amohin—
Eu cosinho	Che-amohita Dee-emohin Ahe-omohin
Nós cosinhamos	Nhande-nhomohin Pee-pemohin Enuiva-omohin
Eu cosinhava	Che-amohin-varangue Dee-eremohin-varangue Ahe-omohin-varangue
Nós cosinhavamos	Nhande-nhamohin-varangue Pee-pemohin-varangue Enuiva-omohin-varangue
Eu cosinhei	Che-amohin-ma Dee-eremohin-ma Ahe-omohin-ma
Nós cosinhámos	Nhande-nhamohin-ma Pee-pemohin-ma Enuiva-omohin-ma
Eu cosinharei	Che-amohin-ne Dee-eremohi-ne Ahe-omohi-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós cosinharemos	Nhande nhamohi-ne Pee-pemohi-ne Enuiva-omohi-ne
Eu hei de cosinhar	Che-amohin-vaeran Dee-remohin-vaeran Ahe-omohin-vaeran
Nós havemos de cosinhar	Nhande-nhamohin-vaeran Pee-pemohin-vaeran Enuiva-omohin-vaeran

—Fazer—	—Japône
Eu faço	Che-japône Dee-japô Ahe-japône
Nós fazemos	Nhande-jajapône Pee-pejapône Enuiva-ojapône
Eu fazia	Che-japô-varangue Dee-erejapô-varangue Ahe-ojapô-varangue
Nós faziamos	Nhande-jajapô-varangue Pee-pejapô varangue Enuiva-ojapô-varangue
Eu fiz	Che-japô-ma Dee-ejapô-ma Ahe-ojapô-ma
Nós fizemos	Nhande-nhajapô-ma Pee-pejapô-ma Enuiva-orejapô-ma
Eu farei	Che-ajapô-ne Dee-rejapô-ne Ahe-japô-ne

Digitized by Google

Portuguez	Guarani
Nós faremos	Nhande-jajapô-ne Pee-pejapô-ne Enuiva-ojapô-ne
Eu hei de fazer	Che-ajapône-vaeran Dee-erejapône-vaeran Ahe-japône-vaeran
Nós havemos de fazer	Nhande- nhajapône-vaeran Pee-pejapône-vaeran Enuiva-ojapône-vaeran

Não temos a pretenção de apresentar as linhas precedentes como um trabalho perfeito; ao contrario, é apenas um ensaio que colligimos em 1891, do cacique guarani João Roberto. Os estudiosos que o completem aperfeiçoando-o.



Digitized by Google

Digitized by Google



3.ª PARTE



Digitized by Google

Digitized by Google

VOCABULARIO

Idioma: KAINGANGUE E GUARANI (*)

XI

PORTUGUEZ	KAINGANGUE	GUARANI
Lingoa	Nonê	Apencun
Bocca	Iãntque	"Jurú
Labio superior	Crin cantê iant que fuere	"Jurú piré
Labio inferior	Gú cantê iant que fuere	Embé piré
Dente	Nhá	Ain
Nariz	Ninhê	Tin
Narizes	Ein ninhê	Nhanetin
Olho	Canê	Eça
Orelha	Ningrein	Nambi
Agulheiro da orelha	Ningrein dôro (Orelha, buraco)	Nambi cuá (Orelha, buraco)
Frente	Rindiá	E'té
Cabeça	Crin	Acan
Craneo	Crin cucá	Apuêton
Cabellos	Nhâin	Auê
Sobrancelhas	Cachaquê	Eçá poen caraguê
Pestanas	Cameyóki	Eçá raguê
Barbas	Ioâ	Nendeoá
Cabellos das vergonhas	Congóya	Embó raguê
Bochecha	Iémé	Eová
Barba	Ioá	Endeoá
Hombro	Genimbai	Atïhï
Braço superior	Penbang	Giuá
Antebraço	Nindó	Póapui

(*) O J, maiusculo ou minusculo, sôa como no hespanhol.
O K, » » » sôa brando como em *querer*
O H, » » » com o mesmo signal, é aspirado.

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Cotovello	Pencandún	Angujá
Mão	Ningué	Pó
Dorso da mão	Ningué pânim	Pó atcupen
Palma da mão	Ningué du	Pó puitan
Dedo	Ningué féie	Cuan
Dedo polegar	Ningué féie bang	Põampé
Indice	Niguyá	Pó cangué
Mediano	Ningué yuyá	Pó buïntê
Annullar	Ningué xin cantõyé	Cuan mirim
Minimo	Ningué xin	Cuan barihî
Unha	Ningrú	Poan apê
Perna	Fá	Tê uan canguí
Parte super.or da coxa	Crê	Ue canguê
Parte inferior da coxa	Crê bang	
Joelho	Iacrin	Penarã
Pé	Pen	Pú
Dorso do pé	Pen panin	Pú atcupen
Planta do pé	Pendú	Pú puitan
Talão	Penra	Pú tá
Dedo do pé	Pen féie	Pú cãn
Unha do pé	Pengrú	Pú cãn pen
Unha do cervo	Cambé ningrú	Guaçú puican-pê
Corpo	Ingjeã	Herete
Cadaver	Terêti	Jamanô
Collo	Féparo	Pôtiá
Pescoço	Duhí	Gïriui
Garganta	Hoangrô	Aiãntan
Sovaco	Inérè	Endá pïui
Omoplata	Pembéng	Carombé
Costellas	Cauhï	Aroncã
Peito	Nonguiyê	Potiá
Bico do peito do hom.	Nonguiyê crin	Hentan
Teta	Nonguiyê	Cãma
Bico do peito da mul.r	Tante nonguiye crin	Necãme uaçú
Ubre de animal	Fi nonguiye	
Ventre	Dung	Riê
Umbigo	Nondin	Purõan
Cordão umbilical	Nondin	Purõan
Costado	Nhirirc	Atì cupé
Espadoas	Panin	Atê cupé puité
Assento	Dérê	Revicuá piré
Membro viril	Engré	Embó

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Glande	Créfiden	Acó ĩain
Prepucio	Engré fuere	Embó piré
Bolsa dos testiculos	Grafú fuere	Apia ĩain piré
Testiculos	Grafú	Rain
Vagina	Tu dôro	Grapipi
Labios da vulva	Fifú nhantque fuere	Grapipi piré
Clitoris	Fifú nonè	Necun
Anus	Degné	Bicuá
Pelle	Fuere	Piré
Pello (vello)	Fuere quequĩ	Ane pirè
Osso	Cucá	Cangué
Sangue	Hêvéi	Uvuï
Veia	Cuyeye	Rajugué
Pulso	Ninañ	Raju antã
Carne	Nin	Bairoó
Nervo	Keiyêye bong	Rajú
Coração	Fe	Enuangue
Figado	Tamê	Puï acué
Pulmão	Te canhue	Javevucue
Estomago	Hanfõro	Tacarácue
Tripa	Dunguebang	Epohi
Saliva	Iará	Enderê
Ourina	Iêi	Caurúguê
Suor	Carãn	'Ai
Lagrima	Caimbé	Eçáï
Escremento	Nhafá	Potï
Alento	Tára	Intin
Rico	Nhá	
Rabo de perro	Jonguêjong buê	Jaguá ruguái
Rabo de peixe	Firanbê	Pirá ruguai
Rabo de passaro	Xaximbang bê	Guirá ruguai
Ala (Asa)	Nhenung	Pepó
Pluma (Penna) (*Asa*)	Fére	Aguê
Espadana de peixe	Fère	Pirá pepó
Elementos da natureza		
Agoa	Goyo	Y"
Rio	Goyo bang	Y" guaçú
Ribeiro	Goyo xin	Y" morin
Fogo	Pin	Tatá
Fumo	Ninyá	Tatatin
Cinza	Mrênnhe	Tata opá

Digitized by Google

PORTUGUEZ	KAINGANGUE	GUARANI
Lenha	Pin	Japeá
Ceo	Caieõn	'Arí
Ar		
Nuvem	Caicõn g'om	Arahï
Chuva	Taá	Qkï
Nevoa	Cronhõn	Atlantin
Rocio	Concô fere	Içapuï
Vento	Cancá	Iuitú
Tempestade	Cojú	Ovahi
Tormenta (com relampagos)	Cojú cópcóp ke	Ovahi overá
Relampago	Cópcóp ke	Overá
Trovão	Tárerá	Iapú
Arco celeste	Tandô	Arahi puentan
Sol	Aran	Cuaráhi, Pahi
Sombra	Feniá	Cuaran han
Sól nascente	Aranjuro	Cuarahin once ramò *Sol nasce vem*
Sól de meio dia	Aran emendo canxá	Cuaráhi uá tema
Sól poente	Aran puriá cantê. *Sol mergulha lado*	Oguégïma óve
Norte	Aran canéa cantê *Quente vento lado*	Nhandê rovai etê
Sul	Cuxá cancá cantê *Frio vento lado*	Nhandê ikê cotê
E'ste	Aranjuriá cantê *Sol nasceo lado*	Emáe acote
Oeste		Nhande cupê ete
Nordeste		
Noroeste		
Sudeste		
Sudueste		
Anno	Pran	Róhï
Tempo chuvoso	Táfan	Ókitarimãn
Tempo de secca	Eman	Arï Poran
Tempos diversos		
Dia	Coran	Arï
Noite	Cuti	Pintuma
Manhan	Coxank	Cam hêro
Meio dia	Emendo cantxá	Ijuãntema
Tarde	Aranké	Caruma
Lua	Quexá	Jacï

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Novilunio	Quexa ton	Jacï piáú
Plenilunio	Quexa taruro	Jacï guaçú
Quarto minguante	Quexa xin	Jacï opá
Quarto crescente	Quexa ruro quei ke	D'ehi terï uá guaçú
Eclipse da lua	Caicangó quexa pacimp	Jacï nhipentum
Eclipse do sol	Caicango-aran paerimp	Arahi joahí
Estrella	Crin	Jacihi
Estrella da manhan	Crin bang	Jacitata guaçú
Estrella da tarde	Crin bang	Jacitata guaçú
Canîcula		
Pleiades (as sete cabrinhas)		
Licrança (escorpião)		
Estrada de Santiago		
Cruzeiro (constellação astral)		
Solo	Gá	Ocá
Terra	Gá	Iuvï
Campo	Re	Nhum
Planicie	Hïyere	Iuivi poran
Caminho	Eprie	Tapé
Monte	Crin	Iuï iti
Selva, bosque	Uãim. nen	Cáágue
Prado		
Caverna	Paróndõro	Itá poan
Ilha	Cute	Ypaon
Praia, costa	Rãnharãinha	Itapirú cué
Areia	Rãnharãinha	Itapirú porãn
Pedra	Pó	Itá
Rocha	Pó	Itá
Ferro	Ferro	Cuarépoti
Ouro		
Prata		
Aldeia	Einyanaa	Eta oï
Caza, Utensilios		
Caza	In	Óï
Tecto	Cri	Joáhiporan
Porta	Nhateã	Onke
Umbreiras	Nhetecaranhe	Onke etá
Parede	Pendó	Iuìói
Almofada	Facrin	Acangritá
Banquinho	Neyaxin	Jacuapiá

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Maca, rede de algodão	Temyá	Mandejukiá
» rede de fibras		
Panno	Curú	Xeripá
Estofo de casca de arvore		
Fuso		Enhï
Bastão de fuso		Ieé
Roda do fuso	Euniucuá	Euniucuá
Fio	Uafe	Inçan
Algodão		Mandijú
Lan	Bekiki	Ague
Cordão de fibras		
Tear de tecelão		
Madeira para firmar os fios da trama		
Rede	Temiya	Kiá
Rede para transportar alguma cousa		
Cesta para viveres	Quenhe	Ruaguê
Cestinha para suspender		
Esteira		Tupá
Cesta para transportar alguma cousa		
Esteira para crivar a farinha	Gredinhain	Rumpê
Esteira de moer a mandioca		Ajacahì
Páos para produzir o fogo	Anantoe	Tatá nhamboá
A) páo superior	Crá	Japo uirá nhamboá
B) páo inferior	Creye	Joo uirá tatá nhamboá
Isca	Curopõrõ *Panno queimado*	
Especies diversas da isca		
Abanico para soprar o fogo		
Calabaça para beber	Rundiá	Iacuó
Calabaça	Rundià	Acuró
Panella	Cocron	Japepó
Copa para comer	Patke	Nhanhen
Prato	Patke	Nhanhen
Colhér	Jové	Cuxá

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Olha para chicha		
Olha (pintada! Panélla)	Cocran rê, conguére	Japepó pará
Hacha, machado	Beng	Achá, Gï
Folha da acha		
Hacha de pedra	Béngtampó	Itágï
Pedra de esta	Pó tambéng	
Punho de esta	Béng pú	Imbóï
Instrumento para perfurar	Candón niafân	Embó poá
Instrumento para cortar	Crê	Kiçá
Lima	Aranaran	Cuaré poti Kïtïá
Faca	Kefé	Kicé
Pedra de afiar	Panhá	Itakï
Barco e armas		
Barco de cortiça		
Barco de madeira		
Montaria, canôa	Kankei	Canôa
Remo	Cankei rumià	Uirapê
Leme		
Bastão	Cantó	Popocá
Arco	Uiyê	Uirapá
Corda do arco	Uiye iyene	Uirapá çan
Frecha	Dó	Uhí
Pluma de esta	Dó ferê	Uhí pepó
Frecha com ponta de taquara	Dó pú	Uhí racóa
Frecha com ponta de osso	Dou nhekfin	Uhí canguê
Frecha com ponta de madeira	Dou pú	Uhí uirá
Frecha com ponta dentada	Dou rere	Uhí rantin
Frecha para caçar passaros	Dá	Uhí rapiá
Massa	Cá kïuï	Uiverá pará
Parte larga desta		
Punho de esta		
Massa para arrojar		
Palheta, instrumento para arrojar as frechas	Uiyê	Uyrapá
Frecha de isto		
Funda para arrojar pedras		
Arco para arrojar bolas de barro		

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Zarabatana		
Aljava		
Nome do veneno	Vacactá coreg	Moaã
Lan para envolver as frechas		
Punhal	Kefé	Kicé
Lança	Rogurú	
Lança para pescar		
Anzol	Ekfï	Pindá
Gancho de esta	Racafuï	Pindá rantin
Linha de pescador	Ekfï xenê	Pindá ançã
Escudo		
Espingarda	Bocá dô	Bocá
Polvora	Bocá fun	Bocá cuï
Escumilha (Humbo)	Bocá canê	Bocá ranhen
Vestidos	Curú	Tupai
Tanga (de homem)	Veinpefin	Ambeó
Tanga (de mulher)	Veinpefin	Tupai
Cintura	Veixó kfinya	Humbé
Bracelete		
Cintura de artelho	Prenfin	
Chapéo	Crincritaua	
Vestido	Curú	Tupai
Tecido	Curú	Tupai
Camisa de homem	Craninin	
Camisa de mulher	Perôro	Tupai
Poncho	Curuxe	
Bolsa	Péräng	Hembocó
Jaleco		
Saia de mulher	Vaepefin	Saiá cuá
Sandalias	Pen pân	Perû
Pente	Vaicurya	Kïuá
Abanico		Tapécuá
Especie de diversos adornos de cabeça		
Especie de diversos adornos de collo		
Especie de diversos adornos de peito	Nhaticá cupé	Tucambi
Especie de diversos adornos de espadoas		

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Especie de diversos adornos de cintura		
Mascara		
Vestido de baile		
Cintura de baile		
Tambor		
Flauta para tocar	Coke	Mimbú
Flauta para tocar com o nariz	Ninhe coke	Mimbú
Flauta para tocar com a bocca	Ianteque coke	Mimbú
Flauta para dar signal		
Flauta com diversas cannas	Honhon	
Instrumento com cordas para tocar com a bocca		
Cordão com taboinhas para gyrar e fazer estridor		
Trombeta		
Arvore ôca que serve de tambor		
Baile	Vaengrén	Tèei onoãn
Canto	Tanctain	O'pórahi
Festim	Veincangire	Téei õnõõn guaçú
Boneca		Membui
Familia etc.		
Homem	Õngré	Avá
Gente		Teei
Tribu		Rai
Familia	Cren	Rai
Varão	Õngré	Avá
Marido	Bém	Emé
Padre	Pandére	Padre
Pae	Jóng	Ru
Sogro	Cakran	Ratehú
A) padre do varão	Ongré yóng	Avárú
B) padre da mulher	Tante yong	Conha tuhï
Madre	Nhan	Aï
Mamam		
Sogra	Bãn	Rembericó cy

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
A) madre do varão	Ongré nãn	Avá ahi
B) madre da mulher	Tante nan	Çanha ahi
Creança	Ontxin	Mintã
Creança de peito	Ontxin nonguiye	Baérihi
Filho	Coxin	Cononi
Genro	Jambré	Ragï mé
Netto	Cóxite ficoxin	Miariron
Menino		Conumi
Joven	Queron	Conomi uaçú
Irmão	Yaue	Revui
Irmão primogenito	Canké	Rekehi
Irmão menor	Yaué	Revuhi
Cunhado	Iambré	Tavajá
Irman	Ve	Rendï
Irman primogenita	Vexai	Rendï guaçú
Irman menor	Vetatan	Xindehï
Cunhada	Pron caicá	Ragï kirin
Mulher	Tanté	Conhá
Esposa	Pron	Omendá
Moça	Tetan	Conhá tain
Filha	Ficoxin	Ragï
Nora	Coxit pron	Nemberecó
Netta	Coxitante fi	Meariron
Viuva	Béton fi	Imédoicôvê
Tio paterno	Yongrengre	Ruvï
Tio materno	Nhan yane	Ramõi
Tio	Yó caicá	Ruvê
Tia paterna	Yong vê	
Tia materna		
Tia		
Sobrinho	Rengre coxin	Raikerin
Sobrinha	Rengre coxin tante fi	Ragi kerin
Velho	Cofá	Tuja
Velha	Tante cofá	Jarï
Primo	Caicá	Nhande rekei
Prima	Ve	Nhande rendï
Avô	Yongyong	Ramói
A) Padre da madre	Nhanfi yong	Ramói Jaré
B) Padre do padre	Jongyong	Ramói
Avó	Nhanfinhan	Jarei
A) Madre da madre	Nhanfinhan	Jareijarei
B) Madre do padre	Jong nhan	Jarei ete

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Homens da casa do baile		
Casa dos bailes		
Chefe	Pahi	Tubixá
Estrangeiro	Caicá ton	Javúcé
Amigo	Caicá	Revá aema
Inimigo	Tékicorégnhe	Naporaen
Branco	Caprï	Morontin
Negro	Hü	Hon.—Cambahi
Indio	Kaingangue	Nhande
Medicina, religião	Vaecactá	Môá
Medico	Veictanje	Môá icuá poran
Bruxo		Moanjaro
Discipulo de isto		
Remedios	Vaecacta	Môá poran
Doença	Cangá	Imbarace
Tabaco	Cafei grin	Pentin
Cachimbo		Pentin guó
Charuto		
Tabaco em pó		Pentin gui
Instrumento para tomar tabaco		
Deos	Tupen	Aôára
Phantasma		Bairi
Alma de um moribundo	Vaicoprin	Anguere
Sombra	Tenya	Cuárahan
Nome	Gïgi	
Imagem		
Voz	Inuin	Avú
Palavra		
Somno	Nhôro	Hopéi
Visão do somno	Veipetï	Amaema
Mamiferos		
Animal de caça		
Quadrupede	Pen vae cangrá	Pó irondï
Macaco	Canhere	Cahî
Bugio	Góng	Caraja
Morcego	Cuk féié	Bópi
Onça pintada	Min conguére	Jaguarete pará
Onça preta	Min xii	Jaguarete un
Puma	Min coxon	Jaguápõentã
Cervo	Cambé bang	Guaçú pucú
Veado	Cambé	Guaçú

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Lontra	Fók fei	Guairaçá
Anta	Oyôro	Boré
Capivara	Crendeng	Capivá
Paca	Cocame, criran Comer medo, cabeça listada	Jaixá
Aguti	Quexáng	Acuti
Pecari	Okxá	Taetetú
Javali	Creng	Tahiácú
Lobo	Hŏŏbo	Aguará
Bradypo		
Cuati	Xê	Cuatï
Tamanduá bandeira	Iotï	Caguaré
Tamanduá mirim	Cacrekin	Caguaré hi
Cavallo	Cavarú	Muimbá
Vacca	Boi tante	Guei
Porco	Oreng canheró	Taiaçú guai
Perro	O'ngóng	Jaguá
Gato	Mik xim	Baracajahï
Ratinho	Coxin	Angeja
Ratão	Pencupe, Cryóng	Angeja guaçú
Manati		
Manati (coelho)		Apreá
Lebre	Dit xú	Tapitï
Tatú	Fenein	Tatuetê
Tatú canastra		Tatupójú
Passaros		
Passaro		Guirá
Ovo	Crê	Guirá rupia
Arara	Cáéi	Guaá
Periquito	Cricriye	Canharin
Papagaio	Canton	Parácáo
Mutum	Peimbang	Mütum
Jacú	Cohï	Nhacompen
Jacutinga	Pein	Jacutin
Urubú	Nhantan	Ruvú
Urubú-rei	Nhantang bang copri	Ruvú tin
Aguia	Cacã	Nhapucanin
Pato	Pembéng	Ipéï
Pomba	Petcoin	Apicaçú
Gallo		Ruguaçú avá
Gallinha		Urúconhã

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Bolinho (pinto)		Urúrahi
Peixes reptis		
Peixe	Pirã	Pirá
Costra de peixe (escama)	Tifuere	Pirá pirè embóï
Espinha de peixe	Pirá cucá	Piracangue
Raya (especies diversas)		
Pintado	Rembang crintéye	Suruvi pará
Piranha	Paihérê	Pirãin
Jacaré	Apá	Jacaré
Tartaruga (do rio)	Ped nin	Carumbé
Tartaruga (de terra)		Iauti
Cobra	Pan	Bohi
(Cobras diversas)		
Cobra cascavel	Xaxá	Boi maracá
Sucuri	Beiyui	Curijú
Ran	Carára	Góa
Sapo	Pépô	Cururú
Lagarto	Gangré	Têjú
Linguana		
Insecto		
Formiga	Erin, roupran	Tahï
Termitas	Ring	Kïukïu
Mosquito	Cá	Bariguí
Mosca	Catei	Bérú
Abelha	Mang	Ehi
Mel	Mang	Ehi
Locusta (gafanhoto)	Opã	Tucúcarú
Vespa	Cok fú	Canhi
Mariposa (borboleta)	Tótó	Tanambi
Piolho	Ingá	Hïvï
Pulga	Campó	Tunguçu
Aranha	Hucrin	Nhandú
Caranguejo	Iongué	Uçá
Concha		Intan
Caracol	Dunér	Jatetá
Plantas		
Arvore	Cá	Iuirá
Folha	Féyc	Iuirá rogué
Rama	Capen	Iuirá racangué
Cortiça da arvore	Cafuére	Iuirá piré
Raiz	Cayáre	Iuira rapo
Espinho	Hói	Juú

Digitized by Google

PORTUGUEZ	KAINGANGUE	GUARANI
Semente	Fui	Juú ãïn
Resina	Cánhemiõ	Ij Aicï—Ijaicï
Casca de fructa	Canê fuere	Iuirá ha piré
Flor	Cafêie	Iuirá pótï
Fructa	Cane	Iuirá ha
Arbusto	Conxin	Iuirá mirin
Herva mate	Congoin	Caá
Grama	Re	Capihi
Milho	Nhara	Avatï
Planta de maiz	Nhara pen	Avatï ïpuï
Grãos	Nhara cane	Avatï hauï
Mandioca	Cominare	Mandió
Raiz de mandioca	Cominare gré	Mandió rapó
Farinha de mandioca	Cominare re met fei	Mandió cuhi
Beijú		Bejú
Chicha caxirì		Cauin
Banana	Tembang cane	Pacová
Batata	Dun	Geteï
Carà		Cará
Pimentão		Kêein uçú
Cautchir		
Cauchero		
Feijão	Arangró	Comandá
Mandubi		Mandobi
Cacáo		
Taquara	Uan	Taquápi
Canna para frechas	Uacró	Uiva
Canna de assucar	Ua:ri	Tacuareèn
Urucú		Irucú
Abobora	Pehu	Andahi
Calabaça	Rumia	Iuacuá
Timbó	Conjé	Timbó
Numeros		
Um	Piré	Petein
Dois	Rengré	Mocoen
Tres	Tacton	Boopohi
Quatro	Cangra	Irondî
Cinco	Paterá	Petein iruin
Seis	Ininyá ut piré	Petein ová
Sete	Ininyá ut rengré	Mocoin ová
Oito	Ininyá ut tacton	Boapohi ová
Nove	Ininyá ut vaecangrá	Irondi ová

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Dez	Ininyá ut paterá	Ten iruin ová
Onze	Iningue veicriton cri piré	
Doze	Iningue veicriton cri rengré	Mocoin rire suá
Treze	Iningue vei critane cri tacton.	
Quatorze	» » » » cangra.	
Quinze	» » » » patcra.	
Dezeseis	» » » ininha ou creva cri pire.	
Dezesete	» » » » » » » rengre.	
Dezoito	» » » » » » » tacton.	
Dezenove	» » » » » » » cangra.	
Vinte	Iniugue veicriton rengré	
Trinta	Iningue vecriton tacton	
Quarenta	Iningue vei critane	Vaecangra
Cincoenta	Iningue veicriton paterá	
Uma mão	Ningue piré	Pópetira
Ambas as mãos	Ningue rengre	Pó mocoen
Cousa	Dé hon	
Parte	Atan	Embohi
Pouco	Pire	Barihi
Muito	Ititi	Etá
Meio	Cuyu	Eepuãn
Cheio	Fóro	Teneen
Tudo	Cára	Etá
Alguem	On	
O primeiro		
Só	On pirê	Petein
O segundo		
O terceiro		
Pronomes		
Eu	Inhe	Hé
Tu	Ha	Dee
Elle	Ti	Aé
Ella	Fi	Deé, Aré
O		
Nos dois (eu e tu)	Inhe ha	Hu deé
Nos dois (eu e elle)	Tiembré	Hu aé
Eu e vos		
Nos dos (eu e elles)	Ein	Nhande
Vos dois	Ayangue rengre	Pee mocoen
Vos tres	Ayangue tacton	Pé boapi

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Vos muitos	Ayangue ititi	Pee etá peicó
Elles dois	Hague rengre	Mocoen aemá
Elles tres	Hague tacton	Boapoi aemá
Elles muitos	Hague hiatin	Etá aema
Elle este	Taguen	Aen
Aquelle	Ene	Emaenterexá
Mesmo	Hãn	
Outros	Hon	
Meu arco	Iuye	He xerapá
Teu arco	Auye	Deederapá
A) seu arco de varão		
B) seu arco de fuso de mulher		
Nossa casa	Ein in	Nhande êohi
Duas pessoas		
Nossa casa		
Muitas pessoas	Eé aguen	
Vossa casa	Oyangui in	Pendóhi
Duas pessoos		
Vossa casa		
Muitas pessoas		
Casa d'elles	Hagui in	Aé ohi
Duas pesssoas		
Casa delles		
Muitas pessoas		
Adjectivos		
Grande	Ombang	Tubixá
Pequeno	O'txin	Barihi
Alto	Teye	Pocú
Fundo	Ding	Puè pocuê
Longo	Teye eng	Pocuè
Largo	Tampere	Ipïca
Gordo	Tangue	Kïrá
Magro	Keyo (keiyó)	Pirú
Pesado	Cofú	I Póhïn
Ligeiro	Cayui	Dóipoïre
Velho	Cofá	Tuja
Joven	Keron	Cuca ramô
Direito, recto	Curêyê	Ivi poran
Redondo	Ron	O jagere poran
Frio	Cuxá	Rohi
Calido	Aranhenguet	Cuarahi acï

Digitized by Google

PORTUGUEZ	KAINGANGUE	GUARANI
Secco	Tong	Piru antan
Humido	Brere	Inhakï
Podrido (podre)	Cumaya	Unhumban
Salubre	Cangaton	Eçaenporan
Doente	Cangá	Embaeracï
Morto	Têre	Omanõ
Cęgo	Kevó	E'ça apú
Surdo	Cutú	Japuiça cãáveye
Mudo	Vin cuain	Baêriri
Coxo	Tin coreig *andar feio*	Icanre
Gravida	Cren	Puruâ ramõ
Bom	Hê	Poran
Prudente		
Tonto (louco ?)	Crin coreig	Iuahiri
Máo !	Nhombetinin	Póxi
Valente	Nhontinï, Turumani	Poxi
Cobarde	Mõmemé	Okije
Tintas		
Branco	Coprï	Morontin
Negro, preto	Hai	Hun
Obscuro	Cuti	Pintun
Sujo	Kavéye	Ikiha
Vermelho	Coxon	Poéntan
Azul	Teicoreg	O'i
Verde	Tei	Ikêrê
Amarello	Panteye bue ve *Passaro cacique cauda* como	Ijuma
Claro	Copri vê *Branco como*	Anverì
Tempo		
Hontem	Aranket	Cuééma
Ant'hontem	Aranke oht	Cuéirehó
Amanhan	Uaêca	Canêro
Depois de amanhan	Uaya antka	Canêro jaá
Hoje	Carantog	Conhai joá
Sempre	Vere	Aniveye
Agora	Onri	Cõnáen
Logo	Keyene	Racaeron
Um dia, no futuro		

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Logar		
A' dìreita	Peiniya	Iõnõ poran
A' esquerda	Iácain	Nhande ike
Cá, aqui	Také	Coapui
Cerca, proximo	Cacó	Mombiré
Ali	Tankï	Opepi
Longe, ao longe	Carangue	Mamõra
Para lá	Tancante	Cucote
Para cá	Tacante	Cüconte
Adiante	Pante	Tenondérupé
Para traz	Endote	Tekiquepé
Perante a casa		
Detraz	Panin	
Arriba	Kigma	Penin ãvõ ve
Sobre	Crifi	Moin poran
Sobre, acima		
Debaixo	Cren	Iguipe
Abaixo	Cren	Iguipe
Fóra	Ton iate	O'cape
Dentro	Cantê	O'pïpe
Sim	Han	Nein
Não	Uó	Aneire
Pode ser	Enerique mon	Evaá
Eu vou com meo amigo	Icaicá iambretin *Meu amigo eu junto vou*	He aátá xeerun rupi ve
Eu corto com minha faca	Ikefé tan iarino *Meo faca com eu córto*	He aáta aikintinta xe-kicepï *eu vou cortar eu faca com*
Eu entro por a porta	Inhatcá ará ran	Hé aiketa oï botï pïpï *eu entro casa porta por*
Eu pelejo contra os inimigos	E in caicá ton mára cainxóg ti toyon nó *Nossos amigos não são, então, com elles briga*	He xe póxi á joguero ta xe revero pi *Eu meu inimigo brigo contra*
Na casa está uma puela (moça)	Tetan inté cani *Moça casa está*	Conha tain oipé incona *Moça casa em está*
Eu salto no rio	Goyo kin erein mõ *rio eu salto vou*	He ïpi apó guióve *eu na agua salto*

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Eu vou ao redor do fogo	Pin máo vein nhin *fogo ao redor eu ando*	He ajerejere tátáre
Eu chego da serra	Crinte in cantin *serra de eu venho*	Hé áju auïtï *eu venho serra*
Verbos.		
Trabalhar	rãn arãnhia	Nhambáapo
Respirar	Yenguere	Petumé
Levantar-se	Nhengara	Epôan
Dormir com uma mulher	Ontante embre noro *Uma mulher com durmo*	Conha petein oke pé *mulher uma dormir com*
Tocar	Kenera	Bópú
Atar	Tocfin	Nhapantïn
Ficar	Cán	Epïtá
Queimar	Páro	E'apï
Trazer	Mbara	Erú
Pensar	Cré	Acririnró
Comer	Cõ	Jaú
Cair	Cuten	Áha
Voar	Ten	Ovêvê
Correr	Uora	Enhânin
Alegrar-se	In mahete	Ageroviá
Sentir	Yanguete	
Temer	Camé	Akejê
Bocejar	Anguemõ	Hopeui
Dar		Emohé
Parir	Má	Membï
Nascer	Jure	O' âmã
Andar, ir	Tin	Aguatá
Agarrar, tomar	Cagmi	Aipuï
Golpear, bater	Tain	Eimumpã
Ouvir	Mein	Aendúma
Ter fome	Cokire	Nhimbú ahi
Tossir	Cofuro	Jíuí
Cagar	Nhafá	Apoti
Mascar	Nhemonhen	Eiçõõ
Chegar, vir	Jun	Onoê
Provar	Camerâ	Taangá
Rastear	Ráran	Mbóteranï
kir	Vengï	Ogiroviá
Viver	Riavoi	Cóapï
Pintar	Konguere	Bopará
Moer	Jóiniin	Eipocá

Digitized by Google

Portuguez	Kaingangue	Guarani
Fazer	Handera	Egeapó
Costurar	Curan	Japó
Espirrar	Axin	Antin
Mijar	Yei	Jacuarú
Falar	Uin	Eaevú
Cheirar	Cáin	Aentun
Remar	Rombara	Eipivú
Chamar	Yéké	Tereõ
Ver	Vei	Aexá
Estar sentado	Inini	E'guapï
Dormir	Nõro	Aké
Bater	Tãin	Eimumpã
Afiar	Yuke	Aimbeé
Parar	Nhe	Apuitá
Tatuar	Conguêre	Oápará
Matar	Tere	Ajucá
Estar triste	Idmá cangá	Acriririn
Beber	Cron	Tambô apui
Volver	Viriti	Jerêgerê
Crescer	Bong	Ocacoama
Tecer	Fuira	Enhõnon
Chorar	Fan	Ojacó
Deitar	Naŋ	Nhaminô
Querer	Hei	Aipotâ
Contar, numerar	Nicré	
Mostrar	Ven	Jaexá
Tirar	Ninhama	Emboï
Vamos !	Tona	Jaá vôi
Vamos pitar	Uan yueye	Penten amotin bóta
Acabou-se !		Ûpama
Entende ?	Kevanherá ?	Reicuapa dee ? *Entende tu ?*
Está bom ?	Anrahet ?	Necõên poran pá ?
Estou bom.	Het.	He xe poran catú



APPENDICE



Digitized by Google

Digitized by Google

Etymologia de nomes, alguns rios e logares da comarca de Guarapuava, na lingoa dos Coroados ou Kaingangues.

XII

Goioem

Goioâint, *goio*, agoa, *aint*, invadeavel, que não se pode passar a vao. Quando pela primeira vez os Kaingangues quizeram passar o Uruguai, mandaram seos exploradores margeal-o: não encontrando vao, disseram á volta: *Goioaint*, rio ou agoa invadeavel. Dahi lhe ficou o nome que os nossos alteraram em: Goioen e Goioene.

Xapekó

Xáembetkó: *Xá*, salto, caxoeira, *Embetkó*, um modo de caçar ratos á noite com fachos. Pela semelhança que lhes pareceo,(aos Kaingangues) ter as pescarias de *cascudos*, á noite neste rio com a dos ratos, lhe puzeram este nome, que os nossos alteraram ou abreviaram.

Xopim

X*upin*: *Xu*, o ruido que produz o fogo ao apagar-se na agoa. *Pin*, fogo--apagou fogo. Contam os Kaingangues que em uma de suas excursões, os que iam na vanguarda vadearam ainda de dia o Xopim e acamparam; os que vinham na retaguarda chegaram á noite, prepararam um facho e principiaram a vadear o rio, cujo vao é ruim, cahindo o que levava o facho, gritou: *Xupim*!!! apagou fogo. Desta circumstancia lhe ficou o nome.

Digitized by Google

Xagú

Xongú, é o nome, no idioma dos Kaingangues, de um pequeno arbusto espinhoso que dá neste campo, mas os Kaingangues chamam ao campo, mais commummente: *Mincriniarê*. *Mim*. Tigre, *Crin*, cabeça; *Iá*, abreviação de *iaprì*, caminho, *Rê*, campo. Campo da cabeça do tigre no caminho. Contam que, os que iam adiante, na sahida deste campo, mataram um tigre, cortaram-lhe a cabeça, espetaram-n'a em um pao, e o fincaram no caminho, os que vinham atraz viam a cabeça e diziam—*Mincriniá*—Tigre, cabeça, caminho: Dahi proveio ao campo seo nome que foi substituido pelo outro de Xongú que alteraram em Xagú.

Campo Erê

Campo-Rè: *Campó*, Pulga, *Rè*, campo: Campo da pulga.

Xanxerê

Xaxarê: *Xaxá*, cobra cascavel, *Rê*, campo: Campo da cascavel.

Palmas

Aos campos de Palmas chamam,os Kaingangues *Creic-bang-rê*: *Crêiê* pilão, *Bang*, Grande, *Rê*, campo: Campo do Pilão grande: Dizem que lhe pozeram este nome porque alli tinha um grande pilão, ou talvez monjolo, feito por um indio chamado — *Nharaburo*, Broto de milho.

Guarapuava

Aos campos de Guarapuava chamam os Kaingangues, *Côranbang-rè*: *Coran*, dia, ou claro, *bang*, grande, *Rê*, campo: Campo do claro grande, ou Clareira grande.

Aguará, em Guarani, é o nome do nosso lobo, canisjuratus.

1888. Janeiro.

Digitized by Google

CAGUARÉ JAGUARETE

XIII

Nhandei pui mombeú : Caguaré Jaguarete jaá nhande já poti.
No principio, contavam : Tamanduá Tigre juntos foram evacuar.
Kivopá Jaguarete caguaré pê; baeroó ó hu jé pirai ?
Perguntou Tigre : Tamanduá para ; carne cóme mais que eu ?
Aipohéi Caguaré ; boré xe ahi, taiaçú xe aú, taetetú xe aú.,
Disse Tamanduá : anta eu como, porco do matto eu como, tateto eu como,
guaçú xe aie avi. Aipó hêi Jaguarete, Caguaré pe : xe aúvê,
Veado, eu como tudo. Disse Tigre Tamanduá ao ; eu como mais
dee gui. Caguaré aipóhei, Jaguarete pê : dee reú tahi.
voce do que. Tamanduá disse Tigre ao ou para : Voce come formiga só.
Dee apu ! Jaguarete Caguaré pe aipohei. Jaa já poti exá, Caguaré
Voce mentira ! Tigre Tamanduá para disse. Vamos então evacuar, então ver, Tamanduá.
aipóhei Jaguarté pê. Jaá já poti aiporon : Juaguarete aipohei.
disse Tigre, para. Vamos então evacuar para ver : Jaguarete disse

Digitized by Google

Jaa nhacãn pêun hí, Caguaré aipóhei. Eremae têi ne cremaioro xe posita Jaguarete aipóhei.

Então olhos fechemos, Tamanduá disse. Então fechemos, se abrir eu fico bravo, disse o Tigre.

Caguaré omaen, Jaguarete repoti ônhomi

Tamanduá olho abrio. Tigre escremento delle roubou.

Nen nhamaen vohi ; Caguaré Jaguarete aipó hei xu pe. Nem já exá vohi.

Vamos olhos abrir. Tamanduá Jaguarete disse para. Vamos olhar ligeiro

nhande repoti; xe ae xama xerepoti nein dei já exá Caguaré

nosso escremento ; eu já vi meo escremento, agora teo vamos olhar. Tamanduá

aipochi, Jaguarete pê. Ja exama ; Caguaré repoti baé cangue, baérague,

disse Tigre para. Vamos olhar; Tamanduá escremento ossos, pellos

etá ; Jaguarete, repoti, tahiri !... Onhehennhem Jaguarete Caguaré pe: xee

muito ; Tigre escremento formiga só !... Falou Tigre, Tamanduá para : meo

xerepoti coopéva; dee derepoti tahi; xe xerepoti baeroó, bae râguê, borê

escremento trocou ; você escremento formiga ; meo escremento carne, pello anta, pellos,

rague, bae cangue, etá ; Jaguarete, gue potire poxi e á. Okije Caguaré Jaguarete gui

ossos muito : Tigre, por causa do escremento, bravo está. Medo Tamanduá Tigre d'elle

ooma Caguaré. Jaguarete Caguaré orinti. Hereça dee crecê, Jaguarete ?

foi-se Tamanduá. Tigre Tamanduá encontrou. Meos olhos com teos trocar Tigre !

Digitized by Google

Caguaré onheenhen. Nein xereçá embohi Caguaré; aipó é hi Jaguarete
Tamanduá falou. Sim meos olhos trocar, Tamanduá ; disse Tigre.
Aci nhandureça nhanboiro, Jaguarete; Caguaré aipo e hi. Emboi acivo.
Dóe nossos olhos no tirar, arrancal-os, Tigre; Tamanduá disse. Arranca ainda que
gepe ! Jaguarete onheenhem. Hereçá aci ! xereçá aci ! Caguaré ! hai, ahi...
dôa pode arrancar ! Tigre falou. Meo olho dóe, meo olho dóe ! Tamanduá ai, ai !..
Jaguarete onheen. Tamoin xereçá dereçá pe; Caguaré onheen ; Amboima ;
Tigre falou. Ponho meo olho você olho para Tamanduá falou : Arrancando ;
é puitá deé o pé rece... Embouvo voi xereçá Caguaré ! Jaguarete aipó e hi.
fica você aqui mesmo... Restitua-me meos olhos Tamanduá ! Tigre disse
Aráama dereçá Jaguarete; Caguaré aipó e hi... Ooama Caguaré.
Eu levo teos olhos Tigre : Tamanduá disse... Foi-se Tamanduá.
Hetan iri voi aiporom : Jaguarete onheen. O sapucái, Jaguarete,
Eu sentado assim mesmo. Tigre falou. Gritando Tigre...
petein rohi. Inambú óú. Maeron pã reçapucai, Jaguarete ? Hereçá
um anno. Nambú já veio. Porque é que você grita, Tigre ? Meos
Caguaré oemo é, xe açapucai. Rei potápa Hereçá Jaguarete ? Inam-
olhos Tamanduá levou, eu gritando. Você quer meos olhos Tigre ? Inambú disse.

Digitized by Google

bui aipo e i ? Nein catú,Inambú, dereça embou catú, Jaguarete onhe en.
Quero muito, Nambú, teos olhos, me dê ligeiro ou bem; Tigre falou.
Tamoin hereça dereça pui-tereõ Caguaré răki cuére. Heáamã Inambú,
Ponho meo olho você olho para, va Tamanduá atraz d'elle. Eu vou Nambú
a xaro ajócata caguaré. Uirá tubixá pui se aké, repuirum tein
Se eu encontrar, mato Tamanduá—Pao grande junto eu durmo ; não piza
mé xere é Jaguarete : aipo e i Inambú. A pêrun en hiva, xe aicuama. Jagua
em mim Tigre: disse Nambú. Não piso em vocês, eu sei Tigre falou
Hé aama, Inambú ; Caguaré rakicuére. Petein zohi incõne Jaguarete Caguaré
Eu vou Inambú; Tamanduá procurar. Um anno foi Tigre Tamanduá.
rakicuere. Okè Caguaré aguepe o oaema : Oentun Caguaré oke ague ; petein rôhi Caguaré
procurando. Dormir Tamanduá onde achou; cheirou Tamanduá dormir onde ; um anno Tamanduá
oaçama ; voma temondí rùpi petein jaci ; oanjevime oké aguape; có coain Caguaré
já passou ; foi adiante uma lua ; chegou dormir onde; agora mesmo Tamanduá
oóraé : roéxama Caguaré, epuite opépué ; Jaguarete aipu ehi.
foi : já vio Tamanduá. Voce mato Tamanduá, espera ahi; Tigre disse.
Xapuitá, nakijere ; Caguaré aipú e hi. Dee xereçá remoe, Caguaré ; dere ajocaire.
Estou parado ; não medo : Tamanduá disse. Você meo olho arrancou. Tamanduá ! você mato :

Digitized by Google

Jaguarete onheen. He poanpen pocú xêè; dee ne poan pé baizihi, Jaguarete! nhande.
Tigre falou. Meo unha comprido meo ; teo de você unha pequena, Tigre : nos
mocoen nhamano, Caguaré aipú e i. Rupinxama Jaguarete ; enduaci ? enduaci ? [illegible]
dois, nós mesmo, Tamanduá disse. Já peguei você, Tigre ; está conhecendo ? está conhecendo ?
Jaguarete! aipú é hi Caguaré Jaguarete pe... Omanoma Jaguarete....
Tigre! disse Tamanduá Tigre pára, pára. Morreo Tigre

(Fevereiro 12 de 1907.)



Digitized by Google

TUMULOS

XIV

Em nossas explorações pelo Municipio do Tibagi temos encontrado e observado quatro modos differentes de enterramentos indigenas ; dois, os modos actuaes dos Kaingangues e Guaranis, descriptos n'este livrinho. Os outros, nos parecem anteriores á occupação do territorio pelos Kaingangues e Guaranis actuaes,um d'elles,é o que nos parece ser o mais antigo, era feito em vasos de argilla, pintados de branco e vermelho, dentro dos quaes collocavam o morto, bem como outros vasos menores, que deviam conter alimentos, cobrindo-os com outro vaso que lhe servia de tampa ; n'estas *urnas* se encontram ainda : fragmentos de ossos, dentes ainda perfeitos, e pequenas vasilhas de barro.

Destas urnas só as tenho encontrado no Jatahi. Sua extracção é difficil, em vista da fragilidade que apresenta a argila humidecida do contacto com a terra em que está inhumada. Em nossas excursões pelos campos e fachinaes deste Municipio, sempre nos despertava a attenção, certos *monticulos* de forma conica, que encontravamos nos pontos mais elevados das *cochilhas*, principalmente nas das immediações das grandes florestas de pinheiros ; pela forma traziam-nos á memoria os *tumulos* dos Kaingangues. Procedemos á excavação de um destes monticulos ; a um metro e

Digitized by Google

cincoenta (1, 50) de profundidade do solo, deparamos, com uma lage de quarenta centimetros de comprimento sobre trinta de largura; removendo-a, encontrámos: Carvão e cinsas sobrepostos a uma lage horizontal, e duas em sentido vertical. Depois temos procedido a outras excavações em monticulos semelhantes, e o resultado tem sido identico. D'ahi a convicção de que estes monticulos são tumulos ou sepulturas, de uma nação ou tribu que uzava a cremação de seos mortos. —Qual seria esta nação? Os Kaingangues e Guaranis actuaes, não usam a cremação. Ao tempo da descoberta e conquista desta parte do Brazil, os selvagens que a habitavam, segundo se pode deprehender dos vestigios linguisticos que deixaram, nos nomes de rios e logares, eram Guaranis com a denominação de Guaianases nos campos, e Carijós no littoral. No pouco que temos lido a respeito destes selvagens, não encontrámos referencia ao costume da cremação dos cadaveres. Os Carijós sepultavam em seos tumulos, formados de ditritos de moluscos; os Guaranis naturalmente seguiam o costume que legaram a seos descendentes, os Caîguás e Guaranis actuaes.

Quaes seriam, pois, os que cremavam e os que sepultavam em urnas? (1) Ahi fica esta interrogação aos competentes estudiosos. Que esta zona do Paraná foi habitada por tribus e nações differentes, prova-m'o não só os modos diversos de enterrar os mortos, como as varias formas e modos de fabricação de suas vasilhas de argila; os objectos de pedra lascada, os de pedra polida, entre os quaes se notam differenças sensiveis, tanto na materia de que são feitas, como nas formas geraes. (Para facilitar estudos comparativos vejam-se as estampas.)

---

(1) A cremação era de uso nas tribus *Aruaquis* e *Pariquis*. Teriam essas tribus habitado o valle do Tibagi?

Digitized by Google

Parece-nos que os indigenas que, ao tempo da descoberta, habitavam os campos deste Estado, se é exacta a descripção de Gabriel Soares de Souza, em seo *Roteiro do Brazil*, deviam ser os Guaianás. Partindo deste principio,devemos attribuir a elles os restos archeologicos que são encontrados dispersos, e, mais frequentemente nos logares que lhes serviam de paradeiro ou habitação. Mas como explicar as differenças de formas destes restos ? Pela evolução e aperfeiçoamento natural, ou a outros agentes que o precederam ou succederam. Diz Gabriel Soares que —*Guaianãs vivem em cóvas pelo campo, onde tem fogo dia e noite.*

Ora, justamente pelas cochilhas de nossos campos, nas proximidades das mattas e capões, existem vestigios claros e patentes de taes *cóvas*; dentro d'ellas se encontram arvores e pinheiros seculares ; estas cóvas são denominadas pelo vulgo, com o typico nome *buracos de bugres*. Os coroados ou kaingangues, que desde o seculo 18º até meado do 19.º, dominavam na parte Oeste e Noroeste deste Estado, nunca tiveram o costume de habitar em covas ; não uzavam furar o labio, para explicar o uso de *tembetás* de quartzo, que se encontra nos extinctos paradeiros ; suas vasilhas de barro são completamente differentes das que se encontram nos diversos logares do Estado ; são de forma conica com o vertice para baixo e assento ; são feitas de argila negra, de côr preta luzidia, de paredes delgadas e bem acabadas ; o idioma d'elles é diverso do das tribus Guaranis ; não sabiam construir canôas, nem navegar nos rios ; pouco nadadores ; os rios invadiaveis impediam-lhes a passagem, que só conseguiam realisar nas oocasiões de grandes seccas ; apanhavam os peixes nos *paris;* não tinham e não sabiam servir-se de anzoes, covos e redes de pescar ; segundo a lenda que vae publicada : — *vieram do lado do*

Digitized by Google

poente de Guarapuava, da serra Crinjinjimbé. Onde seria essas serra? Nos Andes? E o Paraná e Paraguai a atravessam? O que é real, é que os coroados ou Kaingangues, do Paraná, Rio Grande do Sul, e S. Paulo, não eram conhecidos, ao tempo da descoberta dos exploradores da costa nem dos do interior. Se no Paraná existem restos da tribu ou nação Guaianá, devem ser estes os—Arés—do baixo Ivahi e Pequiri, os unicos que por seo idioma, e caracteristicos brandos e pacificos se assemelham á descripção que delles faz Gabriel Soares de Souza. No logar denominado—Boqueirão—á margem da estrada da Graciosa, entre os ribeiros Cangoerí, (deve ser—*Acan-gue-ri,* —cabeça, osso agoa)—e Timbú, existiam em nosso tempo de menino, duas destas covas; diziam os velhos d'aquelle tempo, que taes covas tinham servido para moradas de bugres ou para depositos de guardar pinhões. Ha pouco tempo, percorrendo uma cochilha de campo, entre os rios Imbaú e Imbauzinho, no municipio do Tibagi, encontrámos em diversos pontos, oito das taes covas, que neste municipio são muito frequentes. Seria interessante proceder-se nellas a uma minuciosa excavação e busca.



Digitized by Google

KAINGANGUES E GUAIANA'S

XV

Ao encetarmos este pequeno trabalho, nos parece necessaria uma breve explicação : o que sabemos sobre os guaianás tem sido aprendido lendo citações da obra de Gabriel Soares e observando nos vestigios por elles deixados nos logares de suas antigas habitações nos campos deste Estado.

Em referencia aos Kaingangues, e devido ao trato e convivencia com elles, em seo estado selvagem pelo espaço de mais de vinte annos, observando seos costumes, lingoagem, lendas e narrativas.

Pensamos que esta preliminar nos autorisará a merecer credito dos que se derem ao trabalho de ler o que segue:

Tendo lido na Revista do Museo Paulista, vol.4º —1895, p. 35 a 139, um estudo do Sr. Dr. H. von Ihering, sobre os *Coroados*, achando verdadeiras as observações feitas pelo mesmo Sr., contra a opinião do Dr. Capistrano de Abreo, escrevemos, mui ligeiramente, sem a pretenção de que fosse impressa a carta que está impressa no vol. 6.º, p. 53 a 62 da referida revista, na qual se acha tambem de 23 a 44, um outro estudo do mesmo Sr. von Ihering, com o titulo—Guaianás e Kaingangues de S. Paulo — no qual conclue aquelle Sr. que : os guaianás descriptos por Gabriel Soares, são os actuaes kaingangues.

E, porque não estejamos de accordo com a opinião do illnstre professor, vamos tratar de justificar a divergencia do nosso modo de pensar.

Digitized by Google

Na carta referida fizemos ver que :—Se os guaianás que habitavam os Campos Geraes fossem os ascendentes dos kaingangues, as denominações dos rios e localidades seriam conservadas no idioma delles e não no guarani, como são.

Não é provavel que sendo os povoadores da região portuguezes, fossem denominados os rios, arroios e logares na lingoa guarani, mas sim na propria.

«Os guaianás, diz Gabriel Soares, entendiam-se com os carijós, com quem tinham guerra». Os kaingangues, não entendem o idioma das tribus guaranís e guerream a todas.

...«Não eram maliciosos e refalsados, antes simples e bem acondecionados ; não matavam os que captivavam» ;—Os kaingangues são de caracter altivo, independente, refalsados e trahidores ; trucidam todos os prisioneiros adultos, homens e mulheres, conservando como escravos os menores.

...«Se encontram com gente branca, não fazem nenhum damno, antes boa companhia».

Os kaingangues, mostraram-se sempre inimigos dos brancos, assaltando-os traiçoeiramente e trucidando-os em suas vivendas, roças e pelas estradas.

«Não costuma este gentio, o guaianá, fazer guerra aos seos contrarios fora de seos limites, nem os vão buscar ás suas vivendas, porque não sabem pelejar entre o matto, se não no campo onde vivem e se defendem com seos arco e flechas».

No campo, onde vivem :

Os kaingangues vivem no matto ; vão procurar os inimigos em suas vivendas, indistinctamente no campo ou no matto ; combatem ás flechadas, e principalmente matam a garrote, para cujo fim teem *porretes* especiaes.

«Não vive, este gentio, em aldeias com casas arrumadas, como os Tamoios, seos visinhos ; mas em

Digitized by Google

covas pelo campo debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia, e fazem suas camas de rama e pelles de alimarias que matam».

Os kaingangues, vivem em toldos ou aldeias formadas de casas cobertas com folhas ou ramos de palmeiras; no centro destas, conservam uma linha de fogo; dormem sobre cascas de arvores, deitadas no solo, com os pés para o lado do fogo.

Neste Estado, principalmente nos municipios de Piraquara, S. José dos Pinhaes, Campina Grande, Arraial Queimado, Coritiba, Campo Largo, Palmeira, Castro e Tibagi, existem em abundancia *as covas* de que fala Gabriel Soares; nellas e em suas proximidades encontram-se: panellas de argila e pedaços destas; machados de pedra polida; pontas de flechas de quartzo lascado; um ou outro tembetá de cristal de rocha rarissimo; mós, de pedra polida para pilão ou almofariz.

Os vasos de argila, são de formas e fabricação differentes dos feitos pelos kaingangues, assim como os machados e pontas de flechas.

O tembetá, é hoje de resina, osso ou madeira que o fazem, e neste Estado é usado exclusivamente pelos indios de raça guarani.

Os kaingangues nunca o usaram, e até teem uma expressão de pouco caso para os que o usam.

Okxá aracafan doro, significando: Toca, ou buraco de tateto.

«São na cor e proporção do corpo, eguaes aos Tamoios.» Ora, se eram na cor e proporção do corpo, eguaes aos Tamoios que eram Guaranis ou Tupis: não podem ser os Kaingangues os descendentes, ou resto delles; porque são tanto em cor como no mais, differentes dos Guaranis subsistentes.

Veja-se a descripção que dos Kaingangues fize-

Digitized by Google

mos, publicada na Rev. da Secção da S. de Geog. de Lisboa no Brazil, tomo II, 1883 p. 30—36.

«Desde o Rio de Janeiro até S. Catharina, porem, escreve o Sr. von Ihering, viviam Guaianás em amizade boa e boa camaradagem com os indigenas relacionados, tendo sido os que com mais facilidade se submetteram ao dominio dos portuguezes».

Os Kaingangues, a não serem dois pequenos grupos, um em Guarapuava e outro em Palmas, chefiados, este por Virí e aquelle por Condá, nunca tiveram boa camaradagem, e menos ainda amizade com os brancos; e, mesmo essa união, foi devida á guerra que os outros Kaingangues faziam áquelles dois chefes, por motivo de rixas particulares.

As relações entre brancos e Kaingangues, foram encetadas, parece-nos, antes do meiado do seculo passado; mas, tanto indios alliados como brancos e selvagens, continuaram a hostilisar-se até 1863, epocha do ultimo assalto por elles, selvagens, praticado nos campos da Larangeira, Guarapuava.

O autor destas linhas ouvio do cacique Deggaembang, a narração do exterminio por elle praticado na familia Machado, a quem deveria gratidão, se a conhecesse, pela bondade com que o trataram; mas, necessitava de ferramentas e roupas que Machado possuia...

Temendo a vingança dos brancos e dos indios aliados, vieram apresentar-se no Jatahi, onde aldeiaram-se.

Quem os encontrou á chegada, foi o autor destas linhas, observàndo-lhes, nesse tempo, os usos e costumes primitivos, hoje quasi por completo transformados.

Se os Guaianás entendiam-se com facilidade com os Carijós, é natural que falassem o mesmo idioma ou dialecto; pois, não existindo escripta entre os selvagens e sendo os indios de idioma differente inimigos,

Digitized by Google

não se comprehende a facilidade de aprender e falar o idioma do contrario, com quem não podiam conviver.

«...No Rio Grande do Sul os Coroados com regular successo, prestaram-se para o aldeamento.»

Não foi tanto como suppõe o illustre professor; os Coroados do Rio Grande, eram o terror dos viandantes e tropeiros, principalmente na travessia dos celebres mattos Castelhano e Portuguez; onde exterminavam as caravanas que por ali passavam desprevinidas.

Existem ainda, neste Estado, tropeiros que narram os assaltos que soffriam.

Parece-nos que pelo anno de 1840, mais ou menos, foi que se fundou naquelle Estado, em Nonohai, o primeiro aldeiamento de Coroados, dirigido pelo major Francisco Antonio de Oliveira; mas, mesmo depois de aldeiados, a pretexto de caçadas, nas quaes demoravam dois e trez mezes, assaltavam clandestinamente os tropeiros e estancieiros, trucidando os que lhes cahiam ás mãos; o ultimo assalto que praticaram, no mesmo Estado, foi na estancia denominada «Trez Irmãos», onde exterminaram todos os habitantes, inclusive o proprietario Clementino dos Santos Pacheco.

«... Continuaram outros grupos de Guaianás ou Kaingangues no seo primitivo estado selvagem.

Assim é que o coronel Machado de Oliveira, transcreve um officio do Barão de Antonina, de 1843, queixando-se dos Guaianás do municipio de Itapeva, que, por sua ferocidade e continuos actos de barbaridade que praticavam não só com os moradores, como com os que transitavam por esta estrada, tornaram-se formidaveis e temidos.»

Não podemos comprehender, como, *sendo os Guaianás mansos e amigos dos brancos,* e os que mais fa-

Digitized by Google

cilmente se submetteram aos Portuguezes, no principio do povoamento na zona por elles habitada, se queira, depois de passados mais de duzentos annos, attribuir a elles, Guaianás, todas as barbaridades commettidas por hordas bravias como eram as dos Kaingangues !

A explicação que podemos dar, e que nos parece verdadeira, é que: « *a denominação Guaianás era dada indistinctamente a todo selvagem cuja verdadeira ignoravam* » e, como os Kaingangues por seo paradeiro longinquo, eram desconhecidos aos habitantes de Itapeva, hoje Faxina, tendo por tradição conservado na memoria o nome dos primitivos habitadores da terra, davam, erradamente, a denominação de Guaianás aos Kaingangues.

Pela immigração de Faxineiros, este costume foi se introduzindo aqui no Paraná, zona Norte ; já nossos caipiras denominam Guaianás a selvagens que imaginam existir, mas que não são vistos ; e o que mais interessante se torna, é, que : os proprios Kaingangues usam tambem, aprendida dos caipiras, a mesma denominação para suppostos selvagens.

Quando se lhes pergunta quem são os Guaianás respondem que os não conhecem nem lhes sabem o idioma.

A denominação de Guaianá dada ao indio de Itapeva, (um verdadeiro Kaingangue), como se denunciava pela lingoagem, observado por Saint Hilaire, diria ter-lhe sido fornecida por um branco ; era com certeza um prisioneiro escravisado.

O escravisamento do indio aprisionado, era facto vulgar neste Estado no principio do seculo passado ; o que escreve estas linhas, em sua infancia, conheceo em Coritiba, donde é oriundo, alguns indios Kaingangues e Botocudos escravisados ; depois, em 1863, conheceo na fazenda da Fortaleza, neste municipio, uma

Digitized by Google

india Kaingangue casada com um escravo da fazenda e por este motivo considerada e tratada, como escrava tambem.

A terminação *em* do nome que escrevem *Goioem*, não é um augmentativo, como pensa o professor von Ihering; é sim corrupção do nome do rio *Goioint*, que é o verdadeiro nome, no idioma dos Kaingangues, do rio Uruguai; *Goioint* não significa *rio grande*, mas sim *rio ou agoa invadiavel*.

A proposito da etymologia desta palavra, contou-nos o cacique Arakxó, que quando pela primeira vez chegaram os ascendentes delle ao Goioem, mandaram explorar, abaivo e acima, algum logar vadiavel; depois de dois dias voltaram os exploradores, dizendo: *Goioint*; rio invadiavel, que não dá passagem a pé.

Dessa circumstancia lhe ficou o nome, que foi alterado na pronuncia por nossa gente.

Bang é que significa grande; assim rio grande, é «Goioem Bang».

Os Hocrens a que nos referimos na carta que está publicada no 6.º vol. da Rev., são Kaingangues puros, habitam o vale do Piquiri e hoje vivem em paz.

Quanto aos Soklengs, não os conhecemos, nem delles temos noticia; sabemos, entretanto, que os selvagens bravios de Santa Catharina, são conhecidos pela denominação de *Botocudos*; desconfiamos que falem algum dialecto Guarani; Kaingangues é que elles não são; pois, estes, temem-nos por sua valentia e braveza, e delles são inimigos.

Na mesma Revista vol. 6.º, de p. 45—52, vem um artigo do Sr. Benigno F. Martinez no qual citando Azara na discripção que faz de selvagens que viviam entre os rios Uruguai e Paraná, denominando-os — Guaianás; diz: «differentes de todos os outros povos indigenas no idioma; no falar alto e desentoado; *na*

sua cor muito notavelmente mais clara...... ; na cir·cumstancia de alguns terem olhos azues.

Não tem barba e conservam as sobrancelhas e pestanas.

(O grypho é nosso.)

São pacificos e um tanto carinhosos com os estrangeiros.

...... no mais andam totalmente nús e as mulheres cobrem a cintura com um tecido do mesmo caraguará.

...... se assemelham com os Tupis nas armas, nas habitações, na agricultura e em possuir animaes domesticos.

Pelas citações acima vê-se que os selvagens descriptos por D. Felix Azara, não eram Kaingangues; porque : Se estes são differentes, no idioma, de todos os povos indigenas; não tem o falar alto e desentoado, a cor dos Kaingangues é egual á da generalidade dos indiginas brazileiros, um pouco mais baça que a dos Guaianás; nunca encontrámos entre elles individuos de cabellos louros e nem de olhos azues; e note-se que temos visto mais de uma geração destes selvagens.

Os Kaingangues, tem, e sempre tiveram, pouca barba, e isto só depois que abandonaram o costume de arrancar os pellos das sobrancelhas e pestanas, assim como o de cortar os cabellos curtos ; e a larga coroa no alto da cabeça, nos parece que lhes servia de distinctivo.

Se os selvagens observados por Azara fossem os Kaingangues, que sempre tiveram o costume de arrancar as sobrancelhas e pestanas e fazer a coroa, do que lhes veio a denominação de Coroados, não lhe escaparia essa circumstancia typica, e a teria mencionado.

Os Guaianás de Azara teciam a fibra do caraguatá ; os Kaingangues só usam como materia textil as

Digitized by Google

fibras da ortiga grande; os homens andam nús; mas, teem quasi todos uns grandes mantos que lhes servem de coberta e com os quaes se enfeitam nas festas.

As mulheres cobrem-se, da cintura aos joelhos, com uma tanga; tanto esta como o manto, ao qual chamam *curú—cucha*, panno frio, são feitos das fibras da ortiga grande: não são tecidos em tear, objecto a elles desconhecido, mas tramados a mão, de fio a fio.

As armas, habitações e agricultura dos Kaingangues são differentes das dos outros selvagens; não domesticam nem possuem animaes domesticos.

Note-se que na descripção que fazemos, nos referimos aos Kaingangues no seo primitivo estado selvagem; hoje, estão quasi por completo transformados em caipiras, tendo adoptado grande parte do nosso modo de viver.

Residimos pelo espaço de quasi dois annos, 1894 e 1895, no territorio de Missões na Republica Argentina; conhecemos pessoalmente o cacique Kaingangue Nadana e seos companheiros; vimos tambem alguns Caigrús do alto Paraná; mas, de Ingains, nunca tivemos noticia.

O Ingain observado por meo distincto amigo, o Archeologo Argemino J. B. Ambrosetti, parece-nos que seria um selvagem de outra nação escravisado pelos Kaingangues, e dahi o vicio de *misturar* palavras do proprio idioma com as do Kaingangue.

Ao vocabulario Guaianá de D. Domingos Patinõ, addiccionamos as correspondentes palavras em Kaingangue, para que se veja a radical differença que existe entre um e outro idioma.

Resumindo pelo que fica escripto, parece-nos demonstrado que os Kaingangues são completamente differentes dos Guaianás de Gabriel Soares; e, por conseguinte, não são os descendentes delles.

Digitized by Google

Que os Guaianás de Azara e isto pela differença radical que se nota nos respectivos vocabularios, tambem nos usos e costumes, não são Kaingangues.

E por ultimo que o Ingain de Ambrossetti deveria ser um selvagem de outra tribu, escravisado pelos Kaingangues de Maidana.

Se ainda existirem descendentes dos Guaianás nas proximidades de Santos, facil será conseguir-se delles um vocabulario,para comparal-o ao dos Kaingangues.

Isto seria decisivo.

Concluindo: o motivo que nos levou a escrever este artigo, foi unicamente o de, embora mal, contribuir para o esclarecimento de um ponto ethnographico sobre os selvagens habitantes deste Estado.

Não nutrimos a pretenção de querer impor nossa humilde opinião; os competentes que a julguem e deem-lhe o valor que merecer.

12—Agosto—1905.



Digitized by Google

VOCABULARIO

dos idiomas Guaianá e Kaingangue

XVI

PORTUGUEZ	GUAIANÁ	KAINGANGUE
Agoa	Cran	Goyo
Arroio	Ramuel	Goyo-xin
Anzol	Aminyá	Ekfi
Bocca	Amieneá	Iantqué
Braço	Aguá	Ipê
Cabeça	Aparé	Crin
Cabellos	Namingal	Nhãin
Collar, de contas	Amintao	Nhatecá
Canoa	Naã	Cankei
Camisa	Upumá	Cráninin
Faca	Chambrá	Kefé
Sobrancelhas	Apingrá	Kaxaqué
Dente	Aso *ou ará*	Nhá
Estrella	Prá	Crin
Fogo	Upai	Pin
Homem	Cuerá	Ongre
Machado	Neran	Béng
Filho	Antrá	Cóxin
Filha	Ambré	Coxit-fi
Leão	Puma chichar	Min-coxon
Lenha	Anúrybiyá	Pin
Lua	Pirihi	Quexá
Mão	Amincanúnuita	Ninguê
Macaco	Quinhere	Cayere
Matto	Cuche	Uain
Milho	Dan ou guengtá	Nhára
Mao	Nha	Nan
Mel	Má	Mang

Digitized by Google

Portuguez	Guaianá	Kaingangue
Nariz	Aminhã	Ninhè
Orelha	Aminerá	Nigrein
Olho	Apintá	Canê
Panella	Curuguá	Cocron
Pescoço	Ambruy	Induï
Peixe	Ndayá	Pirá
Purungo	Lá	Rumiá
Pestana	Apitamingahy	Caneyoki
Pedra	Querê ou quenê	Pó
Porco do matto	Neré	Creng
Sol	Ronhá	Aran
Tigre	Chnchi	Min
Ventre	Ndao	Dung
Veado	Inbechá	Cambé
Cobra	Cundú	Pan
Zopalho? moranga	Pobó	Pehú
Cinza	Nemára	Mrêinhe
Ceo	Asó ou ará	Cahican
Diabo	Amiyniag	Dé coréi
Frente	Acuca ou apucá	Prúru
Indio	Quindá	Veauinhe
Lombo	Acré	Tininimbang
Peito	Amintá ou amlé	Pé paró
Remo	Jutá ou itá	Cankei-rumiá
Ran	Ndaú	Cóiniam
Sapo	Npáo	Papú



Digitized by Google

DO JATAHÍ AO SALTO DO GUAÍRA (*)

XVII

Na manhan do dia 1.º de Janeiro de 1876, o porto da colonia militar do Jatahi, estava tão animado que, quem a elle se dirigisse, ficaria sem duvida admirado de a taes horas encontrar ali já tanta gente reunida e tanto movimento. Ali se achava grande parte dos habitantes da colonia, homens de caracteres tristonhos e taciturnos; indios coroados, do visinho aldeamento, envoltos em seos grandes curús, indagando curiosos; oito indios Caiguás, cobertos com seos vistosos chiripás, cada um com um remo de voga em a mão. Duas canoas ali estavam aparelhadas para viajar; uma, feita de um grande tronco de peroba, media 16 metros de comprimento e um de largura; estava carregada com saccos de farinha, feijão, toucinho, etc.; perto da popa havia um toldo de 2 metros de extensão, feito com folhas de palmeira; no banco da popa, já estava de pé, encostado a um longo remo de *pilotear*, um indio Caiguá, moço, de cor acobreada, feições alegres e olhares intelligentes: era o *Bruno*, o melhor dos pilotos dos rios Tibagi e Paranapanema. A outra canoa era menor, feita de cedro, tinha 10 metros de comprimento e 70 cent. de largura; nella viam-se apenas 4 cães atrelados, um arpão, linhas, anzoes, um pequeno bahú contendo cartuchos, polvora, chumbo, espoletas,

(*) Esta primeira parte da descripção que segue foi escripta, e publicada no *Echo dos Campos*, de Castro, em 1882.

Digitized by Google

algumas pequenas facas, proprias para extracção de pelle de caça e 4 espingardas.

Bruno deo ainda uma *volta de olhos* sobre a arrumação das cargas na canoa e, pegando na sua busina de chifre de boi, deo signal de embarcar; dahi a pouco appareciam no barranco do rio, mais 5 pessoas; dois indios coroados, o cacique Bandeira e um seo *caporon*; um velho mulato, o Bento, ainda robusto, apezar dos seos 60 janeiros, com sua espingarda e seo grande facão á cinta; os outros dous eram os irmãos Telemaco e Nestor Borba.

Nestor calçava botas altas, espingarda a tiracolo, faca á cinta e na mão uma vara ingleza de pescar. Telemaco trazia á cinta uma pistola de dois canos e um facão e na mão esquerda uma busina. Embarcaram, as canoas volveram, os dois irmãos em pé na canoa grande, tiraram o chapeo e saudaram os que ficavam; um *urrah* levantou-se na margem e foi respondido por toques de busina e salvas das canoas, que, impulsionadas pelas vogas, principiaram a descer o Tibagi. Para onde se dirigiam estes exploradores, que tanto interesse causavam aos aliás tão fleugmaticos habitantes do Jatahi? Iam ao salto do Guaira no Paraná que, ha perto de cem annos não era visto por gente civilisada, e que por esse motivo tinha se tornado quasi um mytho. Dizia-se que era impossivel chegar até elle em canoas, pois, á distancia consideravel, as agoas arrebatavam estas por um estreito e rapido canal, sem ter nem um ponto onde podesse abicar, e as precipitavam de um salto de altura descommedida sobre enormes rochedos,sem que alguem se podesse salvar; dizia-se que, se alguem se largasse das canoas e conseguisse encostar ás pedras das margens, ahi mesmo era acommettido pelos tigres d'agoa, e por elles devorados; que por terra lá tambem não se podia impunemente chegar, pois o nevoeiro do salto produzia

Digitized by Google

uma molestia que matava em poucos dias. Todos estes contos, a grande distancia, a noticia de indios bravios e o deserto, afugentavam os poucos que tinham noticia da maravilhosa catadupa. Quem eram estes dous aventureiros que se atiravam á descoberta do Guaira? Eram dois humildes filhos de Coritiba.

Nestor, tinha sido um dos bravos da guerra do Paraguai. Era capitão do 4.º de voluntarios da patria e fôra deixado por morto na batalha de 24 de Maio; encontrado, ao outro dia, ainda respirando, fôra levado ao hospital onde se restabeleceo, mas ficou inutilizado para o serviço da guerra.

Telemaco... esse era nada, apenas um rude sertanejo, amigo dos indios e de explorar o vasto sertão do Paraná. A's nove horas da manhan entravam as canoas nos primeiros canaes da corredeira do *Tira Jubá*, que mede 3 kilometros de extensão, e de 500 a 600 metros de largura. As margens do Tibagi, em distancia de 20 kilom. abaixo da colonia, são aqui e ali habitadas por colonos brazileiros e indios Caiguás, possuindo aquelles suas pequenas engenhocas e plantações de canna, milho, mandioca, etc.. Logo que passaram a corredeira, encontraram os exproradores um pequeno grupo de Caiguás que andavam pescando *pacús*, peixes de forma arredondada, muito saborosos e que pezam 10 e mais kilogrammas; a isca de que geralmente se servem para pescar este peixe, é a laranja silvestre, que abunda extraordinariamente nas margens do Tibagi. A' tarde entraram os exploradores nas regiões deshabitadas; principiaram a avistar alguns passaros das familias dos papagaios, como sejam: araras, maitacas, maracanans, jandaias, etc.; pombos pardos e mesmo uma ou outra jacutinga, porem todos ainda muito ariscos. Pelas 5 horas da tarde fizeram pouso em uma ilha, chamada dos *Kagados*, pela muito abundancia desta especie de tartaruga que

Digitized by Google

por ali vive. Nessa tarde empregaram-se em procurar ovos de *kagados*, que são bons para alimentação e muito uteis nestas viagens.

Costumam os kagados depositar os ovos em covas feitas na arêa, e as deixam bem cobertas; para encontrar estes ovos, vae-se sondando a arêa com uma faca ou uma pequena vara de madeira forte até bater com ella nelles; então, com a mão, abre-se a cova e extrahe-se a *ninhada*, que é geralmente composta de 16, 20 e mais ovos. Para pousar escolhe-se local onde o barranco do rio seja de facil acesso para desembarque; roça-se o matto miudo; se o tempo promette chuva, armam-se as barracas; os indios constroem ranchos cobertos com folhas de palmeira; reune-se grande quantidade de lenha; se ha muito mosquitos, armam-se as redes com os mosquiteiros; os camaradas formam um circulo de fogo, deitam-se sobre folhas e assim passam a noite, ora dormindo, ora velando o fogo e os tigres. Emquanto se navega o Tibagi, os mosquitos e os tigres não incommodam muito; mas, no Paranapanema e no Paraná sem fogo e sem mosquiteiro não se pode dormir. Ao anoitecer, Nestor, foi pescar e muito admirado ficou de, em poucos minutos, os peixes levarem-lhe cinco anzoes, de sua vara ingleza, sem poder pescar um siquer. Telemaco mandou um camarada lançar sua linha ao rio, e dahi a pouco era pescado um dourado de um metro de comprimento; dentro da bocca do qual foram encontrados 4 dos 5 anzoes de Nestor. A's nove horas, depois de muita conversa, a respeito de indios bravios, tigres, sucuris e peixes, á qual todos concorriam com seo pouco, acommodaram-se todos, uns em suas redes outros pelo chão, e dormiram somno descançado. No dia 2 passaram a corredeira do Cerne, Congonhas e Sete Ilhas; esta, celebre por seo bravio canal, no qual, em 1856, naufragou uma canoa carregada de trem bellico, morren-

Digitized by Google

do nessa occasião seis soldados e um cabo do 2.º batalhão de artilharia, que viajava para Matto Grosso; é a peior das corredeiras do baixo Tibagi, o pesadello de todos os pilotos, e apezar de tudo isto é um dos logares mais pittorescos deste rio. Das Sete Ilhas para baixo o rio é composto de corredeiras, rapidos e cachoeiras numa extensão de 18 kilometros, até sahir ao manso das Araras; desse ponto em diante, até sua foz no Paranapanema, o *manso* é interrompido apenas pelo rapido de S. Xavier e baixio do Jacú; sendo tudo o mais calmo e fundo. A's 5 horas da tarde acamparam na foz do ribeiro do Jacú, onde fizeram grandes caçadas destes gallinaceos que é excellente manjar. A's 8 horas da manhan, do dia 3, entraram no Paranapanema. Aqui tudo é differente, o rio muito largo, 500 a 600 metros; agoas muito serenas, margens baixas; o terreno é como dizem os sertanistas, um *sertão azul a confundir-se no horizonte.* O rio corre a rumo do E. a O., e por entre duas filas de figueiras gigantescas que debruçam seos longos ramos sobre o rio; formando, em ambas as margens, immensos caramanchões, por baixo dos quaes se navega á sombra e placidamente. A caça é abundante e mais bisonha; já se avistam nos *barreiros* alguns veados, antas e jacutingas.

Da foz do Tibagi para baixo, o Paranapanema é um rio quasi *manso*; em todo o seo percurso, a placidez de sua marcha é apenas interrompida pelas corredeiras das Capivaras, Larangeiras, Santo Ignacio, e do Diabo; é muito abundante em caça, peixe, mel e fructas silvestres. As terras de seo valle são fertilissimas, e proprias para as plantas dos climas tropicaes; já se avistam com frequencia, enroscados pelas arvores, os cipós da baunilha aromatica; assim como limoeiros, larangeiras amargas, algumas ainda doces, cidreiras, goiabeiras e taquaras do reino; indicios certos de que

Digitized by Google

esta região já foi em outros tempos povoada por gente civilizada. No dia 5, depois de 5 dias de navegação, sempre com tempo bom e sem novidade, chegaram ao aldeamento do Paranapanema, que estava fundado sobre as ruinas da reducção jesuitica de Santo Ignacio, destruida pelos paulistas em 1631, e hoje outra vez abandonada por ordem de nosso governo, de economia nas pequenas despezas. Era o aldeamento, em 1876, povoado por perto de 300 habitantes, compostos pela maior parte de indigenas Caiguás, pacificos e industriosos, que ali viviam, sob a direcção do patriotico cidadão José Antonio Vieira de Araujo, hoje fallecido, empregados no plantio da canna, café, arroz, milho, feijão e outros generos de primeira necessidade, cujas sobras vendiam no Jatahi; e hoje é um montão de destroços accumulados sobre as anteriores ruinas!!

Ali falharam um dia como para se despedirem de gentes civilisadas; o aldeamento do Paranapanema era o ultimo ponto do sertão por nós occupado. No dia 7 ao amanhecer, continuaram a exploração e, ás nove horas, aportaram ás ruinas da antiga reducção jesuitica de Loreto, na foz do Pirapó, dezoito kilometros distante de Santa Ignacio. No dia 8 passaram a corredeira do Diabo, abaixo da qual existia um toldo de indios Caiguás, que lhes offereceram bananas, batatas, mandioca e amendoins, a troco de anzoes que lhes deram; a 9 pousaram abaixo da Ilha do Tigre, já perto do Paraná, onde viram as primeiras palmeiras —Guacuri—, de troncos baixos e grossos com folhas de 5 e 6 metros de comprimento. No dia 10, ao amanhecer, já navegando, foram Telemaco e Nestor, dispertados pela voz do Bruno que dizia: — Bom dia, Paraná!

Ao mesmo tempo toda a tripulação das canôas repetia o *cumprimento*, como se se dirigissem a um ente respeitavel e que os comprehendesse.....

Digitized by Google

Estavam no Paraná. Em frente tinham uma ilha, circumdada por uma linda praia de arêa, onde existiam grandes pilhas de madeiras seccas, conduzidas pelas enchentes e, entre ellas, muitas trabalhadas pelas mãos dos homens; resolveram os exploradores, festejar a sahida ao Paraná, preparando café com a lenha que tão de proposito ali estava depositada; d'ahi ha pouco, um phosphoro chegado a uma das pilhas de madeira, produzia uma fogueira gigantesca, na qual se aquecia a agoa para o café, com grande sorpreza dos rebanhos de capivaras, guaribas e bandos de patos que fugiam espavoridos do calor das chammas. Depois de tomar o café, fizeram provisão de limão azedo que abunda n'essa ilha e principiaram a descer o Paraná.

Bem quizeramos dar uma ligeira descripção do Paraná, desde a foz do Paranapanema até o salto do Guaira; mas, nos sentimos acabrunhados ante a grandeza do assumpto; porque como disse Azara, a respeito do Guaira: *E' preciso ser poeta para poder descrevel-o*, outro tanto se pode dizer a respeito do *rio*, no espaço comprehendido entre esses dous pontos.

Se não, *que o pinte quem quizer*. Um rio de largura immensa; com ilhas de 8 a 15 leguas de extensão, povoadas de bugios, cérvos, macacos, mutuns, e johós; com lindas e alvas praias onde passeiam descuidados, os grandes tuiuiús, as garças brancas, cegonhas, patos, gansos, marrecos e gaivotas; onde dormem ao calor do sol, as mansas capivaras, dispertadas, não raras vezes, pelo rugido do tigre ou pelo silvo da sucuri; que o descreva quem quizer; porque nós não nos achamos com animo para tanto; toda e qualquer descripção que d'elle tentassemos fazer, nem talvez pallido reflexo seria da grandiosa realidade da suas paizagens. Nesse dia, pousavam na margem Occidental do Paraná; logo ao anoitecer foram assaltados por

Digitized by Google

uma infinidade de mosquitos pernilongos, e com tal sanha era o assalto que ninguem podia estar quieto; mas, felizmente, uma forte rajada de vento que durou até a madrugada dispersou esses incommodos visinhos, permittindo aos viajantes dormir.

A's oito horas da manhan do dia 11,a 12 kilometros abaixo do pouzo, Nestor que com um binoculo ia observando as margens e praias; disse a Telemaco:— Vejo n'aquella praia uma *cousa preta*, parece animal, mas não posso bem distinguir; olhe você.—Na occasião em que Telemaco applicava o binoculo, a *cousa preta*, fez um movimento de cabeça e este reconheceo na *cousa preta* um tigre que estava deitado na praia. O rio n'esse logar era baixo até a margem; Telemaco pegou sua espingarda, poz quatro cartuchos no bolso, e seguido de Bento, que ia armado de grande espingarda e facão, dirigio-se á margem; quando ia saltar n'esta, foi alcançado por mais um indio que lhe disse:—Que o tigre já se tinha levantado e caminhava em direcção a elles. D'ahi a 50 passos, por entre um capinzal bravio, Telemaco avistou o tigre que vinha de cabeça baixa rugindo brandamente; Telemaco parou, armou a espingarda; recommendou a Bento que fizesse mesmo, e esperou.

O tigre andou mais 30 passos, levantou a cabeça, avistou os caçadores, endireitou as orelhas, irriçou os pellos do focinho, bateo com a cauda nos flancos, e... se preparava para assaltar, quando uma bala da espingarda de Telemaco e outra da de Bento o feria na cabeça e no peito; deo um grande urro e um salto, vindo cahir, já morto a 10 passos dos caçadores. Era um tigre preto de tamanho extraordinario. Nesse dia entraram por uma das boccas do Ivinhema, chamada pelos indios *Curuparan*, e foram pernoitar na foz do *Naranhaï*, affluente do Ivinhema. No dia 12, ás 10 horas da manhan, sahiram a ultima foz do Ivinhema ;

Digitized by Google

neste logar, na margem direita, existe um outeiro de grés vermelho que, dizem os geographos, ser continuação da serra dos Dourados. Nesse outeiro encontraram, quasi á superficie do solo, o pedaço de um vaso de argila, obra muito grosseira, com formato da cabeça de um jacaré. Quasi em frente á ultima bocca do Ivinhema, como a 3 ou 4 kilometros de distancia, a jusante, acha-se, na margem oriental do Paraná, a foz do rio Ivahi em frente á qual está a extremidade superior da Ilha Grande, que se prolonga até as Sete Quedas. A's 4 horas da tarde, acamparam para pousar, 6 kilometros abaixo da foz do Ivinhema. Nessa tarde presenciaram uma scena interessante; *a lucta pela existencia* entre animaes : Accossados por nossos cães, descia, nadando, um veado, (*cervus rufos*); repentinamente afundou, como que tirado por uma força extranha; dahi a segundos tornou a vir á tona d'agoa, e afundou de novo balindo desesperadamente. Telemaco embarcou em uma canoa, dirigindo-a ao logar onde o veado luctava; este boiou de novo, foi seguro por um camarada que o embarcou já agonisante: estava ferido nas coxas, ventre e pescoço. Quando entretidos em examinar os ferimentos do veado, foram sorprehendidos por um forte embate na canoa... era um grande jacaré que a mordia, tentando escalal-a; afugentaram-o com um *faconasso* na cabeça, e conduziram o veado ao pouso onde servio de repasto aos camaradas.

No dia 13, pela manhan, já viajando, foram assaltados por um tufão de vento sul, de tal maneira forte, que, se não acertam de entrar pelo Amambaiguassú a dentro, com certeza se lhes emborcavam as canoas, o que não é raro acontecer no Paraná.

Emquanto durou o tufão, tiveram occasião de observar os grandes jacarés boiando sobre as ondas revoltas, mostrando-se como que contentes e satisfeitos

Digitized by Google

de sem esforço proprio, serem impellidos pelas grandes vagas.

Já tarde chegaram á foz do Maracahi, cujas margens são alagadiças; logo abaixo da sua foz está o celebre *Itacoatia*, barranco alto de 50 a 60 metros, composto de grés de varias cores, donde lhe vem o nome indigina que quer dizer :—pedra pintada.

Lá tiveram os exploradores, bem a seo pezar de fazer pouso; por uma estreita e ingreme fenda, aberta na rocha pelas agoas, elevaram-se ao cimc do barranco, não sem alguns incidentes, entre os quaes o seguinte: Um dos indios que subia, carregando um sacco com farinha, tendo-lhe faltado o equilibrio, largou-o pelo barranco abaixo, dando de encontro em outro indio, que tambem a seo turno foi sobre outro, e... lá se foram todos ao rio tomando, sem querer, um banho completo. Na manhan do dia 14 chegaram á foz do ribeiro Itaquarahi, affluente da margem direita, onde prepararam o almoço. Um dos camaradas que tinha um pouco entrado no matto, disse que tinha achado uma abelheira; na occasião de irem extrahil-a, Telemaco e Nestor encontraram as ruinas de uma antiga povoação, construida de paredes de *taipas*; apezar de coberta por frondosa matta, é ainda visivel seo antigo alinhamento e divisisões de suas casas.

Foi talvez alguma reducção jesuitica, abandonada, ou destruida pelos paulistas.

A's 5 horas da tarde fizeram pouso no logar denominado pelos indios *Itaguassú*; forma-se, nesse logar, um dique natural, circumdado por grosso paredão de pedra, tendo, nas agoas baixas, apenas uma entrada pelo lado de cima: é pouso seguro e livre dos ventos.

Nessa noite, já tarde, estando o indio *Avarevi*, pescando na canoa menor, foi ali atacado por um jacaré que se lhe aferrou a um joelho; pelos gritos que

Digitized by Google

dava, foi felizmente soccorrido a tempo, e o jacaré morto a cacetadas.

No dia 15, perto da foz do Iguatemi, encontraram 4 canoas tripoladas por uma cabilda de Caiguás, habitantes dos campos do Iguatemi, que tinham sahido ao Paraná a pescar e caçar. Deram-lhes os exploradores, anzoes e sal, elles falaram em comprar polvora e chumbo, para caçar com espingardas que compram aos paraguaios que vem fazer matte em nossos hervaes do Iguatemi; dos quaes dizem elles, ganham tambem *plata*, em prova do que, mostrava um delles 5 patacões hespanhoes que offerecia a troco de uma lata de polvora e um pouco de chumbo. Estes indios todos falam um pouco o hespanhol, e uma ou outra palavra do portuguez. Um delles, de nome Marcello, era bem claro e ruivo, porem sem barba; tinha uma filha pequena, de cabellos e olhos brancos, como os *Albinos*, que não podia supportar a luz.

Nesse dia acamparam 10 kilometros abaixo da foz do Iguameti, onde, á noite, ouviram já o ruido do salto. A' tarde, ouvindo assoviar de macacos, em uma ilha fronteira ao pouso, Nestor encarregou-se de ir *dar-lhes* caça: embarcou, com dois camaradas, na canoa pequena e lá se foi á ilha. Dahi a pedaço ouviram um tiro, e pouco depois appareceo Nestor arrastando um grande macaco de corpo pardo claro e de cabeça preta; era, como se usa dizer em giria de caçador, um *velho cacique*.

Nestor, atirando o macaco em meio dos camaradas, disse, chacotando: — Eia rapazes! Está acabado o encantamento do salto. Ahi está o seo velho guarda morto e a vossos pés; animo! as difficuldades que este guarda oppunha a nosso intento cahiram como elle, para não mais se levantarem. Avante pois!! — Todos enthusiasticamente applaudiram esta tirada de Nestor; e por voto unanime dos Caiguás e Coroados,

Digitized by Google

o macaco foi ainda condemnado a ser assado e comido nessa mesma noite.

No dia 16, ás oito horas da manhan, ao dobrar uma ponta de terra, avistaram todos as primeiras columnas de vapor do salto que, do ponto onde estavam, apresentava uma maravilhosa paisagem.

Continuaram a descer até os primeiros recifes, onde acamparam em uma pequena ilha da margem occidental.

Estava vencido o intento dos exploradores, era possivel chegar em canoa até a catarata do Guaira.

Agora que os exploradores são chegados ao fim do seo emprehendimento, emquanto se preparam para visitar as *quedas*, vamos dar uma ligeira vista d'olhos á paragem em que estão.

O Paraná antes de principiar a formar suas quedas, tem a largura de 4,200 metros; que, neste logar, não é interrompida por nenhuma ilha: parece uma grande lagoa de agoas serenas nas quaes se debruçam, balouçadas pela brisa, as bellas palmeiras Bocagi.

Na margem occidental o barranco é baixo, alagadiço e coberto de capim bravio; á distancia de 3 kilometros do barranco, principia a formar-se um espigão coberto de grossos bambús, entremeados de palmeiras, e de algumas frondosas arvores e, de espaço, sobresahe aos *taquaruçús*.

Na margem oriental tudo é differente; o barranco é alto e firme, o espigão que nelle vem findar é coberto por vasta e frondosa floresta virgem. Vamos experimentar se podemos dar ao leitor benigno, ao menos uma pallida idéa topographica do Salto do Guaira. A 200 metros da margem occidental do Paraná, forma-se neste um canal de 30 e poucos metros de largura, aberto pelas agoas na rocha negra e luzidia que forma neste logar o leito do rio; as agoas, já ahi, precipitam-se quasi verticalmente de 8 a 10 metros

Digitized by Google

de altura; e com tal rapidez vão escavando seo leito que, na distancia de uns 300 metros, correm já por um fundo de 25 a 30 metros; e sobre este canal é já de tal altura que as agoas latteraes vem se precipitar, formando a serie de 11 quedas que ali existem. Na margem direita formam-se apenas 3 quedas, e estas insignificantes em relação ao volume de agoas que despenham.

Na margem esquerda o rio forma uma enseada de 3.000 e tantos metros de largura e talvez uns mil e quinhentos de extensão; nella estão situadas 9 pequenas ilhas, cobertas de fracos arbustos e muitas palmeiras, por entre as quaes vão as agoas precipitar-se verticalmente no grande canal de que acima falámos, e formam as quedas mais interessantes deste salto.

Entre ellas as mais grandiosas são, contadas de baixo para cima: as 4.ª e 6.ª; grandiosas, tanto pelo volume de agoas, como pela altura de que se despenham. Nessas quedas, de 30 metros de altura, as agoas precipitam-se verticalmente, com medonho fragor sobre grandes e asperos rochedos; elevam-se depois como bellas columnas de branco vapor, onde o iris desenha suas lindas cores, a 100 e 200 metros de altura, e tornam a cahir em gottas imperceptiveis; nas immediações das quedas, a terra parece tremer e o rumor ensurdece; este conjuncto de sublimes e agrestes variedades, forma uma das mais phantasticas vistas que se pode imaginar; e no animo de quem contempla quadro tão deslumbrante, produz um religioso terror, que tanto tem de agradavel como de grandioso e terrivel. Em uma pequena gruta, á margem direita do rio, deixaram gravada na rocha, em frente á 4.ª queda esta inscripção: —T. BORBA—16—1.º—1876. Em um grande rochedo em frente á 6.ª queda esta outra:—NESTOR, 1876.

Digitized by Google

O REGRESSO

(Continuação—do Jatahi ao salto do Guaira)

No dia 19, depois de terem tirado algumas vistas das paisagens que lhes pareceram mais interessantes, servindo-se, para este fim, de um apparelho de camara escura; deliberaram regressar explorando na subida a margem esquerda do Paraná e Piquiri.

Emprehenderam a travessia do rio, a montante de uma pequena ilha, e a toda força dos remos, gastaram o tempo de uma hora para atravessal-o.

Abicaram na margem esquerda que principiaram a percorrer. Esta margem é assaz elevada, de dois a quatro metros de altura, formada de barrancos de grés vermelho compacto, sobrepostos á rocha bassaltica, encimada por uma espessa camada de terra vermelha arroxada; a vegetação destes terrenos é exhuberante e frondosa, composta em sua maior parte de enormes Perobas, *Aspidosperma peroba*; Cabriuvas ou Oleos, *Mirocarpus frond.*; Cabiunas, *Dalbergia nigra*; Jatahi, *Hymeneasp*; Cannafistulas, *Accacia Cuene*; Ipê, *Tecoma especiosa*; Cedro, *Cedrella Brasilienses*; Louro, *Cordia frondosa*; e outras variadissimas, cuja nomenclatura ignoramos.

Entre as palmeiras notaram: a Jissara, Jaribá, Bocaiuva, Guacuri e Guarirobas, entremeadas de touças de taquaruçús (bambús giganteum?) que attingem em sua altura as arvores mais elevadas. Do espigão descem pequenos regatos de crystallinas agoas, que correndo e serpeando, com doce murmurio, sobre leitos de fina arêa, veem lançar-se no grande rio.

A's 5 horas da tarde chegaram á foz do Piquiri onde desembarcaram para pernoitar.

Emquanto os camaradas preparavam o terreno para o acampamento, Telemaco, munido de um facão

Digitized by Google

e revolver, principiava a explorar a circumvisinhança. Logo a 30 metros do barranco deparou com ruinas de muros construidos com terra, que, apezar de desmoronados, ainda attingem á altura de 2 metros; procurando local para transpol-o, encontrou um espaço de 5 metros de largura que pareceo ser a porta de entrada desse lado; e de facto não se enganára, pois, transpondo-o achou-se em uma rua formada por paredões de taipas, que percorreo até sahir a uma praça, no centro da qual existem as ruinas de um grande edificio; naturalmente algum templo. Ali encontrou grande quantidade de telhas. A vegetação, sobre as ruinas, é composta de *taquaruçú*, larangeiras, limoeiros, goiabeiras e algumas poucas arvores frondosas, que sobresahem á aquella vegetação de mediocre elevação. Como já fosse escurecendo, voltou ao acampamento, onde narrou aos companheiros que estavam no local em que tinha florescido em outros tempos a importante Cidade Real de Guaira.

No dia 20, depois de tomarem café, dividiram-se em duas turmas para explorar as ruinas; não era esta exploração trabalho de somenos importancia, pois, coberta como estavam por densa vegetação, era necessario, de facão em punho, abrir passo pelo basto e espinhoso *taquaruçuzal*, que o menor mal que produzia, era o de rasgar as roupas, quando não levava de permeio algum pedaço de pelle! Um dos exploradores, ainda tem viva lembrança de um pedaço de pelle que lá deixou: quando andavam explorando as ruinas, os cães, que andavam soltos, formaram uma *acoação* da qual sobresahia, de vez em quando, roncos, e ganidos de dor dos cães; julgando que fosse algum tigre que se debatia com os cães, Telemaco correo em direcção a elles, sem a precaução de abrir picada; já perto da acoação, sentio na cabeça uma grande dor; olhando para traz, vio seo chapeo dependurado de grosso espi-

Digitized by Google

nho de *taquaruçú*, sentindo ao mesmo tempo o sangue que lhe corria pela testa abaixo; pegou o chapeo e dahi ha momentos estava em frente de um Tamanduá bandeira, *Myrmecophagus Tamanduá*, que tinha entre os formidaveis braços um cão agonisante; matou-o com um golpe de facão; mas, dahi a pouco, o pobre cão era tambem cadaver.

Em vista de ter Telemaco ficado com a cabeça ferida, não poderam completar a exploração das ruinas. Pelo que observaram, pereceo-lhes que Guaira tinha sido uma cidade grande, cercada de fossos e muralhas de terra; edificada no vertice do angulo meridional formado pela foz do Pequiri no Paraná.

Que foi uma cidade grande e populosa, em relação ao tempo de sua fundação, -- deprehende-se da circumstancia de ter sido a capital do celebre Imperio Theocratico dos Jesuitas; de terem dali os paulistas levado 15.000 indios prisioneiros; e, de terem ainda escapado com os padres, que os aldearam nas missões Argentinas, cerca de 10.000.

No mesmo dia 20, depois de terem almoçado, fazendo parte do *menú* um assado de bugio preto, (*Estentor Niger*), seguiram explorando o curso do Pequiri.

Este rio tem dois nomes, ambos em Guarani: este pelo qual é conhecido presentemente, é o de *Itatin* cujas etymologias são: *Pequi*, nome de um pequeno peixe, conhecido pelo nome de Alambari, e, *i*, agoa; significando agoa ou rio dos Alambaris.

O segundo; *Itá* pedra; *tin*, branca; pedra branca. O Pequiri é um dos rios mais bellos entre os de nosso Estado; largo, em sua foz e durante o percurso que delle fizeram, de 400 a 500 metros; fundo constante de 2 a 4 metros, até a corredeira do pari.

Segundo informações, obtidas dos indios habitantes de suas margens, não se presta á navegação, senão

Digitized by Google

nesta pequena secção,70 a 80 kilometros,tendo o mais de seo percurso frequentemente interrompido por successivos saltos e cachoeiras.

Logo alem da primeira curva do Piquiri, principiaram a divisar frequentes vestigios de indios; rastos, logares onde accendiam fogo e ramos cortados. Os indios que habitam o Pequiri, pertencem á nação ou tribu Kaingangue; eram completamente selvagens. A's 5 horas da tarde acamparam para pernoitar.

No dia 21 continuaram a navegar rio acima; as margens do rio são sufficientemente altas, formadas do mesmo grés vermelho que se vê no Paraná; as mattas são frondosas e compostas das mesmas essencias das já descriptas.

Na parada para o almoço, mataram uma anta, (*Tapirus Americanus*) da qual comeram alguns pedaços. Alguns romancistas europeos, principalmente francezes, consideram a carne da anta como impropria á alimentação, e até de amarga a classificam; entretanto a verdade é em contrario do que pensam esses senhores que talvez estejam convencidos de que seos romances só serão lidos pelos parisienses, geralmente ignorantes nestes assumptos de caçadas, e que só vêm antas nos seos jardins zoologicos. Ao meio dia sorprehenderam, em um barreiro, uma grande manada de porcos do matto, (*Dicotyles labiatus*), dos quaes mataram alguns: por esta circumstancia e a da caçada da anta, acamparam para *moquear* a carne; pescaram alguns dourados, *cariphona* e um Jahú, (*Vastres?*) de trez metros de comprimento, pezando seguramente 150 kilos. No dia 22, desembarcaram para almoçar, na foz de um arroio, onde viram rastos frescos de indios; passados poucos minutos avistaram um indio completamente nú e sem armas, que parecia indeciso; chamaram-o, falando na lingoa Kaingangue, approximou-se um pouco receioso; disse ser o cacique *Joré*

Digitized by Google

e andar caçando com alguns companheiros; disseram-lhe que os chamasse; a um assovio particular que deo, appareceram mais 8 indios e 4 indias moças e bonitas.

Notaram que estes selvagens eram mais claros de que os que habitavam o Jatahi; as mulheres, principalmente, eram de uma coradura admiravel. Curiosos! Tiveram os exploradores,de passar ás suas mãos, por uma revista quasi completa: apalpavam-lhes as roupas, a pelle, cheiravam a barba e o cabello, abriam-lhes as camisas e riam-se da alvura e maciez da pelle; umas verdadeiras filhas de Eva! Quando estavam occupadas nestes exames, appareceo á distancia, um indio armado de arco e frecha, gesticulando desesperadamente; chamaram-o á fala; approximou-se e disse «que não queria brigar; porque se o quizesse já os teria morto de vespera, como fazia ás antas; pois seguia-os ha dois dias.» Responderam-lhe que, *isto de matar*, não era tarefa tão facil como pensava; porque eram valentes e tinham boas espingardas: mostrou-lhes seo arco e frechas, dizendo que com ellas attingia uma anta que estivesse no meio do rio. Perguntaram-lhe se conhecia arma de fogo; respondeo que não; Telemaco pegou uma espingarda que tinha junto a si, e mostrou-a; o indio examinou-a e a entregou com ar de pouco caso. Telemaco apontou a arma para uma grande arvore que estava na margem opposta do rio e fez fogo; com o estampido e vendo a bala ferir a casca da arvore o indio mostrou-se amedrontado e não queria ficar em frente á espingarda; pedio a Telemaco que a largasse e convidou-o a sentarem-se juntos; desarmou seo arco e conversou amigavelmente. Depois do almoço, para o qual convidaram os hospedes de occasião, que muitas caretas fizeram aos temperos dos exploradores, continuaram a viagem levando em companhia dois destes improvisados hos-

Digitized by Google

pedes. No dia 23, acamparam na foz de um affluente da margem esquerda do Pequiri, a que pozeram o nome de São Nestor; é um ribeirão de 10 metros de largura, bastante fundo.

Na tarde desse dia, mandaram os indios Coroados prevenir seos companheiros que paravam em um toldo proximo. No dia 24, exploraram o chapadão superior ao São Nestor; não encontraram vestigios de ruinas; entretanto, pareceo-lhes o local mais apropriado e melhor para fundação de povoação, do que o da fóz do Pequiri. Ao meio dia avistaram a corredeira do *Pari* que estava completamente cercada por estes artificios de apanhar peixes. Os indios vendo os exploradores luctar com a forte correnteza, lançaram-se á agoa, pegaram as canoas e as foram arrastando até os *Paris*; desembarcados foi-lhes offerecido grande quantidade de peixe assado e bolos de milho assados na cinza; honraram este banquete, regando-o com o *saboroso goiofá*, que tambem lhes foi offerecido em abundancia. Ali tiveram de passar ás mãos das *formosas chocrens*, pelo minucioso exame que já haviam soffrido anteriormente das primeiras que avistaram. Tomaram informações sobre a navegabilidade do Pequiri, que disseram ser impraticavel em vista da frequencia de saltos e cachoeiras que o obstroem em quasi todo seo curso superior.

Disseram que, perto de seos toldos, existiam campinas e campos entremeados de mattas baixas e rachiticas, e que chamavam aquella região, até a foz do Iguassú—*Paequerê*.

Depois de terem brindado esses *hospedes*, com lenços, thezouras, facas e anzoes, recebendo tambem em troca, alguns papagaios e *curús*; delles se despediram.

Os dois que os acompanharam, embarcaram nas canoas, e, perto de seo toldo, saltaram á agoa nadando, e...assim se despediram.

Digitized by Google

No dia 26, sahiram de novo no Paraná que principiaram a subir. A uns 12 kilometros do Pequiri descobriram um campo, na extremidade inferior do qual desemboca um ribeiro caudaloso, a que pozeram o nome de *Jacarehï*, pela circumstancia seguinte: — Quando se approximaram da foz do ribeiro, viram na praia um grande jacaré, *(Aligator Cynocephalo)*; um camarada arpoou-o; depois de muito lutar, conseguiose cortar-lhe a cabeça, ficando esta adherida ao tronco apenas pela pelle da parte inferior do pescoço; tiraram-lhe o arpão; os indios abriram-lhe o ventre, examinaram o estomago, onde encontrâram um pato, já putrefacto, e muitas pedrinhas redondas. Dahi a meia hora a tripulação da canoa que vinha na retaguarda, já o vio dentro da agoa fazendo movimentos com a cauda.

O jacaré é animal de grande força vital. Os indios Guaranis pretendem que os jacarés engolem diamantes, de envolta com pequenos seixos, e, por essa razão, quando os apanham passam-lhes minuciosa revista ao estomago e comem-lhes a carne da cauda, que dizem ser tenra e saborosa.

No dia 27, continuaram a subir o Paraná, em cujas margens caçaram muitos bugios pretos que curiosos vinham ver a passagem das canoas; são animaes de carne um pouco dura, mas saborosa. A's duas horas da tarde viram uma sucuri (*Boa Anaconda*), que placidamente, na praia arenosa, digeria uma capivara que havia ingerido; mataram-a. E' outro animal de força vital extraordinaria; quando a mataram, pozeram-a na canoa, amarrada pelo pescoço por uma corrente; ao outro dia tiraram-a para terra, e, estirada pelo pescoço e cauda entre duas arvores, na occasião em que um camarada introduzia a ponta da faca na pelle da sucuri, para extrahil-a, fez esta um movimento rapido de lado, batendo nas pernas do camarada

Digitized by Google

derribando-o e arrebentando ao mesmo tempo o cipó que a prendia pela cauda; foi necessario substituir este por uma corrente de ferro, e mesmo assim muito trabalho custou a extracção da pelle. No dia 27, acamparam, ás 5 horas da tarde, para pernoitar; como Telemaco se dirigisse a umas moutas onde pousavam algumas anhumas, (*Palamedia Cornuta*), deparou com uma bandada de capivaras, (*Hydrochaerus Capibara*), que vinham correndo assustadas; parou para observal-as: dahi a pouco avistou um tigre, (*Felix Onça*), que sorrateiramente seguia o rasto das capivaras. Quando á distancia razoavel, foi attingido na cabeça por uma bala; cahio morto, fazendo apenas fracos movimentos com a cauda. Os tigres são muito communs e numerosos nas margens do Paraná; talvez pela abundancia de capivaras que os habitam, facilitando-lhes a alimentação; nas phases lunares, á tarde, e mudanças de tempo é frequente ouvir-se-lhes os gritos particulares—*ú ú ú*—que geralmente são correspondido de todos os lados. A carne do tigre foi aproveitada para alimentação. E' saborosa, muito semelhante, tanto no gosto, como na côr, á do porco domestico.

No dia 28, acamparam á foz do ribeirão do Veado, nome que deram ao ribeirão, pela circumstancia de terem encontrado ali, uma armadilha feita pelos indios, a qual tinha apanhado um veado (*Cervus Rufos*), que ainda se debatia para rompel-a. Tinham nesse dia ultrapassado o campo do Jacarehi, cuja extensão calculamos em 30 kilometros. As mattas, onde tinham acampado, eram magnificas em vegetação frondosa. Já proximo, talvez 4 kilometros, via-se um espigão a que chamam—Serra dos Dourados. A' noite, quando acampados, o indio Caiguá, Pedro Cadete, filho do cacique Libanio, contou um episodio de sua tribu, occorrido na paragem em que estavam, e ter relação com os costumes de tribus ribeirinhas do

Digitized by Google

Paraná, para aqni transladamos: «No tempo em que o pae de meo pae era o chefe de minha tribu, eram, meos parentes, continuamente assaltados por nossos inimigos, os Guaicurús, habitantes do curso do rio Imbotetiú, affluente do Paraguai. Com quanto tivessemos nossos toldos nas florestas que margeam o Paraná, os Guaicurús, em suas correrias, sorprehendiam pequenos grupos dos nossos, dos quaes aprisionavam as mulheres e creanças, matando os homens.

Nem sempre sahiam-se bem os Guaicurús, pois, se nos atacavam nas florestas, eram repellidos pelas *Oirapens* e frechas de minha gente, que sempre se considerou melhor frecheira entre os habitantes desta região; mas a verdade é que meos antepassados viviam sobresaltados e não podiam dedicar-se pacificamente á agricultura, caçadas e pescarias.

O Caiguá é pacifico e laborioso. Cultiva a terra e tece o panno com que se veste mas, tambem é zeloso da sua independencia.

Nestas margens existem estas boas terras.

Nunca tinham percebido habitantes nellas, resolveram estabelecer-se aqui, para evitar os assaltos dos Guaicurús.

Na lua das folhas novas, meos antepassados fizeram neste logar uma grande roça na qual plantaram milho, feijão, mandioca, canna e algodão, e retiraramse a seos toldos.

Passadas quatro luas, mandaram um pequeno grupo examinar se a roça estava madura.

Desembarcados, perceberam que as roças estavam roubadas em grande parte. A' noite foram atacados por gentes, cuja lingoa desconheciam, escapando com vida apenas dois dos nossos que poderam embarcar em uma canoa e atravessar o Paraná. Dada a noticia do morticinio, meo avô mandou reunir todos os guerreiros da tribu, e, com elles, em canoas de cascas de

Digitized by Google

Jaracatiaseiro, atravessou o Paraná. No porto da roça, que era neste logar em que estamos, encontraram amontoados oito cadaveres dos nossos e 50 cacetes ensanguentados.

Enterraram os mortos.

No dia seguinte tomaram pela picada que se dirigia á roça. Na beira della encontraram uma cabana e nella fazendo um balaio, um indio Coroado. Meo avô dirigio-se a elle dizendo: —Bom dia cunhado—e descarregou-lhe na cabeça um golpe de *oirapen*, dirribando-o.

Na roça encontraram os Coroados comendo milho e aboboras assadas. Atacaram-os, matando-os, á excepção de um que soltaram para prevenir os companheiros.

Quando na volta passaram junto á cabana, onde tinham deixado o primeiro indio que atacaram, não encontraram seo cadaver. Por espaço de 8 dias gozaram pacificamente dos productos da roça.

Já principiavam a cortar madeiras para construcção de cabanas, quando, em uma manhan, ouviram gritos da mulher de meo avô, que tinha ido tomar agoa ao ribeiro. Correram para o lado donde sahiam os gritos, e, perto do ribeiro, foram atacados pelos Kaingangues. Luctaram, conseguindo matar muitos, aprisionar alguns, que no mesmo dia sacrificaram sobre a sepultura dos nossos; mas, não poderam retomar minha avó.

No combate socumbiram 5 dos nossos, ficando muitos feridos, entre elles meo pae que nesse tempo era moço novo, (*Culumiguassú*).

Meo avô, desesperado com o rapto da mulher que amava apaixonadamente, seguio em perseguição de seos raptores. Depois de dias de caminho, em uma madrugada, foi sorprehendido pelo ataque dos Kain-

Digitized by Google

gangues. Ritirou-se, sempre diariamente luctando, até este logar.

Meo avô fez embarcar o resto de seos guerreiros, entregues á chefia de meo pae e ficou só, dizendo que ou levaria sua mulher, ou morreria onde ella estivesse.

Nunca mais viemos a esta paragem e não sabemos o que aconteceo a meo avô que se chamava *Papahi.*

Foi o chefe mais valente de nossa tribu e conseguio reunir todos os Caiguás sob sua direcção. A mulher de meo avô chamava-se *Jacilin.* Lua-branca. Dizem que era a mulher mais bonita de nossa tribu; roubada em pequena, aos brancos do Paraguai, pelos guerreiros do pae de meo avô.

—Passados annos,nos tendo perdido em uma caçada,já ao escurecer,ouvindo o coaxar das rans,que é signal certo de proximidade de agoas, indo em procura della, sahimos a uma grande lagoa, habitada por innumeros jacarés.

Nas mattas que a bordavam vimos fumaça, ouvindo tambem latidos de cães; d'ahi a pouco, estavamos confabulando em seo rancho com o cacique Coroado *Xak xondére*, que tinha ali feito uma bella caçada. Convidou-nos a tomar parte em seo *banquete*, composto de grandes pedaços de carne de anta e porcos do matto, assados á moda d'elles. Não nos fizemos de rogados. Depois de acabada a refeição, deitados sobre *macias* camas forradas do folhas de palmeira, contámos a *Xak xondére* a narrativa que acabámos de escrever.

«E' verdade disse-me o cacique; agora vou contar-te o resto: N'aquelle tempo eo já era moço; meo pae era o chefe de minha tribu; chama-se *Cóhi.* Era o mais valente de nossos guerreiros. Em uma excursão ao Paraná, deparámos com a roça, e, como já estivesse madura, fomos comendo-a. Vimos os Caiguás desembarcar, occultámo-nos e pela madrugada os

Digitized by Google

assaltámos, matando a quasi todos. Continuámos a comer a roça, até que em um dia, em que eo estava fazendo am balaio, fui derribado com um golpe na cabeça.

Quando dei accordo de mim, ouvi a luta na roça e tratei de escapar-me. No segundo dia de minha fuga, fui alcançado por um companheiro que os Caiguás tinham soltado. Chegàmos ao nosso toldo, meo pae reunio seos guerreiros e voltámos a vingar os nossos. O mais, tudo se deo como narrou o Caiguá. Agora veja a cicatriz que me ficou na cabeça.

O chefe dos Caiguás, cançado de procurar meio de roubar-nos á mulher, sem poder conseguir seo intento, em um dia de festa nossa appareceo-nos. Parámos de dançar; elle se dirigio ao logar em que estava a mulher, olhando-nos com despreso, atirou para nós sua oirapen, e sentou-se junto a ella. . . Lembrando-me do golpe que delle tinha recebido,peguei a oirapen.

Vendo-me dirigir a elle, crusou os braços sobre o peito, dirigindo-me um olhar tão feroz que, amedrontado, não tive animo para feril-o.

Larguei a *oirapên* ; meo pae pegou-a, e dançando ao redor do cacique descarregou-lhe um tremendo golpe, prostrando-o sem vida!

A mulher do cacique pegou a *oirapên* e acommetteo meo pae que tambem cahio morto.

Um dos nossos derribou-a com uma lançada: enterrámos os tres no mesmo tumulo.»

No dia 29, emprehenderam a marcha ás 6 horas da manhan, ás 8 horas estavam na foz do Ivahi, e já tinham deixado, a tres kilometros, a ponta mais alta, 60 metros, da Serra dos Dourados.

Da foz do Ivahi, em linha obliqua ao Norte, avista-se um outeiro, por cuja base superior desemboca no Paraná o rio Ivinhema.

Digitized by Google

Da foz do Ivahi, olhando-se para baixo, avista-se o barranco do Itacoatiá e a foz do Maracahi.

Acima do salto do Guaira, é este ponto o unico de onde se pode avistar, sem embaraço de ilhas, a margem occidental do Paraná.

O Ivahi tem na foz 600 metros de largura, na margem direita o barranco é de terra de 5 a 10 metros de altura, na margem esquerda o barranco é composto de grés vermelho de 40 a 60 metros de altura.

O Ivahi já tinha sido percorrido por Telemaco; em 1874, tinha explorado seu curso, subindo-o até a foz do Corumbatahi; em fins de 1875 desde Therezina até a corredeira do Ferro.

Este rio que na foz tem 600 metros de largura, logo a 15 kilometros della se estreita consideravelmente por entre barrancos de terra vermelha, de 20 a 30 metros de altura; seo curso, até a corredeira do Ferro, é sempre muito fundo e pouco correntoso.

No dia 30 continuaram a viagem sem incidente digno de nota, a não ser a caçada de algum bugio preto ou mutum.

Acamparam na ilha do cacique Santigo, que ahi tem seo tumulo junto ao tronco de um grande Jatobaseiro. No dia 31 chegaram ao rio dos Patos, onde fizeram grande estrago nestes palmipedes, que, tendo derribado as penas das azas, não podiam voar, gorpos... Mas, caçaram em tanta quantidade que não puderam aproveitar todos.

No 1.º de Fevereiro, entraram a foz do Paranapanema, cujo curso já tinha percorrido e descripto. Acamparam na ilha do Urucú.

Noite deliciosa, nem mosquito, nem tigre!...

No dia 14 chegaram ao porto do Jatahi, onde foram recebidos pela população com salvas e repiques de sino.

Digitized by Google

THEOGONIA DOS INDIOS (¹)

Illm. Sr —De ordem do Exm. Sr. Dr. Director, passo às mãos de V.S. o precioso manuscripto, sob a epigraphe—Lenda ou mytho dos indios Coroados, Cayngangpé, Cayrucré e Camé, com que honrou a secção anthropologica deste estabelecimento o nosso distincto e infatigavel comprovinciano, Sr. Telemaco M. Borba, que, como Couto Magalhães e tantos outros, já se vae notabilisando por tal genero de litteretura, tão descurado pelos escriptores paranaenses.

Como, porem, esse notavel trabalho tem de ser enviado por esta Secretaria ao Imperial Instituto Historico e Geographico Brasileiro, suggerio-se-me á idea commental-o, esperando entretanto que seo illustre auctor desculpar-me-ha a ousadia de ir respigar seara tambem rastolhada.

E, conscio de que V.S. dignar-se-ha prestar assim um serviço ás sciencias e lettras, espero que dará publicidade em seo conceituado periodico á utilissima e notavel producção intellectual do—*d'Orbigny Paranaense*.—Deos Guarde a V. S. — Secretaria do Museo Paranaense, em Coritiba, 11 de Abril de 1886.—Illm. Sr. Luiz Coelho, proprietario do *Jornal do Commercio*.—O secretario, *Nivaldo Braga*.

(1) A proposito da lenda que se encontra á pag. 20 deste livro.



EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

Estampa 1

Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 — Pontas de frechas de quartzo, encontradas no logar denominado — Arêa Preta — na fazenda do Imbaú, Tibagi.
Figuras 6, 7 8, 9 e 10 — Pontas de frechas de quartzo, encontradas em Therezina e suas proximidades, no Ivahi.
Figura 11 — Faca de quartzo, encontrada em Therezina. Objecto rarissimo; só conhecemos este exemplar.
Figura 12 — Pequeno pilão de pedra; de Therezina.
Figura 13 — Triangulo de pedra; de Therezina.
Figura 14 — Triangulo de barro cosido; de Therezina: (parece-nos que estes dois objectos representam symbolos phalicos femininos).
Figura 15 — Roda de fuzo, de pedra; de Therezina. Todos os objectos desta estampa, estão representados em tamanho natural.

Estampa 2

Figura 16 — De pedra polida. Parece-nos que servia de martello. Do logar denominado — Coqueiros — Tibagi.
Figura 17 — Pedaço de mão de pilão, pedra polida; das immediações do Tibagi.
Figura 18 — Pedra polida, de uso desconhecido; da mesma procedencia do n. anterior.
Figura 19 — Faca de raspar, pedra polida; Tibagi.
Figura 20 — Machado de pedra polida, procedente do Jatahi.
Figura 21 — Mão de pilão, pedra polida, do vale do Ivahi; parece-nos ser um symbolo phalico masculino.
Figura 22 — Machado de pedra polida, dos Coqueiros, Tibagi.
Figura 23 — » » » » » » »
Figura 24 — » » » » » » »
Figura 25 — Pedaço de roda de fuzo, barro cosido, do Jatahi.
Figura 26 — Pedaço de machado, pedra polida, do Tibagi.

Digitized by Google

Estampa 3

Figuras 27 e 31 — Machados de pedra polida, da Serra da Prata, Ivahi.
Figuras 28, 29 — Machados de pedra polida, do Amparo, Tibagi.
Figura 30 — Mão de pilão, pedra polida.
Figura 34 — Objecto de uso desconhecido, pedra polida.
Figura 35 — Machado quebrado,pedra polida; as tres dos Coqueiros, Tibagi.
Figura 32 — Mão de pilão, pedra polida.
Figura 33 — Pilão de pedra polida. Ambos de Therezina, Ivahi.

Estampa 4

Figura 36 — Clava de pedra lascada, do Arroio-Grande, Tibagi.
Figuras 37, 38, 39, 40 e 41 — Pedaços de mãos de pilão, de pedra polida, de varias localidades do Tibagi.
Figuras 42 e 45 — Pedaços de machados de pedra polida do Tibagi.
Figura 43 — Mão de pilão de pedra polida, Coqueiros, Tibagi.
Figura 44 — Objeeto de pedra polida, uzo desconhecido, Tibagi.
Figura 46 — Machado de pedra polida, Tibagi.
Figura 47 — Machado de pedra polida do Imbahú, Tibagi.

Estampa 5

Figuras 48, 49 e 50 — Frechas de Guaranis, Jatahi.
Figuras 51 e 52 — Frechas de Coroados do Estado de Matto Grosso.
Figura 53—Arco de indio Goroado, de Matto Grosso.
Figura 54—Arco de indio Guarani, Jatahi.
Figura 55—Flauta de Kaingangue, Jatahi.
Figuras 56 e 57—Tembetás de rezina, dos Caiguás, Jatahi.
Figura 58—Chifre de boi, com dezenhos feitos pelos indios Kaingangues do Ivahi.
Figura 59—Outros dezenhos do mesmo chifre.

Estes objectos e outros mais que não estão dezenhados, existem em minha pequena collecção.

Digitized by Google

ata,

ei-

a

Digitized by Google

Digitized by Google

ERRATA

Em toda a obra : leia-se : Kaingangue.

pagina	11 :	*carubé*	leia-se	*cambé*
»	14 e 15 :	*goifá*	»	*goiofá*
»	18 :	*cangire*	»	*canigire*
»	23 :	morangos	»	morangas
»	26 ;	min-ârân	»	Min-ârân
»	» :	pedra	»	pedra.
»	28 ;	*Tong*	»	*Fong*
»	» :	*Hefé*	»	*Kefé*
»	34 :	em toda obra substitua-se *que* por *kê* nos vocabulos indigenas.		
»	34 :		leia-se :	*Cagmá, iengvê, vê oanan eió hó* (etc)
»	34 ;	*bangus*	leia-se :	*bangue*
»	» :	eiokang	»	*uokang*
»	» :	iê	»	jê
»	35 :	Feiê	»	Teiê
»	36 :	Grumt-xin	»	Grumt
»	» :	Lecenço	»	Leicenço
»	» .	Bong	»	Bang
»	» :	Hei	»	Xi
»	37 :	Manque	»	Mangue
»	» :	Abarambraia	»	Mharambroia
»	» :	Negrein	»	Nigrein
»	» :	Haxin	»	Xaxin
»	» ;	Hin	»	Xin
»	» ;	Haig	»	Xaig
»	» :	Coxin	»	Caxin

Digitized by Google

pagina	38 :	Mram mion	leia-se :	Mran mran
»	» :	Pondó	»	Pandó
»	»	Canéa	»	Cancá
»	» :	Faktom	»	Taktom
»	40 :	*Quexá banh*	»	*Quexá bang*
»	» :	*Concá*	»	*Cancá*
»	» :	Humá-hê ?	»	Hamá-hê ?
»	41 :	'hangue nanti	»	'hague nanti
»	42 :	Ueu-ti	»	Uen-ti
»	» :	'hangue	»	'hague
»	44 :	K mon	»	Keman
»	45 :	Keveu	»	Keven
»	48 :	pulkêcan	»	putkêcan
»	» :	Quexá vuvú	»	Quexá-taruro
»	» :	Quexá tan ti jura	»	Quexá-xin
»	» :	Quexa xatan	»	Quexá ruro keikê
»	» :	aramiróya	»	aramroya
»	» :	Tacópcopkô	»	Tacópcopkê
»	» :	meysne	»	Meyene
»	95 :	Cameyóki	»	Caneyóki
»	97 :	Rico	»	Bico
»	98 :	Tárerä	»	Tárerê
»	» :	emendo	»	enendo
»	99 .	Eprie	»	Epri
»	» :	Nhateã	»	Nhantcá
»	» :	Nhum	»	Nhom
»	100 :	Euniucuá (em kaingangue—supprima-se).		
»	» ;	calabaça	leia-se :	cabaça
»	» :	Copa	»	Prato
»	101 :	Olha pare chicha (supprima-se)		
»	102 :	Vaicurya	leia-se :	Vaicurcya
»	103 e 104 :	Padre	»	Pae
»	» » :	Madre	»	Mãe
»	» :	Bém	»	Bén
»	» :	Jóng	»	Ióng
»	104 :	Jambré	»	Iambré
»	105 :	Caprï	»	Coprï
»	» :	Hopéi	»	Kopéi
»	106 :	Quexang	»	Quexóng
»	» :	Oreng	»	Creng
»	» :	Canton	»	Cantou
»	107 :	Hói	»	Xói
»	108 :	met fei	»	met fu
»	108 e 109 :	Paterá	»	Patcrá
»	108 :	Boopohi	»	Boapohi

Digitized by Google

pagina	109 : Hé, Hu	leia-se :	Xé, Xu
»	110, 112 e 113 : Hé	»	Xé
»	111 : Hai	»	Xai
»	114 : Anrahet	»	Amahet
»	» : He	»	Xé
»	117 : nomes.	»	nomes de
»	118 : canisjuratus	»	canis jubatus
»	123 : pára, pára.	»	pára
»	127 : atravessam ?	»	atravessar ?
»	128 : e devido	»	é devido
»	134 : Hocrens	»	Xocrens
»	135 : Guaianás	»	Guaranis
»	136 : Nadana	»	Maïdana
»	» : Caigrús	»	Caiguás
»	» : Resumindo	»	Resumindo :
»	138 : Mao	»	Mãe
»	139 : Pé	»	Fé

Nota.

Quando aqui esteve no Paraná, em 1906, o Dr. Alberto Fric, autorizado pelo auctor, servio-se desta obra, em manuscripto, aproveitando apontamentos.



Digitized by Google

Digitized by Google

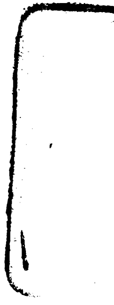
Indice

Digitized by Google

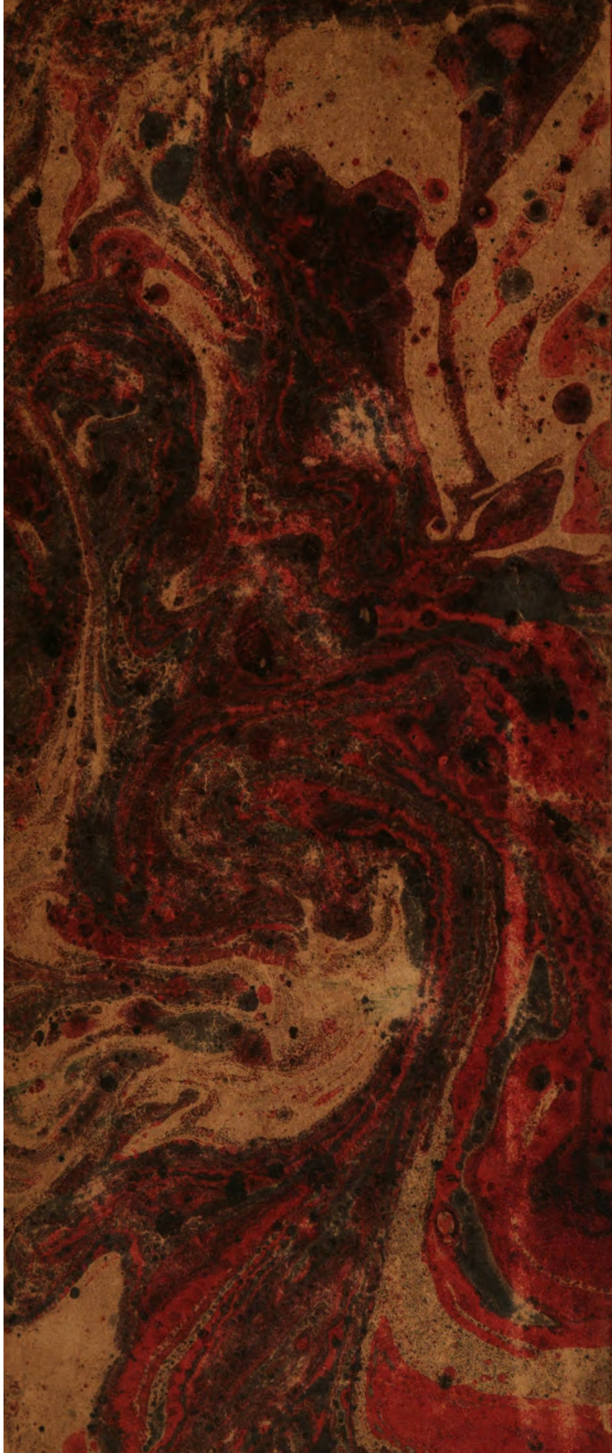
Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google



Digitized by Google



Digitized by Google